

PROJETO FINAL DE ARQUITETURA

2017 / 2018

ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Vertente Teórica Muxarabis | Rótulas| Gelasias: o caso de Alfama e Mouraria

Orientador Paula André | Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Vertente Prática Piscinas do Cais da Santinha

Tutor Pedro Botelho | Professor Catedrático Convidado, ISCTE-IUL

Inês Rocha de Sousa

Outubro 2018



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Inês Rocha de Sousa

Trabalho de projectos submetido como requisito para obtenção do grau Mestre em Arquitetura

Muraxabis | Rótulas | Gelasias : o caso de Alfama e Mouraria

Orientadora:

Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Piscinas do Cais da Santinha

Tutor:

Professor Arquiteto Pedro Botelho, Professor Catedrático Convidado, ISCTE-IUL

Outubro, 2018

Introdução Geral

Este caderno reúne uma investigação teórica distinta de uma investigação prática. Embora a evidente separação, são considerados aspetos abordados na vertente teórica que auxiliaram a materialização do projeto de arquitetura.

A vertente teórica resulta do interesse científico e académico pelos os muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e na Mouraria. A investigação tem como objetivo apresentar uma reflexão contemporânea sobre estas estruturas de madeira nas fachadas nos bairros em estudo, segundo uma perspetiva fotográfica que revela uma consciência da imagem tradicionalista de Lisboa. A partir da análise das fontes primárias, as fotografias do Arquivo Municipal de Lisboa e visitas ao local, permitiram um confronto com fotografias da atualidade, registadas pela autora sob o mesmo ponto de vista.

A vertente prática presume a elaboração de um estudo entre a vila de Alenquer e Carregado, distrito de Lisboa. Entendendo a frente ribeirinha do concelho de Alenquer como parte integrante de um eixo longitudinal, a investigação assumiu um território balizado entre a cidade de Lisboa e Santarém, repensando os lugares a partir de uma lógica à escala do baixo Tejo. O projeto insere-se numa estratégia de grupo, que privilegia a relação do espelho de água com os centros urbanos. A materialização do projeto de arquitetura localiza-se numa estrutura portuária fabril obsoleta, conhecida por Cais da Santinha ou Cais das Areias, na região de Azambuja, distrito de Lisboa.

ÍNDICE GERAL

Introdução Geral

I – Vertente Teórica: Muxarabis Rótulas Gelasias: o caso de Alfama e Mouraria	2-283
Das estruturas de madeira à expressão da arquitetura	27-42
Portugal Continental	43-71
Lisboa: Alfama e Mouraria	73-183
II – Vertente Prática: Piscinas do Cais da Santinha	285-361
Proposta de grupo: Uma paisagem perdida	285-295
Proposta individual: Piscinas do Cais da Santinha	297-362
Evolução	305-311
Infraestruturas	312-315
Paisagem	316-319
Processo Criativo	320-321
Referências	322-329
Memória Descritiva	324-333
Desenhos Técnicos	335-361

I – Vertente Teórica

Muxarabis | Rótulas | Gelosias: o caso de Alfama e Mouraria

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão.

À minha orientadora professora Paula André pela dedicação, apoio e persistência, que ao longo deste ano foram elementos fundamentais.

Ao meu tutor Professor Arquiteto Pedro Botelho pela sabedoria transmitida.

Aos meus colegas que me acompanharam nesta aventura.

Um especial agradecimento à Ana Lopes, Joana Contente e Miguel Carvalho por toda a paciência e ajuda.

Aos de sempre por me apoiarem em todos os momentos.

RESUMO

[Palavras-chaves: Estruturas de madeira, Muxarabis, Rótulas, Gelosias, Alfama, Mouraria]

Os muxarabis, rótulas e gelosias, são estruturas de madeira nas fachadas que aliam a sua estética à funcionalidade, proporcionando o controlo de iluminação e ventilação de um compartimento interior, que se relacionam com a expressão da arquitetura.

Embora sejam consideradas estruturas de uma cultura árabe, com a expansão do islão e consequentemente o domínio peninsular muçulmano, os muxarabis, rótulas e gelosias difundiram-se pelo território português, nomeadamente em Alfama e Mouraria. Estes bairros constituem as áreas mais antigas da cidade de Lisboa, com uma malha urbana semelhante às cidades do norte de África, formadas por ruas, ruelas e becos, com fachadas opostas muito próximas e sem privacidade.

Propõe-se uma abordagem que coloca em confronto as fotografias do Arquivo Municipal de Lisboa, que apresentem as estruturas em estudo, em Alfama e na Mouraria, com fotografias da atualidade, registadas pela autora sob o mesmo ponto de vista. A análise encontra-se fundamentada através das representações de arquitetura efémera em vídeo-documentais e da divulgação desta particular característica dos bairros em postais, revistas e gravuras.

Os muxarabis, rótulas e gelosias aparentam, numa primeira instância ser estruturas históricas, porém, através do seu estudo, constatou-se o seu surgimento no período do Estado Novo, tornando-se em um vício visual, uma imagem que é formada por uma questão de interesse. Por outro lado, atualmente estes bairros evidenciam uma grande promoção turística. Esta conjuntura, proporcionou uma sistemática aplicação dos elementos de forma desconsiderada, através de estruturas que mantêm a traça anterior, concebidas em PVC, e com mecanismos modernos.

ABSTRACT

[Keywords: Wooden structures, Muxarabis, Rótulas, Gelosias, Alfama, Mouraria]

The “muxarabis”, “rótulas” and “gelosias” are wooden structures on the facades that combine their aesthetics with functionality, providing the control of lighting and ventilation of an interior compartment, which relates to the expression of the architecture.

Although they are considered structures of an Arab culture, with the expansion of Islam and consequently the dominion of the Muslim in Iberian Peninsula, “muxarabis”, “rótulas” and “gelosias” spread throughout portuguese territory, namely in Alfama and Mouraria. These neighborhoods are the oldest areas of the city of Lisbon, with an urban network similar to the cities of North Africa, formed by streets, alleys and dead ends, with opposing facades very close and without privacy.

It is proposed an approach that puts in confrontation the photographs of the Lisbon Municipal Archives, which present the wooden structures in Alfama and Mouraria with current photographs, resgisted out by the author under the same point of view. The analysis is based on representations of ephemeral architecture in video documentaries and the dissemination of this particular characteristic of the neighborhoods in postcards, magazines and engravings.

The “muxarabis”, “rótulas” and “gelosias” seem, in the first instance, to be historical structures; however, through their study, it was verified that they appeared in the Estado Novo period, becoming a visual vice, an image that is formed by an issue of interest. On the other hand, these neighborhoods nowadays show big tourist promotion. This conjuncture, provided a systematic application of the elements in a disregarded way, through structures that maintain the former, designed in PVC, and with modern mechanisms.

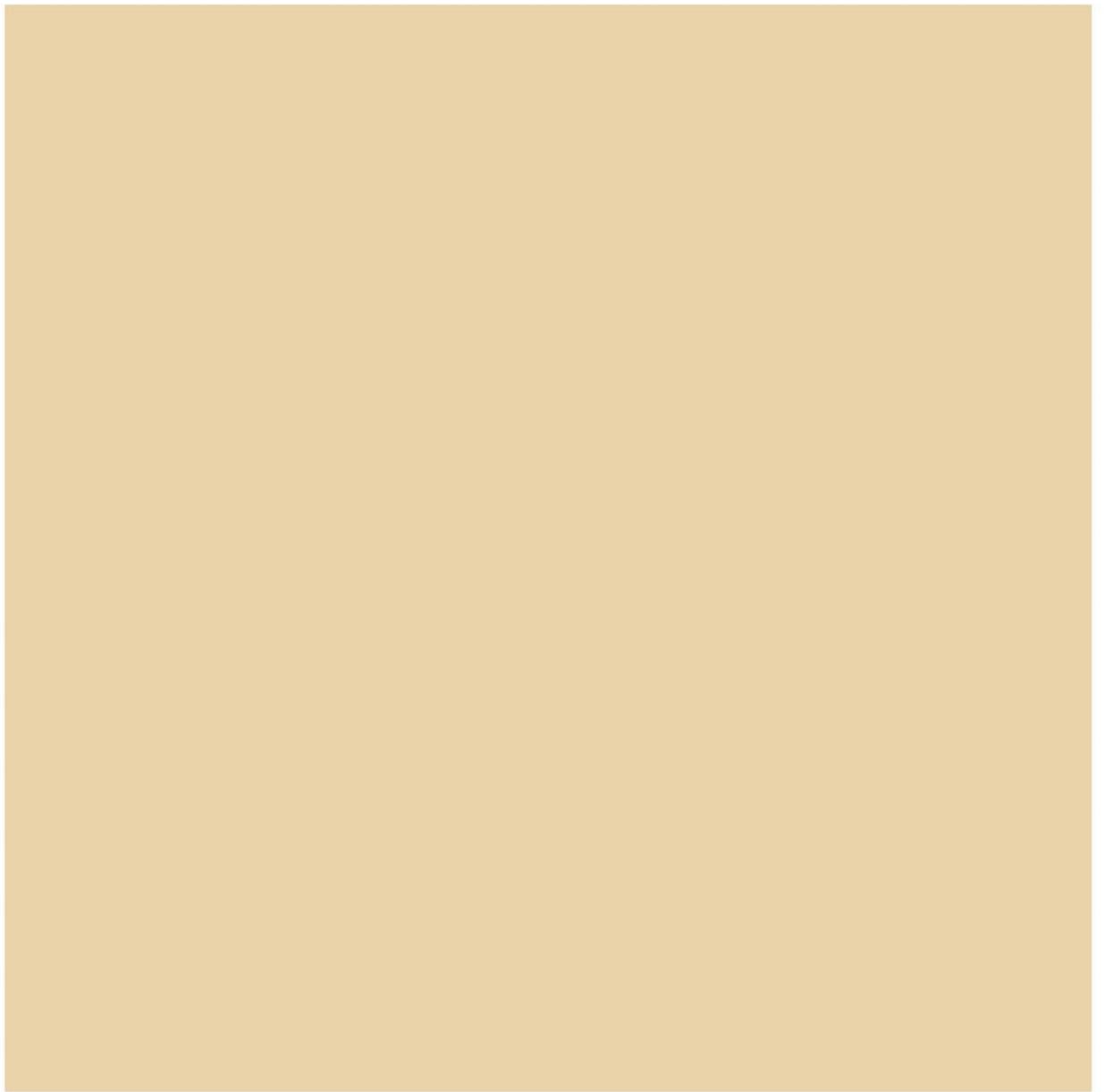
ÍNDICE

I-	Agradecimentos	
II-	Resumo Abstract	
0	Introdução	2
1	Muxarabis Rótulas Gelosias: das estruturas de madeira à expressão da arquitetura	27
	1.1. Iluminação Conforto Ambiental	28
	1.2. Arquitetura Islâmica	30
	1.3. Expansão do Islão	30
	1.4. Clarificação de conceitos (muxarabi, rótulas, gelosias)	34
	1.5. Sistema construtivo das estruturas	38
	1.6. Cultura Islâmica - qual a sua utilidade social e cultural destas estruturas	40
2.	Muxarabis Rótulas Gelosias: em Portugal Continental	43
	2.1 Portugal Islâmico	44
	2.2 Utilização de elementos em madeira em Portugal Continental	47
	2.3 Portugal Continental Levantamento das estruturas em estudo presente em Arquitetura Popular em Portugal	49
	Zona 1 Minho	
	Zona 2 Trás-os-Montes	
	Zona 3 Beiras	
	Zona 4 Estremadura	
	Zona 5 Alentejo	
	Zona 6 Algarve	

3. Muxarabis Rótulas Gelasias: Alfama e Mouraria	73
3.1 Alfama e Mouraria: do contexto atual à origem do nome	74
Contexto Atual	76
Pré-Romanos	78
Ocupação Romana	80
Ocupação Árabe	83
Reconquista Cristã	87
Século XIV-XV	89
Século XVIII	92
Século XIX e XX	96
3.2 A expressão tradicional da cidade de Lisboa	104
Imagem que apresentava Alfama e Mouraria	106
Representações das estruturas	124
Divulgação através de postais e gravuras	142
3.3 A ordem regia e eliminação destas estruturas	162
3.4 Confronto das fotografias antigas com a atualidade - Arquivo Municipal de Lisboa	164
Arquivo Municipal de Lisboa	164
Estruturas que perduram	165
Estruturas que perduram sem valor funcional	168
Estruturas que desapareceram	171
Estruturas que reapareceram	176
3.5. Muxarabis Rótulas Gelasias: nas novas construções do Estado	182

Novo

Considerações Finais	184
Bibliografia	194
Índice e créditos das imagens	200
Anexos	221
Anexo I – Levantamento fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa (1898 – 1973)	221
Anexo II – Frames documentários	245
Anexo III- Gravuras e ilustrações	255
Anexo IV – Fotografias do Autor	264



0 - INTRODUÇÃO

[PFA, Tema, Objetivos, Metodologia, Estado da arte, Estrutura e Contributos]

No âmbito do Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura do ano letivo 2017/2018, do ISCTE-IUL (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas – Instituto Universitário de Lisboa) foi proposta aos alunos a materialização do projeto de arquitetura tendo como premissa o território de Alenquer e Carregado.

A localização estratégica destas áreas, inseridas na Área Metropolitana de Lisboa (AML) proporciona um ponto de partida para o estudo do Rio Tejo e toda a frente ribeirinha esquecida e muitas vezes obsoleta, com extensas áreas de produção agrícola e industrial.

A vertente prática insere-se na frente ribeirinha de Azambuja numa estrutura portuária fabril obsoleta. A proposta visa devolver a ligação da população com o Tejo através de um programa de lazer que permite o contacto com o rio.

A vertente teórica não apresenta uma interligação evidente com a vertente prática. O tema desta investigação são as estruturas de madeira integradas na arquitetura. O estudo centra-se nas estruturas treliçados de controlo de ventilação e iluminação, os muxarabis, rótulas e gelosias, da estrutura mais complexa à mais elementar, que conferem particular identidade a Alfama e Mouraria. Desenvolve-se uma reflexão sobre estas estruturas, através de uma abordagem fotográfica, que verifica a sua influência estética e funcional nos bairros em estudo.

Considera-se relevante compreender os seus contributos na construção da expressão dos bairros através de um confronto de registos fotográficos do Arquivo Municipal de Lisboa recolhidos entre 1898 e 1973 de Alfama e Mouraria, que expressem muxarabis, rótulas e gelosias nas fachadas, com registos contemporâneos, realizados pela autora, sob o mesmo ponto de vista.

Tema

O tema desta investigação surge na sequência de um interesse pessoal pela iluminação de um espaço arquitetónico e por elementos sustentáveis que proporcionam, simultaneamente o controlo da ventilação e iluminação, dois fatores de extrema importância para o conforto de um espaço. Os muxarabis, rótulas e gelsias são elementos sustentáveis que realizam o controlo das duas funções, iluminação e ventilação, associados à sua expressão.

Estes elementos compostos por treliças em madeira permitem ainda privacidade, uma vez que, é possível ter uma visão do exterior por parte das pessoas que se encontram no interior, no entanto, a perspectiva contrária não é possível.

De modo a clarificar conceitos, para a presente vertente teórica, são consideradas as designações de Mariano Filho, em “Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira” que considera os muxarabis estruturas aplicadas em vãos de fachada, salientes e fechadas, composto por rótulas e gelsias. As rótulas eram utilizadas na parte superior, visto que, possuíam uma articulação das secções segundo um eixo horizontal superior ou um eixo vertical. Por sua vez, as gelsias eram aplicadas nas áreas inferiores, constituídas por uma estrutura fixa treliçada. Estes elementos também se apresentam de forma singular. Os fascículos de “Documentário Arquitetónico” identificam uma distinção através de gravuras coincidente com as designações de Mariano Filho.

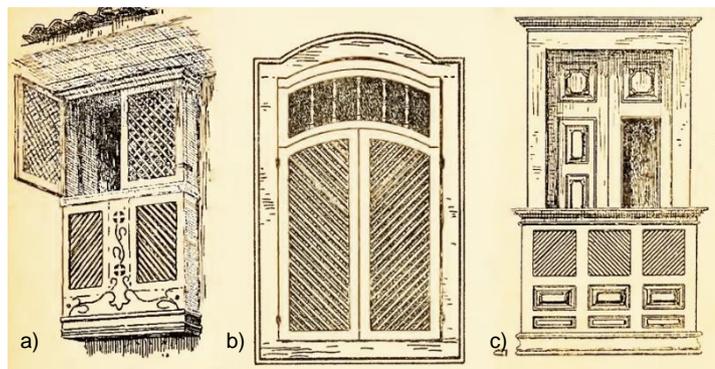


Figura 1 – Distinção de a) muxarabis, b) rótulas c) gelsias

Os bairros em estudo, apresentam vestígios de uma presença árabe, e estabelecem-se como áreas históricas de Lisboa. Com uma malha sinuosa e apertada, característica destes bairros, considera-se que a presença de muxarabis, rótulas e gelosias, relaciona-se com a malha urbana, na qual a função e a ornamentação são complanares. Através do levantamento de registos fotográficos do Arquivo Municipal de Lisboa, referentes às estruturas de madeira nas fachadas em Alfama e na Mouraria, compreendidos entre 1898 e 1973, é possível perceber dois bairros com aparência tradicionalista através da expressão da arquitetura.

A partir do período do Estado Novo, 1933-1974, Alfama e Mouraria destacam-se, sendo consideradas áreas pitorescas e apreciadas. De modo a evidenciar os muxarabis, rótulas e gelosias, estes são salientados em exposições de arquitetura efémera que estabelecem uma imagem da cidade antiga, como a “Exposição Lisboa Antiga”, em comemoração das Festas da cidade de 1935, e “Exposição do Mundo Português” de 1940, registadas em vídeo-documental e fotografias. Nestas exposições enaltecem e reconstróem os elementos de madeira nas fachadas e idealizam uma vivência da cidade através da apresentação do seu valor estético e funcional, com o objetivo de transmitir uma cidade tradicionalista.

A “Exposição Internacional de Paris” de 1937 coloca, de forma clara, Alfama e Mouraria como pontos turísticos, numa exposição inserida no pavilhão de Portugal no sector do turismo, integrando um conjunto de locais com grande prestígio turísticos como Cascais e Estoril.

Num contexto contemporâneo Lisboa é alvo de uma grande promoção turística e os bairros históricos são apresentados como pontos imaculados, que permaneceram sem alterações ao longo dos tempos. Contudo, essa imagem destes territórios não é a realista. Apesar de atualmente estes elementos serem apresentados como objetos pitorescos e peculiares, é realçado a malha urbana como marca histórica.

Objetivos

O ensaio teórico tem como objetivo compreender os muxarabis, rótulas e gelosias e o modo como influenciam a expressão da arquitetura, conferido uma imagem tradicionalista a Alfama e Mouraria. Assim, procura analisar e verificar os seus contributos funcionais e estéticos, que se relacionam com a sua localização e a malha urbana nos bairros em estudo.

Este trabalho pretende compreender as estruturas de madeira, de forma a analisar e a recuperar a imagem destes bairros, presente em registos visuais. Embora estas estruturas tenham sido apresentadas como históricas, o seu estudo pretende confirmar se realmente são. Considera-se os registos fotográficos, foto-documentais, documentários e gravuras, documentos imprescindíveis para o entendimento da imagem tradicional destes bairros em Lisboa.

Durante o período do Estado Novo estas estruturas foram destacadas em Portugal. A pertinência de uma breve análise das estruturas de madeira nas fachadas, em Portugal Continental, através do levantamento e mapeamento das fotografias, realizadas para a composição do livro “Arquitectura Popular em Portugal”, entre 1955-1960 que continham as estruturas em estudo, possibilita a contextualização destas na cidade de Lisboa, partindo de um panorama nacional. O período temporal dos registos, compreende os anos de 1933-1974, momento que se insere a maioria dos registos recolhidos do Arquivo Municipal de Lisboa relativos a Alfama e a Mouraria.

Considera-se que, os muxarabis, rótulas e gelosias, constituem um léxico de estruturas arquitetónicas com ensinamentos vernaculares e sustentáveis, que foi passado de geração em geração. Assim, através de um olhar contemporâneo sob estas estruturas e sob a conjuntura atual dos bairros pretende-se compreender a importância destas, e o modo como são replicadas atualmente.

Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho baseou-se na análise de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias consistem nas fotografias recolhidas de Alfama e Mouraria, do Arquivo Municipal de Lisboa entre 1898 e 1973 que possuem muxarabis, rótulas e gelosias nas fachadas. Estas fotografias correspondem a todos os registos que estão disponíveis até à data da realização desta dissertação na base de dados do Arquivo Municipal de Lisboa. São elementos fundamentais que constituem um documento e memória da expressão por via da fotografia, uma vez que testemunham, através da imagem, um ponto particular da cidade de Lisboa. Os bairros de Alfama e Mouraria constituem outra fonte primária de investigação, realizando-se diversas visitas ao local, de modo a perceber o espaço e realizar registos *in loco*. As visitas ao local foram imprescindíveis, a fim de compreender o espaço de um ponto de vista do visitante, de modo a relacionar com os registos do arquivo.

Numa segunda fase, realizou-se uma pesquisa no Arquivo da Cinemateca relativamente a documentários sobre Lisboa na época em estudo, “Alfama a Velha Lisboa” de 1930, “Festas da Cidade de Lisboa” de 1935 e “Exposição do Mundo Português” de 1940. Estes documentos constituem elementos de apoio à investigação.

As fontes secundárias auxiliam na consolidação do estudo e procedeu-se a uma investigação exaustiva sobre o tema ou próximo dele, através de uma pesquisa de trabalhos académicos (nacionais e internacionais), em catálogos e/ou repositórios online como *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal* (RCAAP), o *Colcat -catálogo coletivo*, a base de dados do Google Académico. A consulta e recolha de documentação teve lugar em diversas bibliotecas, a Biblioteca da Ordem dos Arquitetos, a Biblioteca Nacional de Portugal, a Biblioteca do ISCTE-IUL e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. De modo a complementar, foram analisadas outras fontes como revistas, artigos, atas de seminários e Websites.

A consulta de todas estas fontes auxiliou a estruturação do trabalho e os objetivos a que estas investigação conduz.

Este trabalho está redigido de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa e todas as citações e transcrições são realizadas no idioma de origem, de modo que o processo de tradução não sejam perdidos qualquer tipo de informação. As referências bibliográficas adotam a *Norma Portuguesa 405* (NP 405).

Estado da Arte

O tema muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria tem vindo a ser desenvolvido em arquitetura, contudo, continua pouco explorado. No panorama nacional existem diversos estudos, investigações e publicações que contribuem para o Estado da Arte numa vertente historicista destes bairros de Lisboa, que de algum modo mencionam os elementos de madeira nas fachadas ou analisam a presença árabe na cidade de Lisboa e as grandes transformações ao longo dos diversos períodos de tempo.

No livro *Lisboa desaparecida* (Volume 1) da olisipógrafa portuguesa Marina Tavares (1990)¹ expressa uma Lisboa histórica, ilustradas com fotografias a preto e branco. A investigação é suportada pelo primeiro volume que contempla o texto *Ai Mouraria* entre outros sobre a cidade de Lisboa narrando as transformações que a capital sofreu durante períodos marcantes para o território.

Inicialmente, a Mouraria em Lisboa estabeleceu-se fora das muralhas da cidade, possuindo uma pequena mesquita no seu topo. Contudo, as leis realizadas por D. Pedro I eram muito restritas e a comunicação entre os judeus e cristãos era limitada. No reinado de D. Fernando surgiu a necessidade de uma nova cerca devido à expansão da cidade, incorporando o Martim Moniz, mas deixando de fora

¹TAVARES, Mariana – *Lisboa desaparecida*. 5ª ed Lisboa: Quimera, 1990, vol I

grande parte da Mouraria. Em 1496, no reinado de D. Manuel, um decreto obrigou os mouros a converterem-se ao cristianismo ou abandonarem o país, o que originou uma invasão do território da Mouraria por parte dos Cristãos. Assim, no final do século XVIII, a morfologia e fisionomia da Mouraria era muito idêntica a Alfama. Em 1940, iniciou-se a operação de limpeza, o que resultou numa grande destruição de património e descaracterização total do território.

Em Cadernos de reabilitação urbana - *Alfama, caracterização sociológica da habitação* promovido pela Direção Municipal de Reabilitação Urbana (1991)² apresenta uma análise de estudo de casos através de um levantamento dos edifícios em Alfama.

Este território da cidade é habitado por uma população enraizada com grandes ligações de vizinhança e com maneiras próprias de se apropriar do espaço. Nos anos 80, atravessa uma fase de grande degradação, o que provocou a criação do Gabinete Técnico Local por parte da Câmara Municipal de Lisboa para desenvolver as ações de reabilitação. Este caderno, sistematiza a informação através de um registo mapeado, entre eles o estado de conservação dos edifícios entre 1986-87 comparando-o com o ano 1991.

Andreia Magalhães, em *Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa* (2008)³. Para esta investigação o interesse centra-se no capítulo cinco, referente à génese e caracterização dos bairros de Alfama e Mouraria. Estes territórios correspondem à ocupação mais antiga da região de Lisboa que ainda conservam as suas estruturas urbanas até a atualidade.

² RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, *Alfama, caracterização sociológica da habitação*, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991

³ MAGALHÃES, Andreia - *Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa*. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. ISBN 9789728106461

É apresentado uma breve contextualização histórico urbanística desde a ocupação do espaço por povoados, passando pela ocupação romana e árabe até à reconquista cristã, mencionando a importância destas duas localidades na formação da cidade de Lisboa. Contudo, Mouraria alcança maior destaque com a reconquista cristã uma vez que os mouros tiveram de se deslocar para esta área depois da reconquista de D. Afonso Henriques. No subcapítulo correspondente ao tecido social, a avaliação demográfica é preocupante, estando estes bairros com uma quebra demográfica elevada, existindo pessoas com baixos níveis de escolaridade. Relativamente à degradação e desqualificação dos bairros em estudo, deve-se à pouca ou nenhuma intervenção técnica ao longo dos anos. Para irromper com o ciclo de degradação, os núcleos antigos da cidade foram contemplados com Gabinetes Técnicos Locais de modo a desenvolverem um processo de reabilitação, sendo o principal objetivo a criação de instrumentos de planeamento com a elaboração de planos de salvaguarda. Contudo, não se conseguiu realizar todas as propostas programadas devido ao fraco orçamento disponibilizado para os Gabinetes, todavia, após uma década de intervenções as melhorias eram significativas nos bairros de Alfama e Mouraria.

Relativamente a publicações periódicas, a edição número três de *Jornal Arquitectos*, de notar o artigo *Alfama: morte ou recuperação?* (1985)⁴. Para o autor, Alfama tem dois períodos distintos na história em que o território sofreu o risco de devastação.

O primeiro período seguiu-se ao terramoto de 1775, uma vez que a reconstrução teve de ser realizada pela população com recurso a técnicas e materiais rudimentares, o outro em 1985, o período em que a publicação foi editada. Neste segundo período, de modo a impedir a degradação e abandono de Alfama é defendido a criação de um Plano de Salvaguarda e Recuperação de Alfama cujo objetivo

⁴ SUL, Associação dos Arquitectos Portugueses Secção Regional do - *Alfama: morte ou recuperação?*. In, *Jornal Arquitectos*. nº 3 (1985) p.9

era revitalizar a área de modo a proporcionar melhores condições de habitabilidade e a limpeza e reconstrução das características ancestral das fachadas exteriores.

Outra publicação periódica que aborda o território de Alfama é a edição número dez e onze da revista *Sociedade e Territórios*, contempla o artigo *Construção social de um objeto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama* de António Firmino da Costa e Manuel João Ribeiro (1989)⁵, retrata a preocupação do autor com o futuro de Alfama.

Este território, habitado por uma população de estrato social económico baixo, apresenta construções realizadas ao longo dos anos por habitantes consoante as suas necessidades, numa malha apertada e labiríntica. O aumento do número de pisos, escavações na encosta de modo a criar mais uma divisão ou a criação de logradouros e saguões, são exemplos de alterações que prejudicam a estrutura dos edifícios.

Este artigo alerta para uma reabilitação da cidade, uma vez que a tendência é a substituição de funções habitacionais por escritórios e armazéns o que origina a uma negligência na conservação dos edifícios. Fatores como a promoção turística e o espírito barrista, preocupação com a cultura e o património existente em Alfama originam uma reabilitação arquitetónico - urbanísticos e socioculturais. É assim criado dois organismos de modo a responder às necessidades, o Gabinete Técnico Local formada em 1985 (GLT), juntamente com a Associação do Património e da População de Alfama constituída em 1987 (APPA).

⁵ COSTA, António Firmino, RIBEIRO, João Manuel - Construção social de um objecto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama, In **Sociedade e Territórios**, n.º 10-11 (1989)

. A edição número 151 da revista *Associação dos Arquitectos Portugueses* (1995)⁶ é dedicada aos bairros históricos de Lisboa. Apresenta uma reabilitação consciente nos núcleos de Alfama e da Mouraria. Os edifícios da cidade sofreram alterações após o terramoto e ao longo dos tempos, contudo as diferenças de fachada foram mais visíveis no início do século XIX. A ausência de manutenção e preocupação com o valor histórico originou a que se estabelecesse uma metodologia de intervenção, tendo como objetivo continuar com a traça dos edifícios, como os andares de ressalto e elementos em madeira, restabelecendo a imagem de original destes locais da cidade.

A edição especial da revista *Architécti, Reabilitação urbana – Bairros históricos de Lisboa* (2000)⁷, apresenta uma investigação de diversos territórios históricos com o intuito de preservar a essência dos locais. É de notar, para a presente investigação o texto da Arquiteta Alberta Midões referente à Mouraria.

A Rua da Mouraria mesmo não possuindo edifícios de elevado valor patrimonial, era o objeto de estudo do Gabinete Local que aborda o projeto com duas metodologias distintas. Por um lado, realizam intervenções sem projeto e muitas vezes de carácter provisório, por outro lado, recorrem a intervenções profundas em edifício ou frente de rua. Ao nível da metodologia de intervenção profunda, propunham uma renovação através do conhecimento exaustivo do local, que tinha como premissa a eliminação de elementos dissonantes e recuperação da traça original. Exemplifica as fases de trabalhos recorrendo inicialmente ao estudo da Rua. Estas fases vão desde o levantamento, diagnóstico e programa até ao projeto e obra para a rua da Mouraria.

⁶ TOUSSAINT, Michel - Bairros Históricos Lisboa. *Jornal Arquitectos*. n.º151 (1995)

⁷MIDÕES, Alberta – Reabilitação urbana, Bairros históricos de Lisboa. *Architécti* nº52 (2000)

Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica, trabalho académico de Alexandre Marreiros (2012)⁸, salienta as semelhanças entre Alfama e as medinas do Norte de África. Na sua investigação concentra a análise de quatro casos de estudo, Alfama, Tânger, Fez e Chefchaouen.

Através de uma comparação de Alfama com as medinas das cidades em estudo no Norte de África, é apresentado um confronto fotográfico que permitem descortinar os fatores e características que se pode encontrar em Alfama em simultâneo nas medinas islâmicas do Norte de África. As características evidentes desta comparação é a organização espacial uma vez que, o modelo urbano tem um carácter orgânico pois não teve um planeamento. Outra semelhança é a utilização de muxarabis, presença de grande notoriedade das medinas islâmicas, porém pouco recorrente em Alfama, uma vez que o clima em África é seco e quente e Lisboa como possui um clima mediterrâneo, estes elementos foram substituídos por janelas de vidro.

Em conclusão desta investigação, para o autor, Alfama é uma *medina* no coração da cidade de Lisboa, uma vez que as semelhanças verificadas entre o bairro e as medinas em estudo conferem a Alfama uma continuidade de uma semelhança, devido à forte relação existente com a água, principal característica para a fixação e desenvolvimentos de uma medina islâmica.

Interpretação e Valorização do Património Cultural no Bairro Histórico da Mouraria, trabalho académico de Nicole Cruz (2015)⁹ realiza um estudo sobre a Mouraria de modo a compreender a viabilidade de visitas guiadas inseridas no projeto Mouraria para Todos.

⁸ MARREIROS, Alexandre dos Santos - *Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado.

⁹ CRUZ, Nicole Alexandra Pires- *Interpretação e Valorização do Património Cultural no Bairro Histórico da Mouraria*. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de História 2015. Dissertação de Mestrado.

A valorização do património de Lisboa é um tema muito discutido iniciado em 2009 com o programa “QREN Mouraria: as cidades dentro da cidade” que promovia operações de valorização do território ao nível da cultura material e imaterial. Outros programas seguiram-se a esta ação de valorização, na “Carta de Estratégia de Lisboa 2010-2024” e “Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011-2024” criada com os objetivos e desafios traçados na primeira carta.

Para a autora as visitas guiadas contribuem para a valorização do património cultural uma vez que, sensibilizam tanto os habitantes como os visitantes para a dimensão histórica do território, promovem a inclusão da população em dinâmicas sociais de divulgação do seu bairro. Contudo, para o sucesso deste programa é necessário recorrer a uma “investigação, inventário, proteção, restauro e gestão do património” de forma a promover uma divulgação autêntica de modo que o património cultural possa ser valorizado e vivenciados por residentes, visitantes e turistas.

Interessam diversos encontros que discutem as transformações da cidade de Lisboa. Exemplo disso, o 6º Encontro de Arqueologia no Algarve, *Lisboa Islâmica: uma realidade em construção* (2008)¹⁰, com texto realizado por Jacinta Bugalhão, aborda uma preocupação e interesse pela arqueologia islâmica da cidade de Lisboa que permitiu fundamentar e completar os conhecimentos históricos existentes. Este colóquio incide nos vestígios encontrados na cidade que se nominava à época *Luxbuna*, e constata que cerca de 10 % dos sítios em Lisboa têm ocupação islâmica. Esta investigação ainda concentra algumas lacunas uma vez que os projetos de investigação e conhecimento desta realidade na cidade de Lisboa são escassos.

No panorama nacional são escassos os estudos ou investigações sobre muxarabis, rótulas e gelosias, contudo, diversos autores referem a existência destes elementos em Alfama e Mouraria.

¹⁰ O GHARB NO AL-ANDALUS, SINTESES E PERSPECTIVAS DE ESTUDO, 23,24,25, SILVES, 2008 – *Lisboa Islâmica: uma realidade em construção*: atas. Silves, 2008

Interessam monografias, investigações, publicações, artigos, num panorama nacional e internacional, que abordam o tema dos elementos de madeira nas fachadas e a sua expressão, com influência árabe.

Em *Notas sobre Portugal* (1908)¹¹ constituído por dois volumes publicados no seguimento da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, formula um documento expositivo que apresenta uma visão do país. No artigo de João Barreira, inserido no segundo volume, *A habitação em Portugal*, este evidencia uma arquitetura consoante as características morfológicas e populacionais do lugar em que se insere. De acordo com o autor, a persistência mourisca no território nacional, influência a ornamentação das casas urbanas. As rótulas são apresentadas como um elemento de influências anteriores à fundação da nacionalidade manifestada através dos vãos das habitações pelo território nacional.

Mariano Filho, em *Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira* (1943)¹² recorre a uma clara distinção entre muxarabis, rótulas e gelosias. O autor apresenta ilustrações de arquitetura do final do século XVIII com detalhes das fachadas, destacando-se as estruturas em estudo. Relaciona a arquitetura brasileira com uma identidade ibérica de origem muçulmana. Através das suas referências denota uma preocupação em relação à arquitetura com carácter eventualmente brasileiro, o Neocolonial.

José Wasth Rodrigues em *Documentário arquitetónico* (1944)¹³ destaca a arquitetura civil brasileira, de modo a reconhecer e valorizar através de gravuras de elementos deste património desde o século XVII até ao início do século XX. Ressalta estas estruturas em estudo para a proteção dos vãos

¹¹ BARREIRA, João - A habitação em Portugal. In, **Notas sobre Portugal. Exposição Nacional do Rio de Janeiro**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, vol II P.147 – 178

¹² FILHO, Mariano- **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.12

¹³ RODRIGUES, José Wasth – **Documentário Arquitetónico**. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1944 vol. I, II, III, IV, V, VI, VII

e ornamentação de forma funcional, apresentando exemplos por todo o Brasil. Consta assim, que eram muito utilizadas no Brasil até ordem de sua retirada em 1874. Na investigação realizada é apresentado em vários fascículos, ruas, edifícios e elementos singulares.

Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica 1940 (1957)¹⁴ descreve a exposição idealizada por Dr. Augusto de Castro, o Engenheiro Sá e Melo e o Arquiteto-chefe Cortinelli Telmo, como uma das grandes iniciativas político-culturais do Estado Novo, elaborada no território de Belém. Em comemoração dos oito séculos da Independência Nacional e dos três séculos da Restauração, a exposição teve uma forte adesão. No livro são apresentadas as diferentes secções da exposição, recorrendo a uma memória descritiva acompanhada por um exaustivo registo fotográfico, que permite um conhecimento total dos diferentes espaços. Os muxarabis, rótulas e gelosias são retratados no Bairro Comercial, que recria um bairro quinhentista da região de Lisboa, com grande expressão destes elementos nas fachadas.

Ferreira de Andrade em “Lisboa” (1960)¹⁵ realiza um contexto histórico de Lisboa e dos seus bairros típicos. Este enaltece os bairros históricos uma vez que, sobreviveram ao sismo de 1755 e testemunharam a epopeia marítima portuguesa. O bairro do Castelo e Alfama são considerados pelo autor como nova área que desperta a curiosidade turística. A colina e acrópole do Castelo evoca o passado glorioso e os reis de Portugal. Por sua vez, Alfama, com o seu aspeto pitoresco, compreende um bairro humilde e fidalgo.

Do mesmo autor, o livro *Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas* (1968)¹⁶ promove um entendimento de Lisboa mediante a apresentação de pequenas descrições relativas a locais, aspetos e vivências da cidade. De relevância para o presente trabalho, o capítulo “Legendas de Alfama”, apresenta um conjunto de descrições dos espaços e áreas típicas de Alfama, sem acompanhamento

¹⁴ **Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica**. Lisboa: Edições SNI, 1957

¹⁵ ANDRADE, Ferreira de - **Lisboa**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960

¹⁶ ANDRADE, Ferreira de - **Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1968

visual. Com foco no aspeto tradicionalista desta área da cidade, descreve as ruas e becos com muxarabis, rótulas e gelosias.

Lisboa no Passado e no Presente (1971)¹⁷, composto por 12 fascículos, tem como objetivo contextualizar a cidade de Lisboa através da imagem. Ao longo dos fascículos salienta as características, as cores, os estilos e um passado glorioso. As imagens são acompanhadas por breves descrições de modo a ligar o passado ao presente. Prevê uma cidade que cresce os seus limites administrativos, segundo, a lógica de urbanizações com edifícios de grande cêrcea, a recuperação da frente ribeirinha até Algés e a transferência do aeroporto para a margem sul. Para esta investigação foram consultados o fascículo seis, oito e onze, que exibem as reminiscências as áreas velhas da cidade por meio de fotografias e de gravuras de Roque Gameiro.

Lisboa Velha (1993)¹⁸ do pintor português, Roque Gameiro, reúne 100 ilustrações das áreas antigas da cidade, incluindo Alfama e Mouraria. Esta obra é composta por trabalhos realizados ao longo dos anos pelo artista, que invoca uma cidade histórica e lugares pitorescos de Lisboa. Os muxarabis, rótulas ou gelosias são apresentados na maioria das ilustrações. Descreve através das suas imagens a vivência dos espaços e transmite uma visão dos elementos em estudo, quer à escala geral inserida numa rua, quer a uma escala particular e de relação pessoal com o elemento.

Rosa Varela Gomes no artigo *O Magrebe e o Gharb al-Andalus: Testemunhos arqueológicos e simetrias culturais (século VIII-XIII)* (2004)¹⁹ salienta a proximidade geográfica de Lisboa com o

¹⁷ **Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971

¹⁸ GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2º. Lisboa: Vega, 1993.

¹⁹ GOMES, Rosa Varela - **O magrebe e o Gharb Al-Andalus: testemunhos arqueológicos e simetrias culturais (séculos VIII-XIII)**. Lisboa: Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 2004 n. 17-18, p.110 - 124 Disponível em: < <http://cvc.instituto->

Mediterrâneo e as repercussões durante séculos desta cultura que se fixou na Península Ibérica. Os contributos da permanência muçulmana são visíveis na arquitetura civil, religiosa ou militar como também nas estruturas socioeconómicas e ideológicas. É possível registar estruturas urbanas, edificações e elementos em bom estado de conservação, o que permite reconstituir o quotidiano e vivências da população durante o domínio muçulmanos.

Rafael Bezerra Carvão realiza um trabalho académico de final de mestrado, *A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica* (2009)²⁰. Esta dissertação apresenta uma possível justificação para a eliminação de elementos como os muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil no século XIX. Para o autor, o decreto de 1809 que obrigava a retirada de todas estas estruturas, surge no seguimento da abertura do Porto às Nações Amigas em 1808, constituindo o principal motivo devido à dominação das nações industrializadas como a Inglaterra sob Portugal. Estas nações industrializadas importavam vidro e estruturas de ferro fundido para o Brasil, como tal, a eliminação dos elementos de madeira promove uma procura aos novos materiais industrializados, de modo a realizar a substituição.

Na tese de Renata Paulert, *Uso de elementos vazados na arquitetura: Estado de três obras educacionais contemporâneas* (2012)²¹, o autor propõe uma reflexão sobre a utilização dos elementos vazados na cultura brasileira através de um estudo dos estilos arquitetónicos tradicionais. A intenção desta tese é compreender, num panorama atual, a adaptação destes elementos, de influências

camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no17-18-relacoes-luso-marroquinas.html. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁰ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado.

²¹ PAULERT, Renata - **Uso de elementos vazados na arquitetura: Estado de três obras educacionais contemporâneas** – Universidade Federal do Panamá, 2012. Dissertação de Pós-Graduação em Construção Civil.

islâmicas. Com a colonização portuguesa são adaptados ao clima e ao estilo de vida brasileiro, desde o seu aparecimento até à modernidade.

Heloisa Maria Paes Souza, realiza um trabalho académico, *Soluções urbanísticas e arquitectónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)* (2012)²² que salienta a importância das estruturas para o conforto climático. Na sua investigação, concentra a análise em dois casos de estudo de cidades do semiárido do Brasil, Oeiras e Icó, confrontando com as soluções de conforto ambiental encontradas em cidades muçulmanas. Deste modo, a autora defende que a presença de elementos de controlo climático nas cidades em estudo, advém de uma presença muçulmana em território português, e encontradas no Brasil por intermédio de colonos portugueses. Estas soluções foram utilizadas até ao início do século XIX, contudo, com os avanços tecnológicos e dinâmicas políticas e sociais, estas estruturas ficaram obsoletas.

A mesma autora, realiza um artigo *O Conforto ambiental na Arquitectura Colonial Brasileira: Heranças Muçulmanas* (2012)²³ com o objetivo de advertir para soluções arquitetónicas sustentáveis, para conforto térmico, hidrotérmico e visual, utilizadas no passado. Na sua investigação, concentra a análise em casos de estudo de moradias urbanas no mundo islâmico com enfoque em terras portuguesas. Através deste estudo, a autora concluiu que a colonização do Brasil por portugueses proporcionou influências muçulmanas em território brasileiro, uma vez que, as soluções de controlo de iluminação e ventilação foram verificadas em cidades e vilas fundadas entre os séculos XVI e XVIII.

²² SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitectónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado.

²³ SOUZA; Heloisa Maria Paes - O Conforto ambiental na Arquitectura Colonial Brasileira: Heranças Muçulmanas, In **Architecton – Revista de Arquitectura e Urbanismo**, vol.2, nº02 (2012)

Num panorama nacional interessa o trabalho académico para a obtenção de grau mestre de Pedro Santos, *Muxarabis e rótulas na arquitetura colonial portuguesa* (2014)²⁴, que analisa as estruturas de madeira desde a sua introdução em Portugal, até à divulgação nas colónias portuguesas. Salienta a importância destas estruturas num panorama de arquitetura sustentável, contudo, verificou a sua utilização em diversos materiais como o PVC, alumínio, telas e tecidos. Na sua investigação concentra a análise nas colónias atlânticas de Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe. Devido à restrição do autor relativamente à visualização da sua tese e sem nenhuma cedência por parte da universidade lusófona, não foi possível a consulta na íntegra.

Nas publicações periódicas, é possível enumerar diversos artigos de revistas com grande relevância para a compreensão dos muxarabis, rótulas e gelosias em Lisboa.

A revista semanal *Ilustração Portuguesa*²⁵ editada pelo jornal “O Século”, incluiu, na edição de fevereiro de 1904, “Bairros da cidade – Impressões d’Alfama”²⁶. Um artigo de Santos Tavares com ilustrações de diversos artistas, relata a miséria e a pobreza do bairro. Descreve os principais acontecimentos dos espaços, como as rusgas da polícia e o fado que ecoa pelas ruas. A notícia é acompanhada sempre por gravuras, a casa-tipo, o Beco da Cardoso, o Largo de Santo Estevão, a Rua da Regueira, o Pátio do Prior, o Arco de D. Rosa e o Pátio na rua de Castelo Picão. O autor refere-se aos elementos de madeira nas fachadas como partes integrantes do bairro, apresentados na maioria das ilustrações do artigo.

²⁴ SANTOS, Pedro Luís Rodrigues dos – *Muxarabis e rótulas na arquitetura colonial portuguesa* – Lisboa: Universidade Lusófona 2014. Dissertação de Mestrado.

²⁵ CHAVES, José Joubert. - *Ilustração portuguesa*. (1903-1924)

²⁶ TAVARES, Santos– Bairros da cidade: Impressões d’Alfama In CHAVES, José Joubert. *Ilustração portuguesa*. nº13 (1904) p.198

A revista *Olissipo* de janeiro 1945 apresenta uma transcrição do discurso de Norberto de Araújo proferido em 1944 na conferência “Alfama como eu a não vejo”.²⁷ O autor considera a região de Alfama como explorada a todos os níveis de estudo, contudo, é um tema inesgotável. Pretende clarificar os dois pontos de vista de Alfama, e procura adotar uma posição, ou se considera o bairro como ponto turístico e de interesse histórico-cultural ou se abandona essa ideia e considera-se um bairro que só atenta ao interesse de uma minoria de amantes de velharias. Para o autor prevalece a primeira opção, contudo era necessário “tratar dela: há que fazer uma Alfama nova dentro de uma Alfama velha.”²⁸ Relata a sua visita, com o engenheiro Duarte Pacheco, pelos dois lados de Alfama, um de aspeto limpo, poético e pitoresco, e outro sujo, miserável e pobre. Propõe um ante-plano para uma Alfama Nova de modo a reabilitar os edifícios através de melhoramentos, arranjos, transformações ou limpezas e um plano organizador do espaço público.

A revista *Flama*, considerada uma das mais influentes na segunda metade dos anos 60 e início dos anos 70, apresenta, a partir da edição número 641 (1960)²⁹ uma série de reportagens intituladas “Ronda dos Bairros”, realizada por Vitorino Martins. Estas tinham como premissa apresentar ao leitor, os bairros mais populares de Lisboa e Porto, desde os bairros típicos de ruas e ruelas, a bairros modernistas da aristocracia com grandes Avenidas arborizadas. A edição número 641 analisa o bairro de Alfama, através de fotografias que possibilitam a identificação dos elementos de madeira em estudo. Mouraria é destacada na edição 655, contudo o foco do artigo centra-se nas transformações e demolições dos espaços. A série “Ronda dos Bairros” representa ainda os bairros da Bica, a Baixa Pombalina a Estrela, São Paulo, São Vicente e Castelo.

²⁷ ARAÚJO, Norberto – Uma Alfama Nova. *Olisipo*. nº29 (1945) p.14

²⁸ ARAÚJO, Norberto – Uma Alfama Nova. *Olisipo*. nº29 (1945) p.15

²⁹ MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. *Flama* nº 641 e 655 (1960)

Na edição número 88 do ano de 1961 da *Revista Municipal*, é transcrita a palestra “Alfama” proferida pelo arquiteto Couto Martins no S.N.I. em janeiro desse ano.³⁰ Descreve o esplendor do bairro de ruas e ruelas, com andares de ressalto e janelas de rótulas. De modo a proporcionar uma

compreensão geral do bairro, mediante o contexto histórico, o autor recorre ao período árabe e à origem do nome “Alfama”. Considera que o interesse por este território resulta da harmonia e da diferença presente em cada espaço, esquina e fachada do bairro.

A revista *Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo* na edição 27 de 1946, mediante o artigo “A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo”³¹, realiza uma promoção turística à região. Relata uma vila, próxima de Lisboa, com as valências de campo e praia. Apresenta fotografias de João Martins do interior da pousada, sem luxos, mas de instalações acolhedoras e com conforto. O projeto promovido pelo Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, é atribuído ao arquiteto Miguel Jacobety Rose. Nos seus 3 quartos, são colocadas gelosias nas janelas dos quartos, de modo a criar uma memória do passado, e para além do seu valor estético, relembra o seu valor funcional.

Ainda na revista *Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo* na edição 18 de 1966 divulga no artigo “Por enquanto, Alfama é”³², uma área repleta de turistas que desvalorizam o contacto históricas e bairrista, e favorecem as visitas em “tour” comerciais. Em contrapartida, Alfama é pobre, descendente de um bairro ligado às atividades marítimas, porém, tornou-se estilizada. Recorda o Miradouro de Santa Luzia como o primeiro espaço a ser dominado pela promoção turística. Considera

³⁰ MARTINS, Couto – Alfama. *Revista Municipal* nº 88 (1961) p.37-40

³¹ CALIXTO, Fernando - A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - *Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo* nº 27 (1946) p.55-57

³² TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Por enquanto, Alfama é - *Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo* nº 18 (1966) p. 30-

os novos blocos residenciais como o da Estrela e Lapa como um falso avanço urbano. Defende que, um turismo bem organizado, pode trazer vantagens como a restituição do bairro segundo as reminiscências velhas e personalidade ao invés de uma construção sem conceção e personalidade local.

Estrutura

O trabalho foi estruturado em três capítulos de modo a abordar os temas pretendidos.

O capítulo I realiza uma breve apresentação dos elementos em estudo, os Muxarabis, Rótulas e Gelasias, das estruturas de madeira à expressão da arquitetura. Aborda a preocupação com o conforto ambiental e a origem destas estruturas no mundo islâmico. A definição destes elementos apresenta divergência e considera-se que não existe uma designação correta para cada elemento. São apresentadas algumas definições de autores de modo a clarificar os conceitos para o presente trabalho.

O capítulo II analisa as estruturas em madeira integradas na arquitetura num panorama nacional através de um levantamento de fotografias realizadas entre 1955 a 1960 para a composição do livro de *Arquitetura Popular em Portugal* de 1965. Os autores sem a intenção de mapear ou conferir especial ênfase a estas estruturas, realizam registos ao longo de Portugal Continental, de modo a catalogar a arquitetura vernacular. Desta forma, é possível mapear e relacionar com a presença de muçulmanos nessas regiões, de modo a perceber o contributo árabe em Portugal e contextualizar a cidade de Lisboa.

Considera-se que, ao longo do período de domínio muçulmanos, Portugal adquiriu elementos desta cultura, tanto a nível social como cultural, e existem dois momentos da presença islâmica, dividindo o Portugal do Norte do Portugal do Sul. Porém, considera-se falso afirmar que o Norte do país esteja desprovido de influências islâmicas

O capítulo III resulta de um olhar contemporâneo da cidade de Lisboa e a expressão dos elementos de madeira nas fachadas. É realizada uma breve apresentação de Alfama e Mouraria integrados em Lisboa, destacando marcos importantes da sua evolução, desde a atualidade até à sua origem antes dos romanos. Atualmente, estes bairros encontram-se na agenda do dia pois integram áreas de excessiva promoção turística. A imagem destes locais é oferecida como território preservado e sem alterações, contudo o confronto das fotografias recolhidas com as realizadas pela autora na contemporaneidade, pretendem compreender as modificações ocorridas nestas estruturas.

O olhar tradicional da cidade de Lisboa é apresentado através de registos inseridos em três focos, a imagem da cidade que era passada, as representações das estruturas por via de registo vídeo-documental e divulgação através de postais e gravuras.

O confronto contemporâneo corresponde a uma reflexão sobre as estruturas que se preservam; as que permanecem, contudo, sem qualquer valor funcional, destacando o seu valor estético; os elementos que desapareceram; e ainda os elementos que por via do turismo renasceram em locais que não existiam.

As considerações finais admitem uma reflexão crítica sobre a investigação através das conclusões retiradas da vertente teórica.

O Anexo I apresenta as fotografias do levantamento realizado no Arquivo Municipal de Lisboa, que apresentam muxarabis, rótulas ou gelosias nas fachadas, em Alfama e na Mouraria. Foram constatados registos entre 1898 e 1973, que correspondem a todos os registos que estão disponíveis até à data da realização desta dissertação na base de dados do Arquivo.

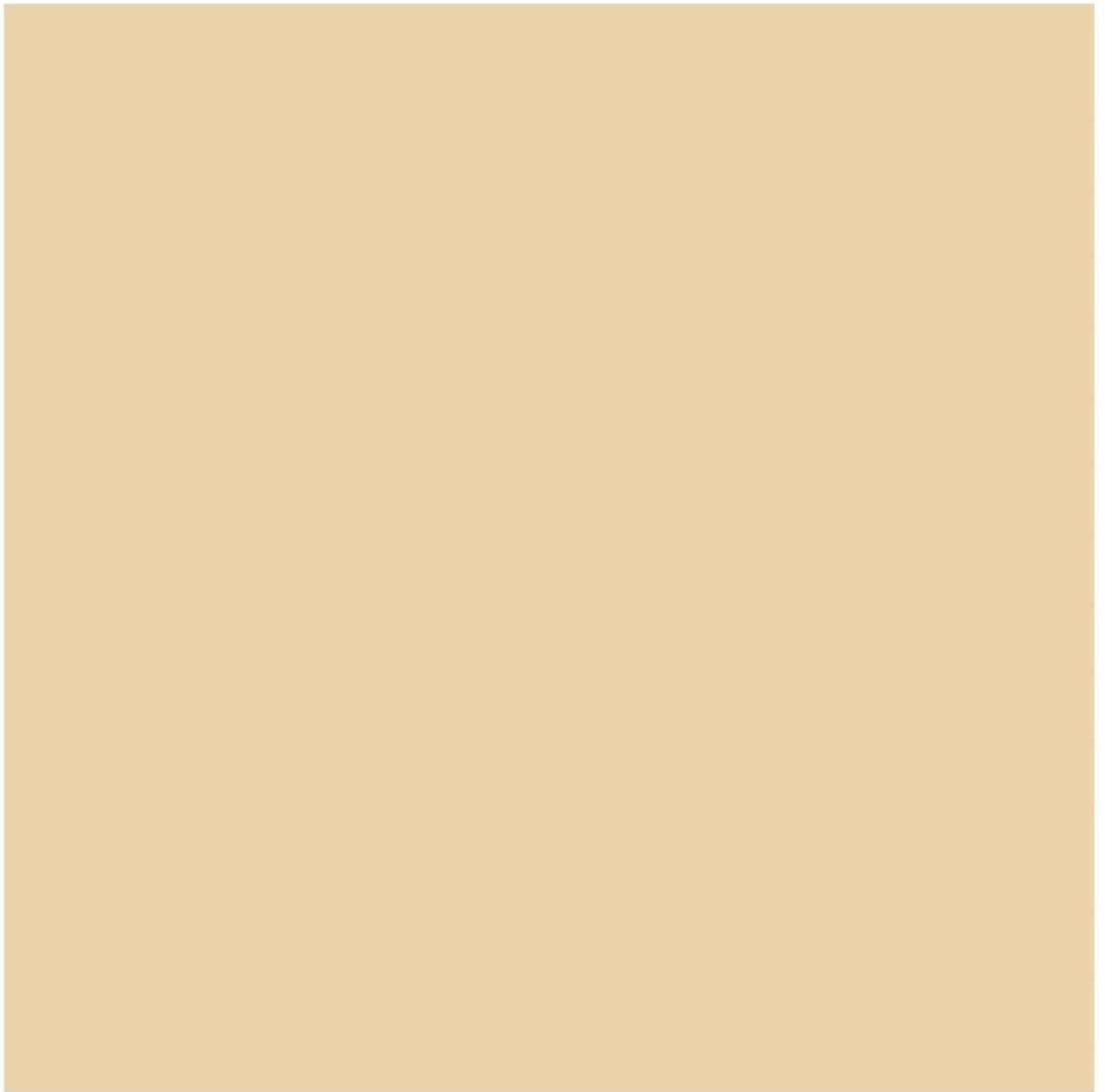
O Anexo II apresenta frames retirados dos documentários “Alfama, a velha Lisboa” de 1930 e “Festas da Cidade” de 1935 e “Exposição do Mundo Português” de 1940 que representam as estruturas.

O Anexo III indica algumas gravuras e ilustrações recolhidas no período de tempo de 1904 a 1971 que evidenciavam as estruturas de madeira nas fachadas.

O Anexo IV apresenta as fotografias realizadas pela autora com base nas fotografias recolhidas do arquivo, uma vez que apresentam o mesmo ponto de vista ou próximo dele, de modo a proceder ao confronto.

Contributo

Esta investigação apresenta uma reflexão contemporânea sobre as estruturas de madeira nas fachadas, nomeadamente os muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e na Mouraria, segundo uma perspetiva fotográfica que revela uma consciência da imagem destes bairros, presente no período do Estado Novo, uma vez que, destacavam as estruturas de madeira das fachadas através de uma divulgação e de uma representação tradicionalista de Lisboa.



1.1 Iluminação | Conforto Ambiental

O conforto, o bem-estar e a preservação do meio ambiente são fatores de grande importância na habitabilidade.

Ao longo dos tempos, o ser humano foi aperfeiçoando as suas técnicas e adaptando-se ao meio em que se insere. Procurou desenvolver soluções e estratégias para a obtenção de conforto ambiental, com o propósito de uma melhor qualidade de vida, afetando diretamente a saúde e produtividade. Para a obtenção de conforto ambiental é necessário considerar requisitos climáticos e físicos, nas seguintes categorias: acústico, visual, ergonómico e térmico.³³

Num período anterior à existência de energia elétrica, a luz natural era encarada como um dado essencial e o seu aproveitamento era sempre realizado de modo a tirar o máximo partido. A arquitetura consiste num importante meio, nomeadamente através de claraboias ou aberturas nas fachadas, como janelas e elementos vazados. Durante o período de tempo em que não é possível a forma passiva de iluminação, esta era obtida através do fogo, como lareiras e elementos de queima de combustível e mais tarde as velas.³⁴

³³ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelsias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado.p.23

³⁴ FERREIRA, Dilson Batista - Desenvolvimento, energia e ambiência urbana: uma abordagem histórica In **Parcerias estratégicas**, vol.14, nº29 (2009). Disponível em:

<http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/351/344>. Acesso em: 01Maio2017. p.89

Considera-se as aberturas nas fachadas essenciais para uma ventilação natural eficaz dos compartimentos, visto que, garante um ambiente confortável no espaço interior. Porém, os fatores climáticos influenciam a ventilação natural, uma vez que a exposição das fachadas ao vento apresenta comportamentos irregulares e de difícil controlo.

Assim sendo, a adaptação da arquitetura ao clima varia de território para território. As cidades de influência oriental e ocidental apresentam um clima quente e seco com oscilações consideráveis de temperatura. Por consequente, originou a estratégias próprias para a obtenção de conforto ambiental através de controlos térmicos naturais. Promovem soluções sustentáveis, com utilização de métodos passivos e materiais locais como pátios internos, fontes de água, arquitetura em terra, revestimentos que refletem a luz solar, a torre de vento, *malqaf*, reconhecido e aplicado por todo o Médio Oriente, e ainda os muxarabis, rótulas e gelosias.³⁵

Os muxarabis, rótulas e gelosias constituem elementos arquitetónicos que proporcionam o controlo favorável destas duas valências. O elemento treliçado filtra a luz natural sem impedir a ventilação, permitindo a privacidade.³⁶

³⁵ SOUZA; Heloisa Maria Paes - O Conforto ambiental na Arquitectura Colonial Brasileira: Heranças Muçulmanas, In **Architecton – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, vol.2, nº02 (2012) p.42

³⁶ PAULERT, Renata - **Uso de elementos vazados na arquitetura: Estado de três obras educacionais contemporâneas**, Universidade Federal do Paraná, 2012. Dissertação de Pós-Graduação em Construção Civil. p.22

1.2 Arquitetura Islâmica

O termo “islâmico” deriva do árabe “islam” que significa obediência a Deus. Segundo Ching, a arquitetura islâmica, é a arquitetura desenvolvida pelo povo muçulmano desde o século VII com a conquista de territórios por Maomé.³⁷

A religião muçulmana expandiu-se por todo o mundo e a arquitetura islâmica sofreu influências de civilizações como greco-romana, bizantinas e persas. Deste modo, proporcionou a adaptação de certos elementos às condições geográficas, ambientais e maneira de pensar dos árabes.³⁸

1.3 Expansão do Islão

Em meados do século VII, estabeleceu-se uma nova religião monoteísta formada pelo profeta Maomé. Em 622, o profeta conquista a cidade de Medina, o que permitiu unir o povo árabe e dar início à expansão do islão. Numa primeira fase, expandiu-se para a costa dos Impérios Bizantino e Persa e só depois para o Norte de África e Península Ibérica. Durante este período, o império foi dividido em vários estados de menor dimensão, de modo a ser governado por dinastias.³⁹

³⁷ CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³⁸ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitetónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p25

³⁹ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitetónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p25

Em 711, a invasão das tropas árabes, pelo estreito de Gibraltar, marca o início das influências islâmico na Península Ibérica. Sensivelmente em três anos, os árabes tomaram conta de praticamente toda a Península Ibérica, chegando os seus domínios até às portas da Galiza. Este território equivale a quase seiscentos mil quilómetros quadrados de um território “bem povoado, dotado de grandes cidades e herdeira de uma civilização prestigiada.”⁴⁰



Figura 2 - Expansão muçulmana do século VIII ao X

⁴⁰ ALVES, Adalberto - A expansão muçulmana e o Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.13

O território ibérico possuía um clima árido, idêntico ao do norte de África, com terras férteis e rios abundantes.

Gharb al-Andalus abrangia sensivelmente os limites de Portugal atual e a Estremadura espanhola. Desenvolveu-se, numa primeira fase, através de acordos com a população existente na Península, que proporcionava uma relativa autonomia de estado.⁴¹

Para Adalberto Alves, a invasão da Península Ibérica não se tratou apenas de uma conquista tradicional, mas sim de um movimento migratório, uma vez que, durante aproximadamente dez anos, homens provenientes de Ceuta entraram no mundo hispânico acompanhados pelas suas esposas e filhos.⁴²

Por outro lado, segundo Ferreira, a expansão do islão, possibilitou o contacto com a cultura europeia. Este defende que parte das inovações tecnológicas europeias advém do contacto estabelecido com a cultura árabe, ao invés de terem sido inventadas localmente.⁴³

A reconquista cristã iniciou-se pelo norte, e em meados do século XII já detinham o controlo de Santarém e Lisboa. Porém, só no século XIII (entre 1217 e 1250) se consumou a conquista do território que restava do Alentejo e de todo o Algarve.⁴⁴

⁴¹ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.17

⁴² ALVES, Adalberto - A expansão muçulmana e o Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.14

⁴³ FERREIRA, Dilson Batista - Desenvolvimento, energia e ambiência urbana: uma abordagem histórica In **Parcerias estratégicas**, vol.14, nº29 (2009). p.89

⁴⁴ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.28



Figura 3 - Mapa da conquista muçulmana na Península Ibérica

1.4 Clarificação de conceitos: Muxarabis | Rótulas | Gelasias

As estruturas de madeira, objetos de estudo, são adjacentes à fachada, adaptam-se ao clima e ao modo de vida das populações. Realizam o controlo de iluminação, facilitando a ventilação e simultaneamente atribuem, para além de um valor estético, um carácter funcional e sustentável, proporcionando iluminação e ventilação naturais. São elementos treliçados dispostos numa tela com intervalos regulares com um formato geométrico intrincado, que protege o interior dos espaços, uma vez que é possível observar do interior para o exterior, por outro lado, não é praticável a opção contrária. Estes elementos caracterizam o alçado das habitações islâmicas uma vez que existe o contraste destas aberturas, sendo estas salientes ou não, com a restante fachada.

Considera-se que não existe uma designação fixa para estes termos, e as expressões podem apresentar divergências.

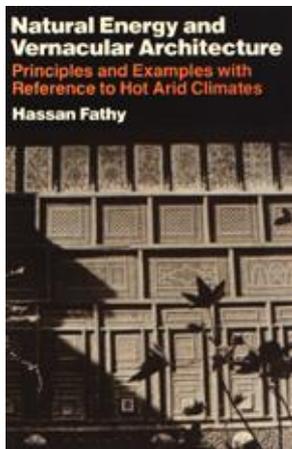


Figura 4 - Capa livro de Hassan Fathy, Natural energy and vernacular architecture de 1986

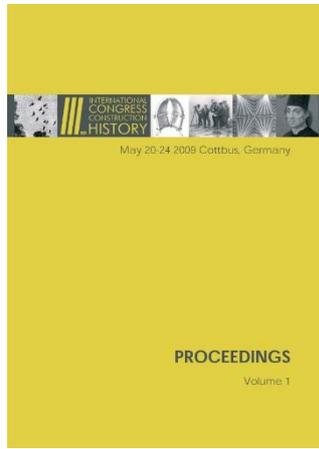


Figura 5 - Capa do livro do Congresso Proceedings of the Third International Congress on Construction History, em Maio de 2009



Figura 6 – Blog “Coisas da Arquitetura” de Silvío Colin, Técnicas construtivas do período colonial, 2010

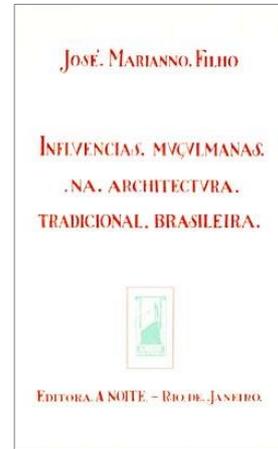


Figura 7 - Capa de livro de Mariano Filho, Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira de 1943

Muxarabis, de acordo com Haussan Fathy, advém do árabe *mashrabiya* que significa beber. Esta designação estava ligada ao lugar no qual eram instalados os jarros com água para refrescar. Além das funções já citadas, para o autor, reduzem a temperatura da corrente; controlam o fluxo de ar, visto que, o espaçamento entre treliças é disposto consoante a radiação local; e aumentam a humidade do ar, dado que, os jarros são colocados junto destes. ⁴⁵

Segundo Ficarelli, o *taktabush*, varanda coberta que se localiza no resto de chão, tem a função de receber os convidados. Com uma orientação a Sul, é geralmente empregue um muxarabi, de modo a garantir a ventilação do interior, conferindo ao espaço um carácter de sombra e uma leve brisa. Para o autor, estes elementos são painéis com uma estrutura de grelhas em madeira que no século XVII, se tornou numa janela de parede saliente da fachada, protegida por uma grelha plana ou arredondada. Apresentava três funções, proteger a privacidade da habitação do mundo exterior, controlar a entrada da radiação solar e filtrar as impurezas do ar. Estes elementos funcionavam por correntes de convecção, ou seja, a movimentação do ar é realizada da zona de alta para a baixa pressão. ⁴⁶

O treliçado de madeira apresenta diferentes espaçamentos na malha. A malha de maior dimensão é posicionada no topo da estrutura, mais próximo do teto, uma vez que permite penetrar o ar e a luz. Por outro lado, a malha de menor dimensão é aplicada nas aberturas inferiores, de modo a proteger a privacidade das mulheres dos olhares indiscretos do exterior, contudo, é possível manter uma visão para o exterior.

⁴⁵ FATHY, Hassan. **Natural energy and vernacular architecture: principles and examples with reference to hot and arid climates.** Chicago/London: Univeristy of Chicago Press, 1986 Disponível em: <
<http://archive.unu.edu/unupress/unupbooks/80a01e/80A01E09.htm#The%20taktabush>>. Acesso em: 04Agosto2018

⁴⁶ FICARELLI, L. The domestic architecture in Egypt between past and present: the passive cooling in traditional construction. In: **Proceedings of the Third International Congress on Construction History.** Cottbus: maio, 2009.p.3-5

Colin admite que as designações apresentam divergências. Porém, na sua investigação, a designação aplicada de muxarabis concorda com a de outros autores. Atribui a um elemento de varanda fechado por treliças ou com janelas de rótulas.⁴⁷

Contudo, para o autor, as rótulas são elementos treliçados nas janelas com uma articulação sob um eixo horizontal. Por gelosias designa-se o enchimento da estrutura das janelas com treliças em madeira. As janelas com dobradiças em eixo vertical, este designa abertura à francesa ou de guilhotina. Por outro lado, Sylvio Vasconcelos citado por Colin, distingue as rótulas das gelosias através da sua articulação. Para Vasconcelos, as rótulas são articuladas sob um eixo horizontal, e as gelosias com uma abertura segundo o eixo vertical.⁴⁸

Segundo Mariano Filho, as rótulas e as gelosias compunham os muxarabis. (figura 8). As rótulas eram utilizadas na parte superior, uma vez que, possuíam uma articulação das secções segundo um eixo horizontal superior, ou seja, no “sentido antero-posterior” ou eixo vertical⁴⁹(figura 9). No entanto, as gelosias eram aplicadas nas partes inferiores, constituídas por uma estrutura fixa treliçada que também proporcionava a ventilação. As reixas são consideradas as treliças no interior de cada estrutura.⁵⁰ (figura 10)

De modo a clarificar os conceitos, considera-se para efeito desta vertente teórica, a definição utilizada por Mariano Filho, no seu livro “Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira”. Esta decisão recaiu pelo facto da existência de uma clara justificação dos elementos, e ser a

⁴⁷ COLIN, Silvio. **Técnicas construtivas do período colonial**. [Em linha]. p.28 [Consult. 10Maio2018]. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT02092011153107.pdf>>.

⁴⁸ COLIN, Silvio. **Técnicas construtivas do período colonial**. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT02092011153107.pdf>>. Acesso em: 10Maio2018

⁴⁹ FILHO, Mariano- **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.24

⁵⁰ FILHO, Mariano- **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.12

designação que é mais frequente entre os historiadores. Assim, os Muxarabis, rótulas e gelsias, apresentadas do mais complexo para o mais elementar constituem um léxico de elementos arquitetónicos.



Figura 8 - Exemplo de Muxabi nas Festas da cidade de Lisboa 1935



Figura 9 - Exemplo de uma Rótula e uma gelsia no Beco de São Miguel fotografado por Mário de Novais 1930

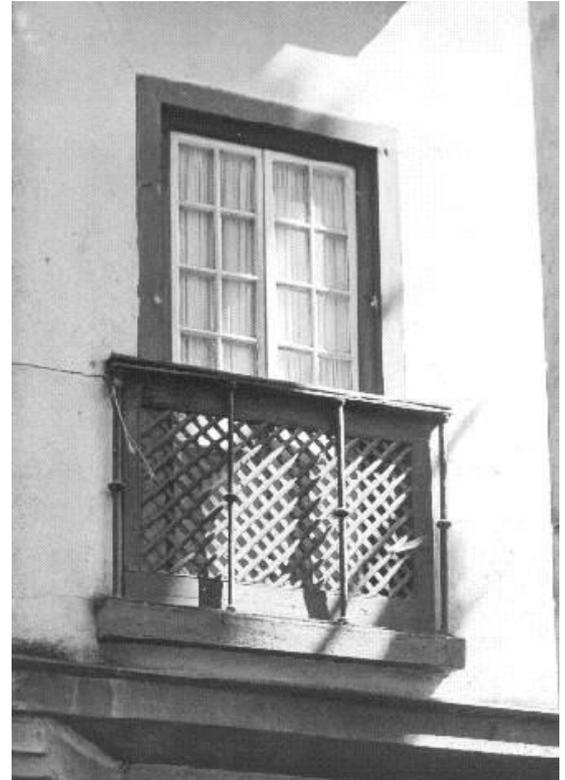


Figura 10 - Janela de um prédio com varanda protegida por uma gelsia, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

1.5 Sistema construtivo das estruturas

Os muxarabis, rótulas e gelosias são estruturas de madeira aplicados nos vãos de fachada. As aberturas que possui um destes elementos, apresentam peitoris e ombreiras de estrutura de madeira ou pedra, com um reforço estrutural interior realizado por um destes materiais, de modo a suportar o peso da estrutura.⁵¹

Geralmente, nas paredes mais espessas era frequente as laterais serem chanfradas, de modo a aumentar a iluminação do compartimento.

O aparecimento do vidro é posterior à utilização dos elementos de madeira em estudo, contudo começaram a ser usados em simultâneo, de modo a potenciar um conforto climático.

Posto isto, nos vãos em que era aplicado uma rótula era constituído por duas partes, a bandeira e os batentes. A bandeira funcionava para dentro e a batente podia ser fixa ou basculante. O vidro é aplicado no aro interior, sem obstruir qualquer movimento da rótula, uma vez que, a rótula abre geralmente para fora, ou para cima.⁵²

⁵¹ **Técnicas Construtivas do Período Colonial - III** Disponível em: <

<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/>>. Acesso em:

04Agosto2018

⁵² COSTA, F. Ferreira – **Enciclopédia prática da construção Civil: Vãos de Janelas**. Portugália Editora: Lisboa nº 20 p.10

A gelosia, estrutura mais elementar, era composta unicamente por madeira. As ripas tinham dimensões pequenas, perto de 15mm, e eram dispostas de modo a formar uma malha treliçada, que era aplicada numa moldura do mesmo material.⁵³

Numa fase preliminar, os muxarabis e as rótulas eram construídos unicamente por madeira e fixadas por dobradiças e trancos de madeira. Mais tarde, evoluíram para estruturas mistas, uma vez que, a ferragem passou a ser em ferro.

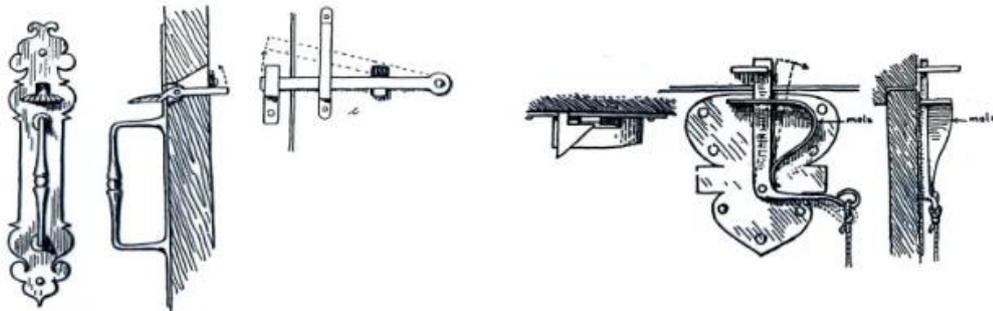


Figura 11 -Puxadores e trancos que constituem uma rótula ou muxarabi

⁵³ Técnicas Construtivas do Período Colonial - III Disponível em: <
<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/>>. Acesso em: 04Agosto2018

1.6 Cultura Islâmica: qual a sua utilidade social e cultural destas estruturas

Considera-se que estes elementos de origem árabe, correspondem a uma linguagem arquitetónica que satisfaz os tipos de clima, as necessidades religiosas e sociais.

O mundo islâmico é caracterizado por diversos biomas, entre os quais, as cidades que se inserem num clima quente, e com diferentes níveis de aridez. Na adaptação ao clima, as habitações são introvertidas, designadas casa-pátio e carecem de aberturas para o exterior. Contudo, nas aberturas existentes são aplicados muxarabis, rótulas e gelosias que se apresentam como soluções para o conforto térmico, proporcionando um controlo da iluminação natural e ventilação, que asseguram um ambiente protegido da radiação incidente, do calor e dos baixos níveis de humidade do ar.⁵⁴

Ao nível religioso, o islão defende a privacidade das mulheres e estes elementos proporcionavam privacidade no interior dos espaços. Deste modo, os maridos árabes colocavam este tipo de proteção nas janelas dos quartos, de modo a protegerem as suas esposas do contacto visual direto com outros homens.⁵⁵ Devido a este comportamento, a palavra gelosias derivou do francês “jalousies” e do inglês “jealous” que significam ciúmes.

⁵⁴ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitetónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p.87

⁵⁵ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitetónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p.32

Por outro lado, a utilização destes elementos era diversa e a evolução dos pátios deu origem à introdução de um elemento em varanda coberta, denominada “takhtabush”. Esta varanda era aberta para os dois lados, sendo que um deles era realizado por vegetação e o outro por um treliçado em madeira com os muxarabis.⁵⁶ Segundo Roberto DaMatta, estes elementos também são uma transição da agitação exterior, com a calma no interior das habitações.⁵⁷

Socialmente, estes elementos demonstravam a capacidade económica e social devido à ornamentação e o requinte dos seus acabamentos, eram assim um meio de socialização do interior com o exterior. Do exterior era distinguido sombras através dos elementos, contudo a comunicação entre homem e mulher era realizada de forma discreta, por entre o treliçado.⁵⁸

No entanto, ao nível dos vãos, a capacidade de aplicação destes elementos era variada. Nas portas a sua utilização no topo, proporcionava a visualização para o exterior, sem ser necessário abrir a mesma.

⁵⁶ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitectónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p.37

⁵⁷ DAMATTA, Roberto - **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.20

⁵⁸ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelsias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado. p. 27

2.1 Portugal Islâmico

Considera-se que, ao longo do período de domínio muçulmano, Portugal adquiriu elementos desta cultura, tanto a nível social como cultural.

O território português terá sido assim constituído por pequenas e médias cidades, que originou uma dispersão e diluição de poderes. Deste modo, as cidades islâmicas implantaram-se sobre antigos e importantes centros urbanos, sem que as principais urbes perdessem a sua importância.⁵⁹

Cada centro urbano detinha de um “alfoz”, área próxima a uma povoação, cuja vantagem era mais económica que jurídica. Segundo Macias e Torres, no Alto Alentejo era frequente um povoado único, fortificado ou não, que estava ligado a outras pequenas povoações por laços de solidariedade. Por outro lado, no Baixo Alentejo e Algarve era recorrente um grupo de pequenos povoados, solidários entre si, que detinham de um perímetro fortificado.⁶⁰

A presença islâmica influenciou a arquitetura em território português, tanto urbanisticamente como religiosamente. Ao nível do urbanismo os aglomerados são densos e labirínticos, com ruelas estreitas e sinuosas; é privilegiado o espaço privado dos pátios ao invés dos espaços públicos tradicionais; e desenvolvem-se redes de captação e distribuição de águas. Na arquitetura religiosa,

⁵⁹ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- A islamização do Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.30

⁶⁰ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.21

foram edificadas mesquitas, com orientação para Meca, com sala de oração coroada com uma cúpula; a existência de um pátio central com uma fonte para pequenas abluções; e a ausência de imagens ou estátuas de Allah. ⁶¹

Os locais públicos e espaço ao ar livre das cidades eram as áreas mais vividas por diferentes comunidades neste território como judeus, moçárabes e muçulmanos. ⁶²

Para José Alberto Alegria estas influências de arquitetura islâmica decorreram “não só do assumir de preceitos corânicos, como também da influência de um meio geográfico e enquadrado por dois elementos determinantes: o deserto e o Mediterrâneo”.⁶³

Considera-se que existem dois momentos da presença islâmica, dividindo o Portugal do Norte do Portugal do Sul. Porém, considera-se falso afirmar que o Norte do país esteja desprovido de influências islâmicas. A presença islâmica (poder político) foi menos duradoura no norte do país, contudo, apresenta ainda hoje, toponímia árabe.

⁶¹ ALEGRIA, José Alberto – Arquitectura Islâmica em Portugal: das memórias ao Ressurgimento In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.160-161

⁶² MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- A islamização do Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.38

⁶³ ALEGRIA, José Alberto – Arquitectura Islâmica em Portugal: das memórias ao Ressurgimento In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.162

No território que se estendia de Coimbra para norte, destacam-se poucos centros urbanos, com população arcaica e pouco receptiva à inovação, uma vez que, viviam isoladas.⁶⁴

Lisboa era considerado o maior centro urbano de Gharb al-Andalus, contudo sempre se manteve discreto, e segundo Torres e Macias terá possuído uma imponente alcáçova.⁶⁵

Assim, Santiago Macias e Cláudio Torres destacam cidades como Lisboa, Faro, Beja, Santarém ou Coimbra, onde a influência muçulmana é evidente uma vez que integraram pontos de elevada fixação.⁶⁶

Com a reconquista cristã, poucos edifícios resistiram à destruição, sendo os de carácter religioso os mais afetados, devido à ambição de erguer no seu local, edifícios ligados à religião cristã. Contudo, o poder da memória da cultura popular foi mais forte do que as posições e opções políticas. Assim desde o século XV até aos dias de hoje, foram surgindo manifestações evidentes de uma tradição islâmica que prevaleceu na memória de artesões e habitantes, que foram passadas de geração em geração.⁶⁷

⁶⁴ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- **O legado islâmico em Portugal**. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998. p. 57

⁶⁵ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.19

⁶⁶ MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.17

⁶⁷ ALEGRIA, José Alberto – Arquitectura Islâmica em Portugal: das memórias ao Ressurgimento In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.164

2.2 Utilização de elementos em madeira em Portugal Continental

Como referido anteriormente, o território Português, conhecido como Gharb Al-Andaluz, revelou grandes cidades muçulmanas no centro e no sul do país, que concretizaram uma adaptação ao clima e topografia de cada região.⁶⁸ (Figura12)

Considera-se que a habitação privada, tanto rural como urbana em Portugal, adquiriu elementos de influência islâmica como os muxarabis, rótulas e gelosias que definem o espaço feminino. Estes elementos eram colocados em divisões fechadas para o exterior, posicionando as aberturas para o pátio central. Desenvolveram-se assim sistemas de ventilação do edifício, como a circulação forçada do ar com os *malkafs* e muxarabis, ou a utilização de circuitos de água como as fontes que amenizam o ambiente.⁶⁹

Segundo Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, acredita-se que os muxarabis, rótulas e gelosias apresentam origem árabe. Os autores citam Albano Belino, que se baseia em razões puramente históricas. Desenvolveram, um confronto com a ideia de Raul Lino, que concorda com a origem destes elementos, contudo, defende a sua divulgação através do seu uso nos conventos. Por outro lado, Oliveira e Galhano contrapõem a ideia de Giese que distingue a rótula do Sul, defendendo que só esta tem influências árabes, recusando a mesmas origens para as gelosias nortenhas e empregues em conventos. Isto deve-se ao facto do território sul do país ter estado sob o domínio árabe durante um período de tempo mais prolongado sendo definitivamente reconquistado pelos cristãos em 1452.⁷⁰

⁶⁸ SAMPAYO, Mafalda - **Islamic tradition planning model in Portuguese cities, VIII-XIIIcenturies**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2003. [Consult. 14 de Dez de 2017/] Disponível em:< http://www.academia.edu/11089950/Islamic_tradition_planning_model_in_Portuguese_Cities_VIII_XIII_centuries >.

⁶⁹ ALEGRIA, José Alberto – **Arquitectura Islâmica em Portugal: das memórias ao Ressurgimento** In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.160-161

⁷⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 283

Deste modo, não existe uma premissa incontestável, porém, estas estruturas advêm do conhecimento que era passado através de gerações por meio de construtores, tratando-se de um conhecimento imaterial que faz a tradição.⁷¹

Progressivamente, as estruturas em madeira começaram a rarear, o que originou a uma perda de identidade e carácter tradicionalista que era conferido por estes elementos de madeira.⁷²

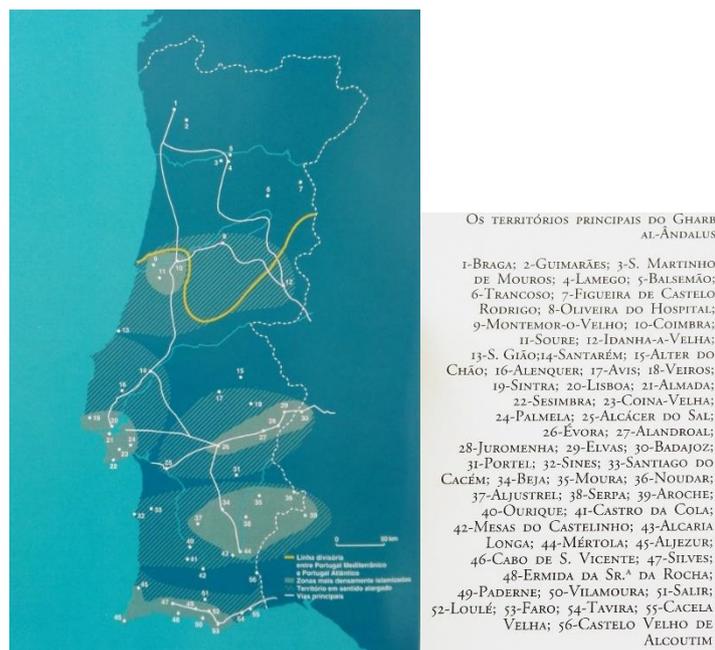


Figura 12 - Os territórios principais do Gharb Al-Ándalus

⁷¹ PAULERT, Renata - **Uso de elementos vazados na arquitetura: Estado de três obras educacionais contemporâneas**, Universidade Federal do Paraná, 2012. Dissertação de Pós-Graduação em Construção Civil. [Consult. 14 de Dez de 2017] Disponível em:< <http://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27454>>. P.15

⁷² **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.II, p.70

2.3 Portugal Continental | Levantamento das estruturas em estudo presente em Arquitetura Popular em Portugal

De modo a contextualizar os muxarabis, rótulas e gelosias na região de Lisboa, considera-se importante o seu estudo ao nível nacional, de modo a compreender a distribuição destas estruturas em Portugal Continental e relacionar com a presença árabe. De forma a estudar o geral para compreender o particular, com a finalidade de proceder a uma breve consciência destes elementos a nível nacional, foram analisadas fotografias realizadas entre 1955-1960, período do Estado Novo. Estes registos foram efetuados para a conceção do inquérito à “Arquitetura Popular em Portugal”, lançado em 1965.

A escolha incidiu neste método, uma vez que, o inquérito constitui um importante documento, realizado por arquitetos, de modo a catalogar a arquitetura vernacular. É considerado um instrumento muito rico na perceção do território português e as influências climáticas, sociais e regionais na arquitetura. Por outro lado, a sua conceção, compreende os anos de 1933-1974, período do Estado Novo e no qual, se insere a maioria dos registos recolhidos do Arquivo Municipal de Lisboa de Alfama e Mouraria.

Analisadas as fotografias da base de dados da Ordem dos Arquitetos,⁷³ que consistem em todos os registos fotografados e os registos selecionados para a composição do livro, foram considerados 187 registos com elementos de madeira nas fachadas, porém, apenas 38 registos apresentam elementos como os muxarabis, rótulas e gelosias. Um mapeamento destas fotografias proporciona uma imediata perceção dos locais e das suas influências, posto isto, o seu processo seguiu a lógica de zoneamento presente no inquérito de modo a ter uma conclusão direta. Esta divisão foi inicialmente proposta e descrita por Orlando Ribeiro em “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”, que defendia a divisão do país através das configurações das populações e culturas e não como divisão

⁷³ ARQUITECTOS, Ordem dos - **OAPIX** -. [Consult. 05 de Agosto de 2018] Disponível em:< <http://www.oapix.org.pt/>>.

administrativa, fazendo esta em 6 regiões. Na qual a zona 1 corresponde ao Minho; a zona 2 assinala Trás-os-Montes; a zona 3, as Beiras; a zona 4, a Estremadura; a zona 5, Alentejo e por fim a zona 6, o Algarve.

A região de Lisboa integra a zona 4 e conforme a análise foram recolhidos 69 registos, contudo, nenhuma representação em Lisboa de muxarabis, rótulas e gelosias.

A peculiaridade de cada região é referente ao seu aspeto económico e social, assim como a expressão do clima, da natureza e do solo, proporcionando pistas para as intervenções em cada localidade. Um tipo de habitação provém de uma experiência adquirida ao longo de várias gerações pelos habitantes da região, com ensinamentos fornecidos pelos construtores das redondezas, adaptando-se aos locais.⁷⁴ Considera-se assim, um processo evolutivo.

As construções do Sul apresentam características muito distintas da região Norte, existindo um contraste entre os elementos típicos e as funções de cada região. Ou seja, a região Sul desconhece o granito e é raro a utilização do xisto, elemento predominante no Norte do país.⁷⁵

Os elementos em estudo eram produto de uma completa adaptação do homem ao clima. Contudo, ao longo do tempo verificou-se um desrespeito pelo espírito de bom senso, e são escassos os elementos que resistiram até aos dias de hoje, desaparecendo grande parte deste património.⁷⁶

⁷⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 50

⁷⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 151

⁷⁶ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.I, p.224

Os elementos em madeira estavam presentes um pouco por todo o país e a sua utilização era maioritariamente em varandas. Num grande número de exemplares recolhidos, a madeira era utilizada em guardas de áreas exteriores, que eram constituídas por um corredor exterior de acesso às divisões. Estas era, de dimensão variável uma vez que dependia do comprimento das divisões que existiam, alinhadas, que se pretendia unir ou servir.⁷⁷ (figura 13 e 14)



Figura 13 - Varanda em Pombal - Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 14 - Varanda em Braga Arquitectura Popular em Portugal 1955

⁷⁷ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4^o vol.I, p.83

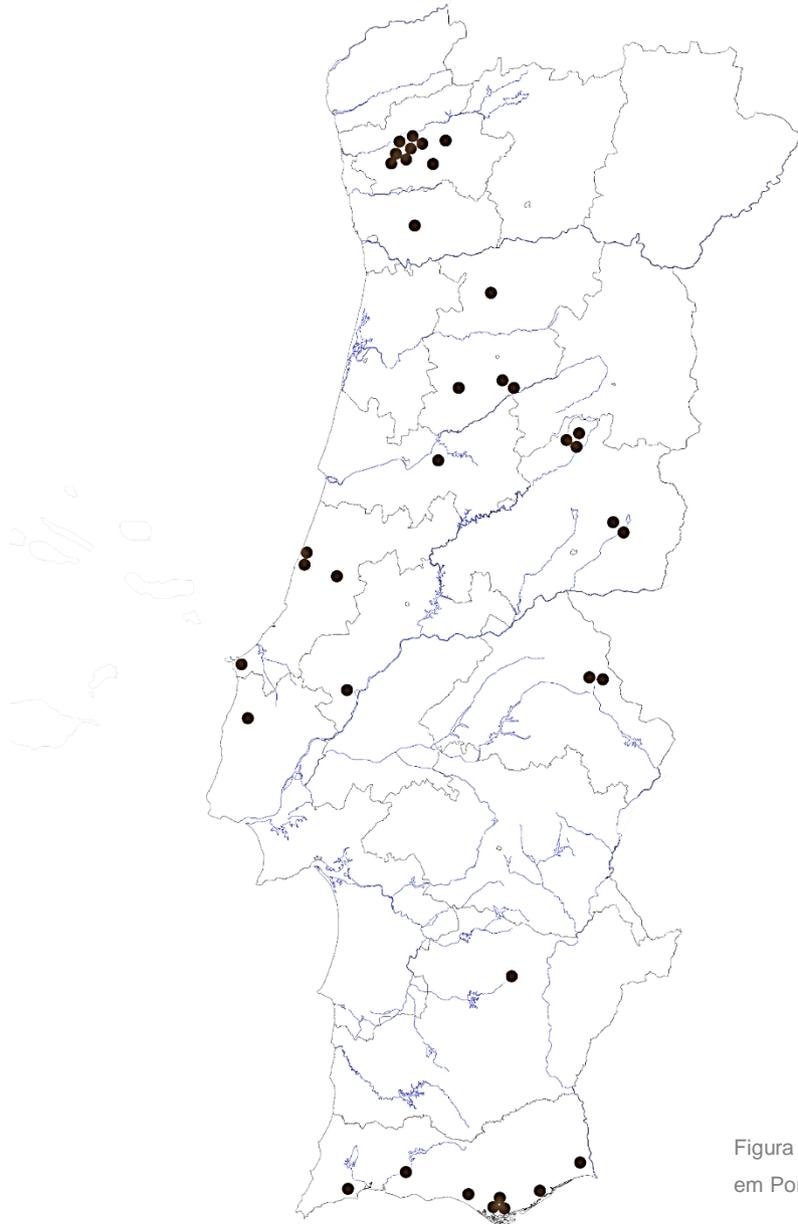


Figura 15- Mapeamento de elementos em Portugal continental

A zona um corresponde ao Minho, com um clima temperado e chuvoso, é uma região onde predomina o granito, com algumas utilizações de xisto. Devido à grande fertilidade do solo, a região tem grande densidade populacional, sendo que não existem grandes aglomerados habitacionais, mas sim casas espalhadas no meio das terras de cultivo.⁷⁸

Nesta região, encontraram-se registadas algumas estruturas, dos dez registos encontrados sete são de Braga, sendo uma cidade que revela o lado vernacular da madeira que estava muito presente nas fachadas das ruas, por via de um registo fotográfico de 1955.

Os muxarabis, rótulas e gelosias eram incorporadas nas construções de habitações, nos séculos XVII e XVIII, e acredita-se que a sua influência advenha das estruturas rotuladas das janelas dos conventos,⁷⁹ em concordância com a posição de Giese em relação às origens para as gelosias nortenhas, segundo o texto do autor Ernesto Oliveira.⁸⁰

Contudo, este sistema tem vindo a desaparecer e os exemplos mais significativos, as rótulas das Rua dos Souto, foram demolidos. Assim sendo, os exemplares que restam, permitem a perceção e ambiência da cidade que, com uma influência barroca marcavam pela sua simplicidade e contenção de formas.⁸¹

⁷⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5ª. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 25

⁷⁹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.I, p.17

⁸⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga ; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5ª. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 283

⁸¹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.I, p.87

Os vestígios de uma cidade tradicionalista permanecem no território, e mesmo com a mudança de sistema para janelas envidraçadas são perceptíveis os encaixes, dado que as novas estruturas são colocadas nos ganchos exteriores das antigas gelosias.⁸²

A simplicidade das rótulas foi registada em fachadas. Estas revestiam o total da fachada, como é possível observar na fotografia relativa à Casa das Rótulas que se situa em Braga⁸³. (figura 17 e 18) Outros elementos em madeira a ser aplicados em fachada, nomeadamente nas varandas, são os balaustres de madeira, podendo ser simples ou torreados, também com influências árabes e imprimem cor à fachada. No entanto, estes balaustres foram sendo substituídos por gradeamento de ferro.⁸⁴

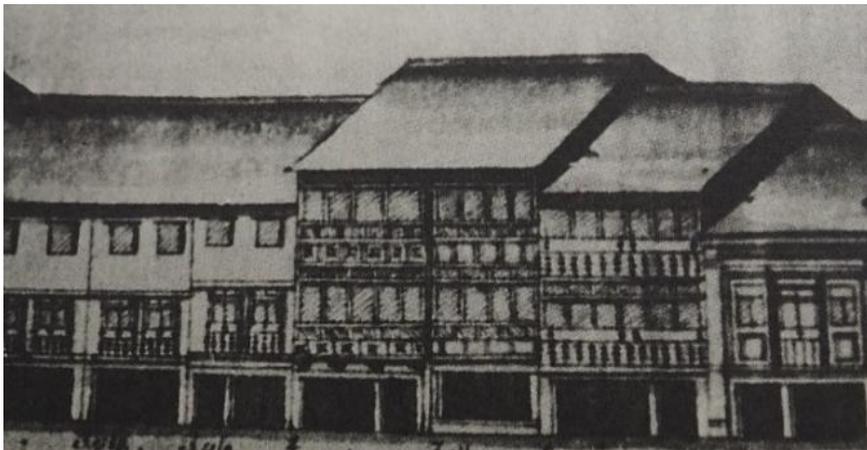


Figura 16 - Rua do Souto. Pormenor do “Mapa das Ruas de Braga”, MDCCL – Arquitectura Popular em Portugal 1955

⁸² **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.I, p.283

⁸³ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.I, p.283

⁸⁴ **Notas sobre Portugal. Exposição Nacional do Rio de Janeiro**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, vol II p.163-167

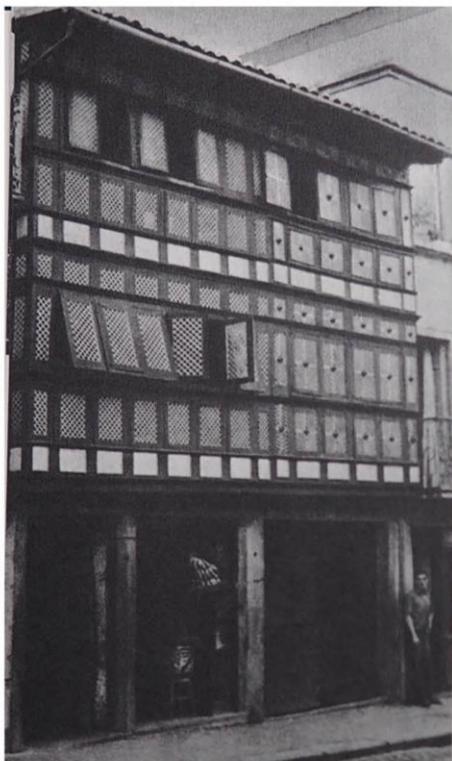


Figura 17 - Braga - Casa das Rótulas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 18 - Braga - Janela da Casa das Rótulas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 19 - Braga – Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 20 - Braga - Conjunto de casas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 21 - Braga - Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955

A zona dois corresponde a Trás-os-Montes, com um clima de tipo continental, com calor extremo e seco no verão e frio glacial e neve no inverno.⁸⁵

Uma região que dispõem granito e xisto nas construções, uma dureza da pedra crua que contrasta com os apontamentos em madeira das varandas.⁸⁶ Porém, quando existe a construção em xisto, implica elementos em madeira em ombreiras, padeiras e aventais.⁸⁷

Esta região tem a particularidade de utilizar o patim coberto que se encontra no topo das escadas como alpendre onde colocam os cultivos a secar protegidos não só do clima como também de animais. Esta varanda coberta utiliza balaustres em madeira, sendo que todos os registos encontrados inserem-se nessa categoria, contudo, não são considerados para o presente estudo.⁸⁸

Posto isto, existe uma ausência de muxarabis, rótulas e gelosias nas representações estudadas. Considera-se, numa primeira instância, a falta de vestígios relacionada com a permanência pouco prolongada de árabes na região.⁸⁹

⁸⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 134

⁸⁶ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.I, p.172

⁸⁷ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.42

⁸⁸ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.42

⁸⁹ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.42

Zona 3 | Beiras

A zona que se encontra registada como terceira corresponde às Beiras. Assim como Minho e Trás os Montes, é uma região que predomina o granito e o xisto, com a pedra quase sempre à vista sem cimento. Aqui também é aproveitado o topo das escadas para um alpendre coberto que serve para os mesmos propósitos que a região de Trás-os-Montes.⁹⁰

O clima chuvoso implica condicionantes na arquitetura beirã, apresentando, nas habitações, particularidades, de modo a defender as pessoas e os animais dos estragos do tempo, bem como, beneficiar das condições climatéricas. Estas particularidades são aspetos que se vão aperfeiçoando ao longo dos tempos com a verificação da função consoante o clima. As varandas são um desses elementos, geralmente são bem orientadas de modo a aproveitar a máxima exposição solar.⁹¹

Na região de Paul, predominam as casas com três pisos dos quais, os últimos dois pisos são destinados à habitação. Uma marca muito evidente são os balaústres em madeira que se situavam nas varandas do último piso, ocupando toda a largura.⁹²

Foi registado apenas um exemplar de glosias para proteção de uma varanda. Sendo esta a grande utilidade dos elementos treçados em madeira, este realiza simultaneamente a função de guarda.⁹³ Os restantes exemplares indicados representam balaustres de madeira.

⁹⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 147

⁹¹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.I, p.283

⁹² OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 148

⁹³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 148



Figura 22 - Castro Daire - Revestimentos nas fachadas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 23 - Paul, Covilhã - Casa típica, varanda de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 24 - Paul, Covilhã – Casa Característica de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 25 - Pero Viseu - Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 26 - Canas do Senhorim, Nelas - Aproveitamento do esconso de uma escada de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 27 - Coja. Arganil - Corpo saliente totalmente envidraçado (orientação N-SW) de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 28 - Santa Ovaia de Cima. Tondela - Presença do tijolo na construção de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 29 - Ervideira. Póvoa do Varzim - Pátio com parede de fundo com janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 30 - Zebreira. Idanha-a-Nova - Casas de Arquitectura Popular em Portugal 1955

Zona 4 | Estremadura

A Estremadura corresponde à zona quatro com um clima intermédio entre o húmido do Norte e o Sul seco,⁹⁴ na qual, o rio Tejo separa duas áreas com densidades e tipos de solos diferentes, uma vez que, o norte é mais chuvoso.⁹⁵

Nesta região os materiais mais usuais são a adobe de barro, o tufo⁹⁶ ou o tijolo que são caiados e rebocados, contrastando com as guarnições de pedra ou madeira nas portas e janelas. Na zona ribatejana as caiações são policromadas.⁹⁷

Foram registadas três fotografias, e o exemplo mais significativo encontra-se na Serra d'El Rei em Peniche, no piso térreo de um edifício habitacional junto à igreja, protegendo a privacidade dos habitantes da passagem de pessoas no exterior, contudo este já foi retirado.⁹⁸ Os balaustres, embora não sejam elementos em estudo, eram muito representados nesta região

Lisboa, inserida na zona quatro, não apresenta qualquer registo destas estruturas por parte dos arquitetos do inquérito entre 1955 e 1960, contudo, estes elementos estavam muito presentes na região de Lisboa, tendo sido encontrados registos até 1973, especialmente nos bairros de Alfama e Mouraria, correspondendo à área de estudo.

⁹⁴ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.7

⁹⁵ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.17

⁹⁶ Tufo consiste na formação geológica de consistência porosa podendo ser de tufo vulcânico ou calcário, Informação recolhida em: Priberam. **Dicionário** [Em linha]. [Consult. 13Nov2017]. Disponível em WWW:< <https://www.priberam.pt/dlpo/tufo>>.

⁹⁷ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.89

⁹⁸ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.70



Figura 31 - Serra d'El-Rei. Peniche – Perspetiva de rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 32 - Coruche –Rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 33 - Coruche – Pormenor recortada pela autora da fotografia Rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 34 - São Pedro de Muel. Marinha Grande - Casas com varandas de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 35 - Mugideira. Torres Vedras – Poço Coberto de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 36 - Praia de Pedrogão. Leiria - Casa de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 37 - São Pedro de Muel. Marinha Grande - Varanda de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955

Zona 5 | Alentejo

O Alentejo, corresponde à quinta região do país, apresenta um clima mediterrâneo - continental, seco e quente. No inverno atravessa períodos de chuva e no verão vivencia uma temporada de seca, com escassos cursos de água na região. O clima tem uma importância direta na forma de vida da população, afeta não só a construção como também a atividade agrícola alentejana.⁹⁹

Esta região é muito marcada pela paisagem das planícies, com os campos de cereal e pousio e por montes, composta por herdades e conjuntos de edifícios que origina uma unidade agrícola. Existem assim, pequenos aglomerados urbanos e distingue-se a casa do monte alentejano e a casa de povoado, mas sempre uma paisagem marcada pelas chaminés.¹⁰⁰

As habitações geralmente são térreas com a utilização de tijolo, adobe e taipa, sendo o último material muito utilizado no Alentejo interior. Contudo, existe uma sobreposição de uso de técnicas e matérias. A cal é o material por excelência e as casas são constantemente caiadas, constituindo uma proteção contra o calor devido à sua capacidade de o refletir.¹⁰¹ Quando se adiciona pigmentos à cal, enobrece as casas, independente do tipo. Todavia, nesta região era mais frequente a cal sem adição, possivelmente por questão económica.¹⁰²

⁹⁹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.126

¹⁰⁰ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.117-118

¹⁰¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5º. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p.164

¹⁰² MESTRE, Victor – A Arquitetura Popular Alentejana: “A Civilização do Barro”, In **Arquitectura e construção** [Em linha], nº14, 2001 p. 84 [Consult. 14Nov2017]. Disponível na internet:< http://www.vmsa-arquitectos.com/pdf/Civilizacao_barro_2001.pdf>

Nesta região aparecem vestígios de influência árabe, com a utilização das cúpulas, arcos e abóbadas. Considera-se que as capelas e as igrejas são menos frequentes no Alentejo do que norte do país.¹⁰³

Os exemplos fotografados nesta região são muito explicativos do uso deste sistema treliçado. Dos três exemplos registados, em Beja, a rótula adquire um lugar de destaque ao ser representada sozinha, a fim do entendimento do sistema construtivo. (figura 40)

Ainda assim, demonstra dois exemplos de casa solarengas em Portalegre, não sendo particularmente um sistema treliçado, as ripas de madeira paralelas têm o intuito do sistema, uma vez que estavam incorporados do piso térreo para controlo da iluminação e garantir a privacidade no interior da habitação. (figura 38 e 39)



Figura 38 – Portalegre – Casa Solarenga de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 39 - Portalegre – Casa Solarenga de Arquitectura Popular em Portugal 1955

¹⁰³ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3º. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.117-118



Figura 40 – Beja - Protecção das janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955

A última divisão, corresponde à sexta zona, que coincide com o Algarve. A região é caracterizada por um clima extremamente seco. Com uma excelente exposição a sul, o clima para além de ser considerado mediterrâneo é também subtropical, devido aos ventos provenientes de sul.¹⁰⁴

As habitações são térreas, com ausência de granito e uso muito raro do xisto, uma vez que, estas pedras não são originárias da região, evidenciando uma grande diferença das habitações do Norte do país. Por consequente, as pedras usadas nesta região são mármore e calcários moles e friáveis, o tijolo e a taipa.¹⁰⁵

A casa do Sul é sempre rebocada e caiada, exterior e interior, que potencia uma proteção contra a luz e calor. É ainda aplicada cor em alguns apontamentos como o rodapé e as guarnições de portas e janelas.¹⁰⁶ Outra característica destas habitações, de modo a se protegerem contra o clima da árido, é a existência de janelas de pouca dimensão ou a seleção limitada de vãos, muitas vezes só com a abertura do vão da porta na fachada principal. Distingue-se assim, a Casa Rural e a Casa dos Pescadores.¹⁰⁷

É na região algarvia que se encontram as maiores influências de civilização árabe. Estes permaneceram por terras algarvias durante um logo período de tempo, visto que, a reconquista desta região só se proporcionou no século XIII. Todavia, muitos dos árabes permaneceram no Sul depois desse período, continuando a transmitir os seus conhecimentos.¹⁰⁸

¹⁰⁴ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4ª vol.II, p.279

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5ª. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 151

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5ª. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 151

¹⁰⁷ MOUTINHO, Mário - **A arquitectura popular portuguesa**. ed 3ª. Lisboa: Editorial Estampa 1995. ISBN 972-33-1054-6 p.141

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. ed 5ª. Porto: Dom Quixote, 2003. ISBN 9789722023979 p. 151

A utilização de elementos como os muxarabis, rótulas e gelosias, não está totalmente difundida, porém, é considerada a região em que se encontra um maior número de vestígios significativos. Estes elementos são empregues de forma isolada nas fachadas, ou seja, não existem fachadas totalmente cobertas com este tipo de rotulado como é o caso de Beja.¹⁰⁹

Com destaque nos centros das cidades, apresentam distinção em Tavira, com três dos oito registos apresentados. A eliminação destas estruturas, das janelas e das portas, provocou o seu desaparecimento, surgindo elementos sem qualidade que empobrecem o património tradicional.¹¹⁰

São utilizados tanto na proteção dos vãos como nos postigos das portas, para a defesa da intimidade da habitação, frequentemente nos pisos térreos, pois permitem a ventilação e o controlo da entrada excessiva de luz nos tempos quentes e secos com a abertura do caixilho de vidro e o fecho do rotulado.¹¹¹



Figura 41 - Faro – Grades de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 42 - Faro - Restos da muralha de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 43 - Faro - Rotulado em sacadas de Arquitectura Popular em Portugal 1955

¹⁰⁹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.358

¹¹⁰ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.358

¹¹¹ **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.II, p.358

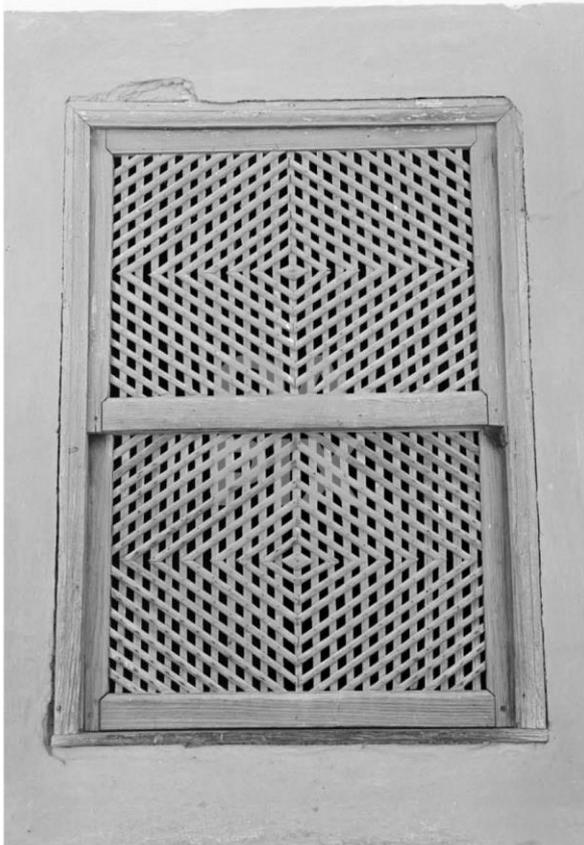


Figura 44 - Pera. Silves - Rotulado em caixilhos de guilhotina de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 45 - Castro Marim - Rotulado em janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 46 - Tavira- Rotulado em porta de Arquitectura Popular em Portugal 1955



Figura 47 - Lagos - Rotulado em porta de Arquitectura Popular em Portugal 1955

3.1 Alfama e Mouraria: do contexto atual à origem do nome

Os territórios em estudo, bairros populares do núcleo histórico de Lisboa, correspondem às ocupações mais antigas da cidade.

Alfama, inserida na vertente sul da encosta do Castelo e próxima do rio Tejo, corresponde a um território ocupado desde os tempos dos romanos e visigóticos, contudo, é no período de ocupação árabe que se desenvolve como arrabalde exterior da muralha.¹¹²

O seu topónimo advém deste período árabe, *Al-hama*, que significa banhos quentes ou termas, traduzido do árabe. Este lugar foi eleito pelos muçulmanos pois conseguia reunir as condições pretendidas por este povo, uma vez que, possuía uma abundância em água, com qualidades termas e o seu assentamento em colina oferecia uma capacidade defensiva eficaz.¹¹³

A malha urbana é caracterizada pela organização orgânica e labiríntica com becos, vielas, escadinhas e travessas, conferindo ao território um aspeto pitoresco e belo, como um bairro vivo.

¹¹² RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, **Alfama, caracterização sociológica da habitação**, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991 p. 9

¹¹³ MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado. p. 55

Mouraria, situada nas vertentes poente e norte da Colina do Castelo, viria a designar-se por este nome, depois da conquista da cidade pelas tropas cristãs. Os árabes (mourous) fixaram-se neste território com efeito da sua expulsão da cidade cristã.¹¹⁴ Atualmente os limites correspondem a uma vasta região, contudo, inicialmente era limitado pelo pequeno “arrabalde” destinados aos mourous vencidos.

Com uma topografia acidentada corresponde a um traçado idêntico a Alfama, com ruas sinuosas e estreitas sem organização urbana evidente.

Independentemente das demolições ocorridas a partir de 1940 na Mouraria, ao longo dos anos assistiu a uma perda de autenticidade. Estes territórios podem ser considerados um monumento vivo, com uma memória histórica e elementos arquitetónicos e urbanísticos inseridos num museu ao ar livre, com ruas estreitas e fachadas simples ou com ressalto.¹¹⁵

“As fachadas irregulares erguem-se em implantações e composições orgânicas. [...] as ambiências são ainda as de tradição medieval e quinhentista. Para além das célebres fachadas simples e de ressalto em frentes de ruas tão estreitas que quase se tocam, persistem as varandas e algumas janelas de rótula.”¹¹⁶

¹¹⁴ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

¹¹⁵ SUL, Associação dos Arquitectos Portugueses Secção Regional do - Alfama: morte ou recuperação?. In, **Jornal Arquitectos**. nº 3 (1985) p.9

¹¹⁶CALADO, Maria; FERREIRA, Vítor Matias - **Lisboa : freguesia de Santo Estêvão (Alfama)**. Lisboa : Contexto, 1992. 76 p. 49

3.1.1 Contexto Atual

Atualmente estes territórios sofrem de uma promoção turística, uma vez que se afirmam como áreas da cidade mais autênticas e com pequenas alterações ao longo dos tempos, preservando a memória da cultura popular.

Existe um novo processo de gentrificação, o primeiro verificou-se na década de 1990 com pouca intensidade. Os bairros encontravam-se empobrecidos e despovoados, o que não originou uma competição pelo mercado imobiliário que leva a expulsar os habitantes originais, situação que se verifica no momento atual. Com efeito, existe uma descaracterização sociocultural do bairro com diversos assentamentos de alojamento local e de pequenos comércios.

Assim, considera-se que estas duas áreas da cidade estão na agenda do dia, com um aumento da preocupação relativamente ao processo de descaracterização dos bairros, visto que a localização no centro da cidade e a vista privilegiada para o rio Tejo são fatores que potenciam a gentrificação.¹¹⁷

Contudo, estas são políticas governamentais, com o “Programa de Governo da cidade de Lisboa 2013/2017” como afirma a autora Cláudia Henriques, uma vez que o património histórico e a cultural são os principais fatores de turismo.¹¹⁸

¹¹⁷ CRUZ, Nicole Alexandra Pires- **Interpretação e Valorização do Património Cultural no Bairro Histórico da Mouraria**. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de História 2015. Dissertação de Mestrado p.42

¹¹⁸ HENRIQUES, Cláudia – **Turismo cidade e cultura** – Lisboa: Edições Sílabo, 2003 p.44

Alfama é associada a um espaço urbano e social estruturado com uma rede de relação pessoal, com vizinhos e familiares, e uma dinâmica própria e enraizada. Os habitantes vêem-se obrigados a abandonarem as suas habitações devido ao aumento excessivo da renda ou por efeito da construção de um alojamento turístico.¹¹⁹

Mouraria é uma estrutura marcada pelo comércio e multiculturalismo com uma população maioritariamente originária do Bangladesh, convivendo com emigrantes chineses, indianos, paquistaneses e moçambicanos.

Com efeito desta promoção turística, procura-se replicar o que já desapareceu, proporcionando aos visitantes uma imagem fingida, um espaço de exibição e não de quotidiano e vivência. Trata-se de uma visão tradicionalista e irrealista, como se se observasse um museu.

No entanto, o Plano Diretor Municipal de Lisboa, visa a gestão do território através de uma valorização do património, na tentativa de preservar o seu valor histórico, cultural e paisagístico.

“As intervenções sobre os bens da estrutura patrimonial municipal devem privilegiar a sua conservação e valorização, a longo prazo, de forma a assegurar a sua identidade e a evitar a sua destruição, descaraterização ou deterioração.”¹²⁰

¹¹⁹ COSTA, António Firmino, RIBEIRO, João Manuel - Construção social de um objecto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama, In **Sociedade e Território**, n.º 10-11 (1989) p.93

¹²⁰ Câmara Municipal de Lisboa - **Carta Estratégica de Lisboa 2010-2024** – Um Compromisso para o Futuro da Cidade”, Lisboa: CML, 2009. p. 6, disponível em: (<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/carta-estrategica>), consultado a 17 de Junho de 2018

3.1.2 Pré-romanos

A história de Alfama e Mouraria destacou-se antes da ocupação romana, um grande número de povos que ocupara a Península Ibérica, nomeadamente Lisboa. Os poucos vestígios arqueológicos provenientes de intervenções realizadas, ao longo dos anos, pontualmente nos bairros em estudo, evidenciam uma ocupação desde meados do I milénio a.C.¹²¹

A presença de povos pré-romanos na cidade de Lisboa, é ainda comprovada por escritos de geógrafos gregos que colocam a cidade de Olisipo e a foz do rio Tejo como ponto de interesse e de fácil navegabilidade.¹²²

Porém, ainda não se estabelece uma linha cronológica nem um consenso sobre os povos pré-romanos em Lisboa. Segundo José Augusto França, Lisboa foi numa fase inicial ocupada pelo povo celtas (século VIII-VII a.C.) e posteriormente por Cartagineses (século V a.C.) e ainda por Fenícios e romanos no princípio do século II a.C.

É unânime a importância dos Fenícios, povo que estava fortemente relacionado com as trocas mercantis e dominava as margens do mediterrâneo à época. O primeiro nome conhecido de Lisboa é *Alis ubbo*, que segundo José Augusto França significava enseada amena.¹²³ Por outro lado, o autor

¹²¹ PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela- **Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça** – In Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol 8, nº 2 (2005) p. 314

¹²² BRAGA, João Martins - **A cidade romana : Olisipo, memória e uso**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2013. Dissertação de Mestrado. p. 27

¹²³ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.17

Leite Vasconcelos considera que “Olisipo” advém da presença dos fenícios em Lisboa, uma vez que admite que os nomes com terminações “ipo” ou “ippoo” são de origem fenícia.¹²⁴

Este povo permaneceu durante séculos em Lisboa uma vez que, encontraram condições favoráveis para se fixarem, como a proximidade ao oceano por meio do rio de águas tranquilas, os solos eram férteis e com boa capacidade defensiva. Contudo, apesar do seu tempo de permanência os vestígios arqueológicos e heranças dificilmente são encontrados.¹²⁵

A cidade de Lisboa greco-latina era formada por um acampamento militar permanente que posteriormente deu origem a uma cidade organizada no período de ocupação romana.¹²⁶

Independentemente dos dados disponíveis não se conseguiu concluir com clareza este período de tempo. Contudo, as descobertas de achados arqueológicos permitem concluir que os factores naturais deste território como a proximidade ao rio, com abundantes nascentes, e a sua topografia acentuada são condições que originaram desde cedo a fixação de povos. Isto permite especular esta área como uma estrutura portuária e de atividades agrícolas e industriais, permitindo as trocas.¹²⁷

¹²⁴ **Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971 fascículo 2

¹²⁵ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.17

¹²⁶ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.7

¹²⁷ PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela- **Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça** – In Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol 8, nº 2 (2005) p.

3.1.3 Ocupação Romana (a partir do século II a.C.)

Mais tarde, Lisboa foi povoada por romanos que se instalaram a partir do século II a. C., com a conquista da cidade em 61 ou 60 a.C. por tropas lideradas por Júlio César.¹²⁸ Ocuparam uma área que se estendia para poente e para sul em direção ao rio, correspondendo em grande parte ao território ocupado hoje pelos bairros de Alfama e Mouraria. Este local era estruturado por três núcleos, o alto da colina fortificado denominado *oppidum*; o centro cívico ou fórum e a zona ribeirinha.¹²⁹

Instalados durante seis séculos, este povo desenvolveu as suas estruturas, como as termas e edifícios, adaptados à malha existente. Porém, também expandiram a cidade com uma implantação baseada nos seus princípios de ortogonalidade, muito característica dos acampamentos militares romanos. Atribuíram-lhe inicialmente a denominação de *Olissipo* e *Olissipone*, e posteriormente de *Felicitas Julia*, em homenagem a Júlio César.¹³⁰

Lisboa desenvolveu-se como acampamento militar com vias de acesso, e posteriormente foi transformada num povoamento permanente. Quanto à localização das vias romanas, não se chega a um consenso, uma vez que existem diversas teorias. Segundo Vieira da Silva, defende a existência de duas vias, “a primeira que circundava o monte do castelo e bifurcava pela Calçada de Santo André e Olaias e a segunda, seguia para ponte e para norte pela Rua da Madalena, atingindo o Borralém e prosseguia pelas Ruas da Mouraria e Benfornosa”¹³¹. Segundo Gil Mantas, calcula que seriam três

¹²⁸ LISBOA, Câmara Municipal- **Espaço e Tempo: Revelar Lx**. Em linha]. Lisboa: Departamento de Bibliotecas e Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 06 Fev 2017] disponível em WWW:< <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=1390>>.

¹²⁹ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 122

¹³⁰ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.17

¹³¹ TOUSSAINT, Michel - **Bairros Históricos Lisboa**. Jornal Arquitectos. n.º151 (1995) p.47

vias apesar de Mário Saa referir quatro grandes vias.¹³² A via de maior importância localizada em território português ligava Lisboa (*Felicitas Julia*) a Braga (*Bracara Augusta*).¹³³

O estudo da estrutura viária durante a ocupação romana depreende a importância da frente ribeirinha e da estrutura portuária visto que, o transporte de mercadorias era feito por via marítima.

Por outro lado, o estilo de vida romana era marcado pelo lazer e banhos termais. Durante o dia, os cidadãos eram ocupados pelo trabalho e as tarefas simples para o funcionamento de uma cidade, e à noite, período de lazer. Assim, a importância deste estilo de vida, originou a construção de edifícios públicos de lazer organizadores da malha da cidade.

À exceção de escassos elementos arquitetónicos e artefactos, pouco restou da permanência romana, contudo têm vindo a ser descobertos no subsolo da cidade elementos de grande interesse como o teatro dedicado a Nero em meados do século XVIII.¹³⁴

Felicitas Julia desenvolveu-se numa área de cerca de 700 por 500 metros e estava circunscrita norte-sul, era delimitada pelo Castelo de São Jorge e a Rua dos Bacalhoeiros.¹³⁵ Uma pequena ilustração realizada pelo autor Gil Mantas ilustra as três vias que serviam a cidade e uma hipotética relação com a malha urbana. A negro representa as vias de acesso e a cinza as vias de circulação interior, na direção nascente-poente com a atual e a Rua Augusta e Rua do Chafariz de El-rei e na direção.

¹³² MANTAS, V.G. (1999) – **Olisipo e o Tejo**. In: Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997). Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, p.27

¹³³ ALARCÃO, Jorge de - **O Domínio Romano em Portugal**. 4ª Edição. Lisboa: Europa-América, 2002 p.88

¹³⁴ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.17

¹³⁵ MANTAS, V.G. (1999) – **Olisipo e o Tejo**. In: Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997). Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, p.27

Outro autor que estuda e ilustra a cidade romana foi Augusto Vieira da Silva com a identificação da cerca Moura e edifícios romanos, segundo a sua interpretação.

Posto isto, considera-se que os vestígios que vêm sendo descobertos ao longo dos tempos confirmam a importância do povo romano na formação da cidade de Lisboa e a importância de Alfama e Mouraria como pontos de interesse e ocupação devido às suas localizações.



1 Termas da Rua dos Correiros; 2 Termas dos Cássios; 3 Termas do Beco do Marquês de Angeja; 4 Madalena; 5 Porta do Ferro; 6 Miliário; 7 Rua dos Correiros
 8 Teatro; 9 Provável *Kardo Maximus*; 10 Circo; 11 Criptopórtico; I Praça da Figueira; II Ribeira Velha; III Cruz de Pedra; IV S. Nicolau;
 A Rua Augusta; B Rua Augusta / Mandarim Chinês; C Rua dos Correiros; D Rua dos Douradores; E Rua dos Douradores; F Rua dos Fanqueiros / Napoleão;
 Figura 48- Planta urbanística da cidade romana sobre a planta de João Nunes Tinoco (século XVII). Representação das principais estruturas relacionadas com a água na cidade.

3.1.4 Ocupação Árabe (século VIII até século XII)

No século VIII, os árabes instalaram-se na cidade de Lisboa e o seu domínio durou até ao século XII. Estes ocuparam o topo da colina de São Jorge e estenderam-se pelas encostas adjacentes, constituindo assim a Alcáçova¹³⁶ e os arrabaldes.¹³⁷

O princípio de organização e assentamento de uma cidade islâmica deriva de múltiplos fatores conjugados, como a capacidade defensiva, comercial e a presença de pontos de água. O centro da cidade islâmica era conferido ao local de existência de águas termais, sendo este um fator relevante ao nível cultural e religioso do povo árabe. Por esses motivos, reconheceram em Alfama e Mouraria o local ideal para se instalarem.¹³⁸

Este povo adaptou vários edifícios e estruturas romanas, contudo, construiu diversos edifícios religiosos como mesquitas, que foram considerados edifícios de grande importância na cidade. As mesquitas eram afastadas da muralha por questões de segurança, e muitas vezes eram impercetíveis visto que existiam construções adjacentes, aproveitando-se das suas paredes exteriores. Construíram ainda novos bairros de acordo com os princípios da malha existente, caminhos sinuosos, ruas e ruelas transformando-se densa e irregular, que ainda hoje está presente em Alfama e Mouraria.¹³⁹

As construções enaltecem o pátio, espaço que exerce a função de praça. Em Alfama é possível entender a sua estrutura espacial através das vivências destes espaços, que proporcionavam o arejamento das estreitas ruelas e permitia a entrada de luz solar, situação de difícil realização devido à

¹³⁶ Alcáçova, nome dado na época dos árabes ao espaço muralhado/fortaleza com residência soberana no inteior In: <https://www.priberam.pt/dlpo/alc%C3%A1%C3%A7ova>

¹³⁷ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

¹³⁸ MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbúna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado. p. 56

¹³⁹ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

largura das ruas e a altura das habitações que tornava os compartimentos mal arejados e sombrios. Em consonância com as ruas das medinas do Norte de África, o clima atingia grandes temperaturas, e a via pública arrefecia, devido à malha densa que não possibilitava a incidência do sol de forma direta.

140

O nome Alfama advém desta ocupação árabe na cidade, Al-hamma que traduzido significa “águas quentes” ou “termas”.¹⁴¹

Na época muçulmana, Alfama poderia ser dividida em duas. Uma Alfama do Alto, situada dentro da cerca moura e mais aristocrática, e uma Alfama do Mar, considerado um arrabalde popular, para as pessoas que viviam do mar.¹⁴²

Às portas da cidade eram cobradas as taxas sob todas as mercadorias que entrassem ou saíssem. Em Alfama, a porta de entrada era constituída por uma torre que a protegia e era local de lojas e trocas comerciais.¹⁴³

Nestes bairros ainda é possível encontrar ensinamentos de uma cultura árabe, devido à malha do bairro, como os andares de resalto, em que os pisos superiores em consola para a rua proporcionam uma extensão do espaço habitacional, bem como os muxarabis, rótulas e gelosias, as pequenas saliências na fachada realizadas com uma estrutura de madeira treliçada de controlo de ventilação e iluminação das habitações. Isto deve-se ao facto da cristianização não ter sido tão expressiva, mantendo a essência dos bairros.

¹⁴⁰ MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado. p. 64

¹⁴¹ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

¹⁴² MAGALHÃES, Andreia – **Reabilitação Urbana: Experiências Precursoras em Lisboa 05**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008 p. 123

¹⁴³ TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago – **O legado Islâmico em Portugal**. Lisboa: Círculo de leitores e autores. 1998 p.84

“Deve acrescentar-se que Alfama e Mouraria não são diferentes por terem tido uma origem islâmica ou por serem mouras. São-no por adoptarem uma lógica de ocupação do espaço que efectivamente ainda hoje possuem as populações do Norte de África.”¹⁴⁴

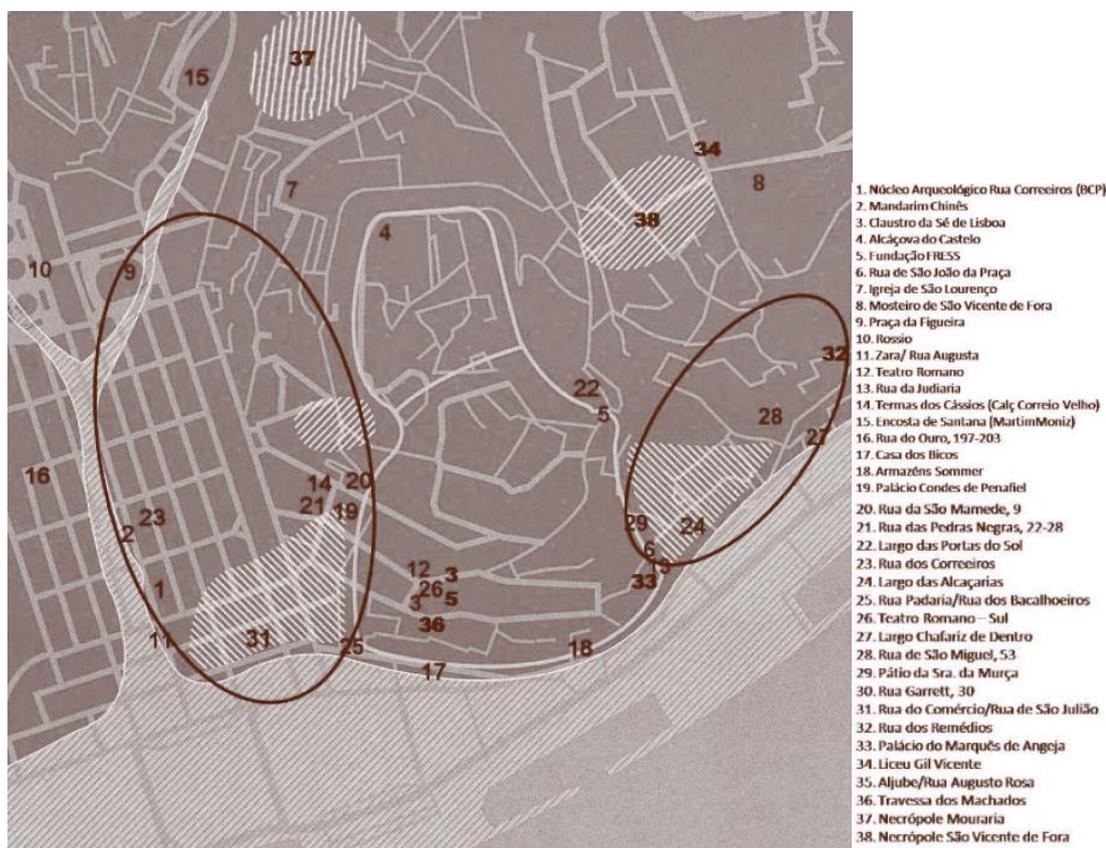


Figura 49 - Lugares arqueológicos islâmicos em Lisboa

¹⁴⁴ MATOS, José Luís de – *Lisboa Islâmica*, Lisboa: Instituto Camões. 1999 p.9

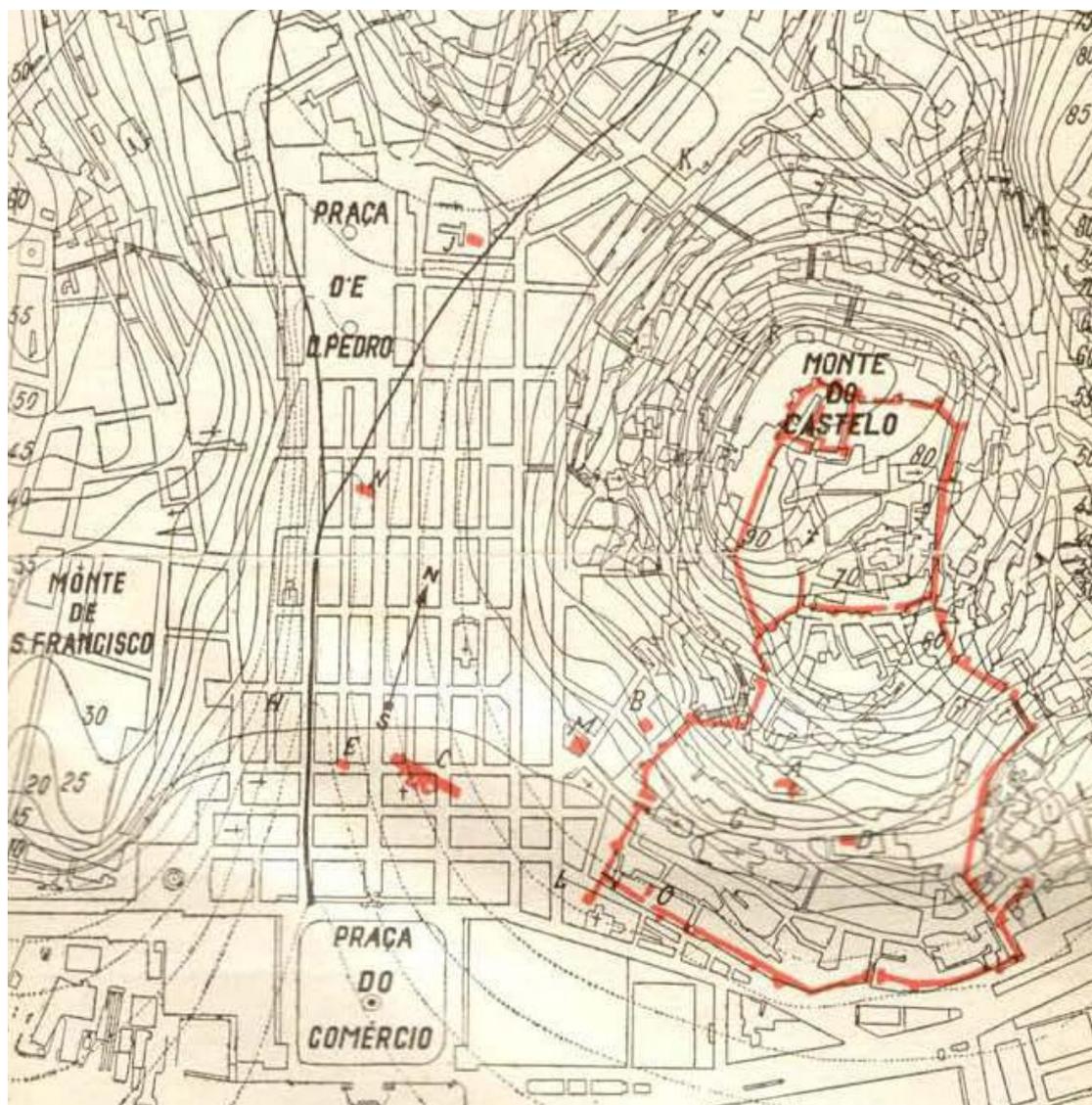


Figura 50 - Planta Modificada de modo a realçar a informação pertinente na planta (colocação dos edifícios assinalados por Augusto Viera da Silva a Vermelho).

3.1.5 Reconquista Cristã (século XII)

Iniciou-se a reconquista Cristã, e após cinco meses de longos cercos, Lisboa foi conquistada a 21 de outubro de 1147.¹⁴⁵ De modo a realçar o poder e soberania cristã, foi ordenada a conversão de mesquitas em igrejas ou edifícios cristãos, situação ocorrida na Igreja de Santa Cruz do Castelo, ou a construção de uma nova Sé que ocuparia a antiga mesquita.¹⁴⁶

A organização urbana persistiu, o mercado e os banhos públicos continuaram em funcionamento, estes últimos por pouco tempo. Em 1147, na época da reconquista, Lisboa era uma cidade intrincada com um amontoado de casas que se estendiam para fora da cerca moura para leste e oeste, junto da frente ribeirinha. O núcleo central era protegido por uma muralha com duas entradas, aproximadamente nos extremos da atinga Rua Grande Direita, atualmente Rua dos Cavaleiros.¹⁴⁷

Porém, a reconquista cristã, não ditou o fim dos muçulmanos em Lisboa, uma vez que permaneceram na cidade artesões e agricultores. D. Afonso Henriques expulsou os mouros vencidos do núcleo da cidade e determinou o seu estabelecimento num território às portas do arrabalde, na colina do Castelo, hoje designado por Mouraria, toponímia que advém da ocupação moura, fora do perímetro urbano do núcleo central.¹⁴⁸

¹⁴⁵ OLISIPONENSES, Gabinete de Estudos - História de Lisboa - Tempos Fortes. **Jornal da exposição** [Em linha] 2008 [Consult. 2 fevereiro 2018]. Disponível em WWW:< https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/hist__ria_de_lisboa-_tempos_fortes> p. 6

¹⁴⁶ SILVA, Augusto Vieira da, - Prefácio In OLIVEIRA, José Augusto de – **Conquista de Lisboa aos Mouros (1147), Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas presenciais do cêrco**, Lisboa: S. Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936 p.14

¹⁴⁷ FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.18

¹⁴⁸ MATOS, André Jorge da Cruz – **Acompanhamento de direção de obras de reconstrução na Mouraria**. Lisboa: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa: Área Departamental de Engenharia Civil, 2015. Dissertação de Mestrado p.3

O contraste destas duas realidades era notório. Mouraria desenvolveu-se e criou uma pequena cidade fora do núcleo central com um templo ao cimo da atual Rua do Capelão. Por outro lado, no vale de Lisboa desenvolveu-se uma Lisboa cristã circunscrita na cerca.¹⁴⁹ Contudo, durante o período de reconquista Cristã, Alfama perde o seu estatuto de bairro nobre e transforma-se num bairro de caráter popular.¹⁵⁰ A sua estrutura urbana de ruas e ruelas de características islâmicas, bem como os elementos em estudo, persistem ao longo deste período de tempo.

Em 1179, o primeiro foral é recebido por Lisboa como indício de recuperação e organização da cidade.¹⁵¹



Figura 51 - Cerco de Lisboa de 1147 por Roque Gameiro

¹⁴⁹ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria, In **Lisboa desaparecida**. 5^o ed Lisboa: Quimera, 1990, vol I p. 17

¹⁵⁰ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1^a ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

¹⁵¹ OLISIPONENSES, Gabinete de Estudos - História de Lisboa - Tempos Fortes. **Jornal da exposição**[Em linha] 2008 [Consult. 2 fevereiro 2018]. Disponível em WWW:< https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/hist__ria_de_lisboa-_tempos_fortes:> p. 6

3.1.6 Século XIV - XV

Após dois séculos da reconquista cristã, a cidade de Lisboa tinha crescido muito para além das muralhas antigas. Apesar da escassa informação, acredita-se, que D. Dinis, fundador do Estudo Geral, quis estabelecer em Lisboa a instituição. Antes de obter a autorização do Vaticano, já tinha identificado e mandado construir o edifício, em Alfama, que iria acolher o Estudo Geral. Mais tarde, devido ao conflito existente entre a comunidade estudantil e os residentes, foi transferido para Coimbra.¹⁵²

D. Fernando decretou a construção de uma nova muralha, iniciada em 1373. Esta cerca ficaria conhecida como Cerca Fernandina.¹⁵³

Os limites impostos na Mouraria eram limites não só físicos, como também sociais, com leis muito rígidas aplicadas essencialmente à mulher cristã, que não podia entrar no arrabalde “sob pena de ser enforcada”, porém, esta situação não era aplicado aos homens. Ainda no reinado de D. Pedro I foi decretado que qualquer judeu ou mouro que depois de anoitecer percorresse a cidade de Lisboa (limites dentro da muralha) tinha pena de ser açoitado em público.¹⁵⁴

No século XIV, o bairro da Mouraria continuou separado do resto da cidade. Na sequência da construção da Cerca Fernandina, este território ficou separado intra-muros, e deixava de fora a área norte e oriente da atual Mouraria, visto que, um troço cortava transversalmente o atual Martim Moniz. O único acesso ao núcleo da cidade era pela designada Porta da Mouraria. Esta separação foi crucial

¹⁵² **Lisboa no Passado e no Presente.** Lisboa: Excelsior, 1971 fascículo 7

¹⁵³ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida.** Lisboa: Químera, 1909, vol I p. 17

¹⁵⁴ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida.** Lisboa: Químera, 1909, vol I p. 17

no desenvolvimento do bairro, dado que a marginalização e a exclusão social tiveram origem muito cedo na formação do bairro, sempre considerado um “bairro à parte dentro da cidade.”¹⁵⁵

No reinado de D. Manuel as diferenças entre mouros e cristãos acentuou-se pois terminou a liberdade de práticas religiosas dos mouros, obrigando-os à conversão do cristianismo, sob pena de abandono do país. Este decreto originou a invasão do arrabalde por parte dos cristãos que converteram este espaço. Pontoaram-no com edifícios e espaços para as práticas religiosas, situação da Ermida da Senhora da Saúde, implantada às portas da Mouraria, apontado como antigo espaço em que se cobrava a portagem/imposto para a entrada em Lisboa.¹⁵⁶ Contudo, os vestígios da presença moura permaneceram, quer ao nível da toponímia como da malha urbana característica do bairro, constituída por ruas e ruelas apertadas.

Em contrapartida, dentro das muralhas do Castelo, Alfama foi-se expandindo, constituído um espaço habitado por realidades diferentes. Começou a recuperar o estatuto perdido na época da Reconquista, uma vez que se tornou um bairro só habitado por uma classe social baixa, como pescadores, escravos e judeus. Assim, o bairro desenvolveu-se como potência marítima o que originou a instalação de nobres e ricos comerciantes devido à proximidade com o Rio Tejo.¹⁵⁷ Para além da proximidade com o rio, Alfama possui características de interesse como os chafariz e fontes com particularidades termais que atrai qualquer classe social.¹⁵⁸

¹⁵⁵ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 123

¹⁵⁶ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida**. Lisboa: Quimera, 1909, vol I p. 18

¹⁵⁷ SUL, Associação dos Arquitectos Portugueses Secção Regional do - Alfama: morte ou recuperação? In, **Jornal Arquitectos**. nº 3 (1985) p.9

¹⁵⁸ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 123

3.1.7 Século XVIII (sismo de 1775)

No final do século XVIII, Mouraria possuía uma fisionomia muito idêntica ao bairro de Alfama. A malha urbana era composta por ruas e ruelas, becos e escadinhas que correspondiam a uma traça anterior. As ruas, durante o dia, eram um espaço com vida, procissões, e arraias e à noite “as varinas sentam-se na soleira das portas e fazem praça do peixe que sobrou de um dia de trabalho, por vales e colinas, de canastra à cabeça. Botequins, batota, ladrões, malfeitores, prostitutas e rufias, constituem a vida e o estranho encanto da Mouraria.”¹⁵⁹

Em 1755 Lisboa sofre um terramoto de grande intensidade, seguido de um maremoto e incêndios que afetaram toda a cidade. Esta catástrofe destruiu igrejas, conventos, palácios e habitações. Alfama e Mouraria foram as áreas menos afetadas de Lisboa. Os bairros são reconstruídos pela população, em contraste com o resto de Lisboa, que foi planeada e organizada por arquitetos e urbanistas.¹⁶⁰

Alfama era habitada predominantemente por famílias de grandes recursos. Em consequência do terramoto, a maioria optou pela sua retirada para outras áreas da cidade, originando a ocupação deste território por famílias com baixas posses.¹⁶¹

¹⁵⁹ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria, In **Lisboa desaparecida**. 5º ed Lisboa: Quimera, 1990, vol I p. 18

¹⁶⁰ RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, **Alfama, caracterização sociológica da habitação**, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991 p. 9

¹⁶¹ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 124

Esta população estava ligada a um conjunto de atividades portuárias e marítimas, e realizaram a reconstrução do bairro através de um traçado antigo e irregular, com a intenção de manter o bairro original com sucessão de espaços de ruelas e becos. A qualidade desta reconstrução era precária uma vez que, utilizou destroços do terramoto o que originou diversos problemas, determinado um bairro pobre e degradado.¹⁶²

Por sua vez, no bairro da Mouraria, foram reconstruídos novos edifícios nos lugares dos prédios que desabaram, de modo a preservar a malha, recuperando grande parte da sua a estrutura espacial.¹⁶³ As edificações pós-terramoto de 1755 podem ser consideradas um misto de edifícios, uma vez que apresenta edifícios de grande porte pertencentes a classe social elevada e com cunho quinhentista construídos em alvenaria de pedra que refletem planeamento, contrastando com os edifícios de pequena dimensão e andares de resalto.¹⁶⁴

A situação nestes bairros era caótica, e progressivamente, os habitantes foram abandonando estas áreas, em procura de melhores condições de vida. Por outro lado, a densidade habitacional era elevada devido à malha urbana apertada com edifícios modestos e pequenos.¹⁶⁵

Assim, estas duas áreas da cidade, por resistirem ao terramoto, conseguem proporcionar uma visão de como seria a cidade de Lisboa antes desta catástrofe.

¹⁶² MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 124

¹⁶³ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 124

¹⁶⁴ MATOS, André Jorge da Cruz – **Acompanhamento de direção de obras de reconstrução na Mouraria**. Lisboa: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa: Área Departamental de Engenharia Civil, 2015. Dissertação de Mestrado p.3

¹⁶⁵ TOUSSAINT, Michel - **Bairros Históricos Lisboa**. *Jornal Arquitectos*. n.º151 (1995) p. 47

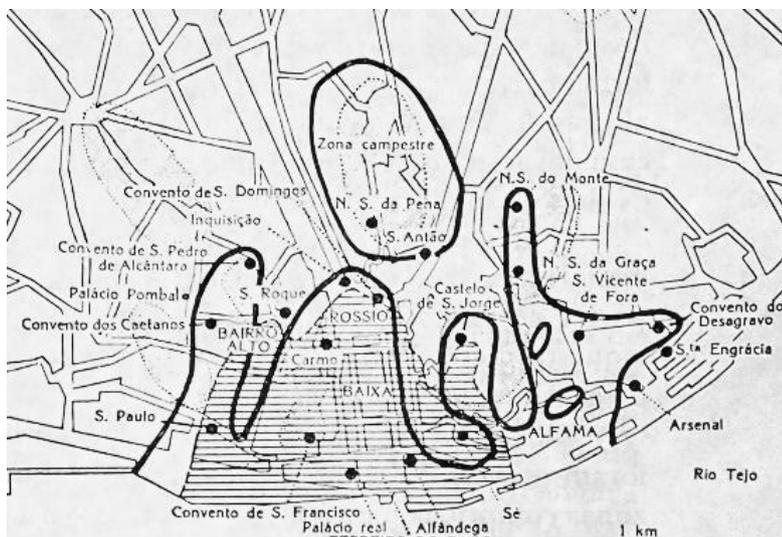


Figura 53 - Zona afetada pelo terramoto de 1755

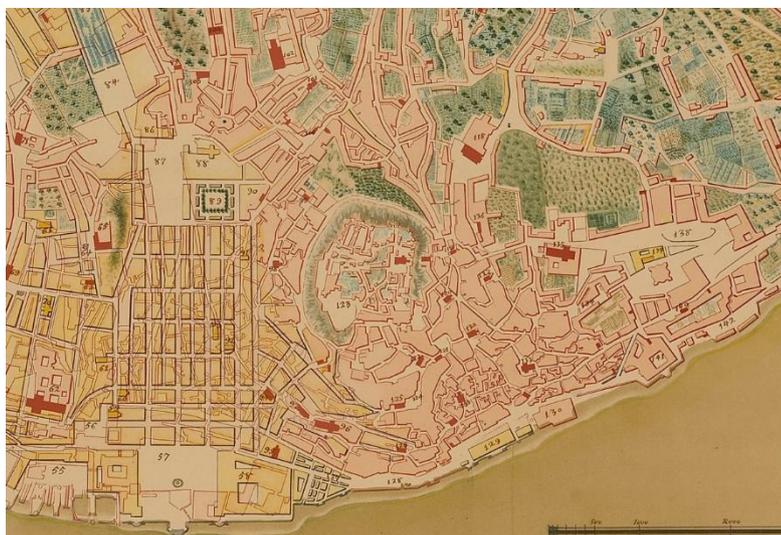


Figura 54 - Planta Topográfica da cidade de Lisboa (1949) pós-terramoto com marcação a vermelho do traçado antigo da cidade



Figura 55 - Lisboa antes e durante o terremoto de 1755 in gravura de Mateus Sautter séc. XVIII

3.1.8 Século XIX e XX

Este período de tempo foi marcado por uma viragem na história de Portugal com o regicídio a 1 de fevereiro de 1908, que originou a morte do rei D. Carlos e o seu filho herdeiro D. Luís Filipe de Bragança. A ascensão ao trono de D. Manuel II, filho mais novo de D. Carlos, prenunciou a instauração do regime republicano. Esta substituição da monarquia pela república consumou-se em 5 de outubro de 1910.¹⁶⁶

A partir de 1900 os edifícios velhos na zona histórica da cidade começam progressivamente a degradar-se. Como medida preventiva, sucessivas operações de limpeza foram realizadas, porém, originaram uma descaracterização e destruição de património e conseqüentemente, das restantes tradições populares em Lisboa.¹⁶⁷

As propostas de intervenção foram sucessivas, e só em 1959, o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, contemplava uma proposta de intervenção nos bairros históricos da cidade que preservava as estruturas existentes.¹⁶⁸

Alfama sofreu o abandono por parte de investidores privados e públicos, as habitações começaram a degradar-se e os habitantes criaram mecanismos de adaptação a estas condições de vida. Era habitado por uma população fortemente enraizada com uma densa relação de vizinhança,

¹⁶⁶ LISBOA, Câmara Municipal- **Espaço e Tempo: Revelar Lx**. Em linha]. Lisboa: Departamento de Bibliotecas e Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 06 Fev 2017] disponível em WWW:< <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=1390>>.

¹⁶⁷ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida**. Lisboa: Quimera, 1987, vol I p. 19

¹⁶⁸ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. P 135

que considerava o espaço público como espaço de convívio, dando origem a “formas muito próprias de cultura”.¹⁶⁹

Sem investimento, os inquilinos, com poucas posses económicas, introduziram equipamentos sanitários e domésticos nas suas habitações, executadas sem planeamento, danificando a estrutura dos edifícios. Através de uma observação atenta, de cunhais e cantarias, é possível verificar acrescentos de números de pisos que proporcionava um aumento do espaço disponível. Outro procedimento consistia na escavação da encosta, de modo a obter mais uma pequena divisão, contudo esta prática, constituiu um risco para as estruturas dos edifícios. Estes tipos de intervenção degradaram e colocaram em risco os edifícios, por outro lado, atualmente são considerados um aspeto único da cidade, conferindo um aspeto pitoresco através dos andares de resalto e acrescentos ao longo da história.¹⁷⁰

Num grande estado de degradação e sem investimento, a tendência no início dos anos 60 era a substituição da função habitacional por escritórios e armazéns em certas regiões do bairro, com efeitos negativos na conservação dos edifícios habitacionais.¹⁷¹ A ligação ao rio foi marcada por uma estrutura associada às atividades do porto, contudo, ficou obsoleta.¹⁷²

Em 1944, Norberto Araújo na sua conferência “Alfama como eu a não vejo” defendia a existência de duas áreas em Alfama, a região limpa, pitoresca e turística em contrapartida da região

¹⁶⁹ RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, **Alfama, caracterização sociológica da habitação**, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991 p. 9

¹⁷⁰ COSTA, António Firmino, RIBEIRO, João Manuel - Construção social de um objecto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama, In **Sociedade e Território**, n.º 10-11 (1989) p.86

¹⁷¹ COSTA, António Firmino, RIBEIRO, João Manuel - Construção social de um objecto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama, In **Sociedade e Território**, n.º 10-11 (1989) p.86

¹⁷² MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 126

pobre, suja e miserável. O autor propunha a renovação do bairro, com os espaços “todos pintados de novo, todos refrescados de gelosias, varandas, socalcos, altares de escadaria, cunhais floridos, ruelas lavadas, becos sem profanação de esterco, baiúcas fechadas, estendais de miséria banidos da irresponsabilidade coletiva.”¹⁷³

De modo a combater esta degradação a primeira iniciativa de conservação de Alfama surgiu na década de 60, integrada numa “campanha turística e cultural do Estado Novo”. Este projeto tinha como objetivo a regeneração do espaço público, remodelação da rede de esgotos, e restauro de monumentos e alguns edifícios. Este projeto seguiu as políticas do regime, que valoriza o património enquanto potencial turístico ignorando as questões de salubridade do bairro.¹⁷⁴

Em 1985 foi criado o Gabinete Técnico Local de Alfama na tentativa de minorizar os problemas pontuais em edifícios, porém, não conseguiam dar resposta a todas as solicitações.¹⁷⁵

A atuação deste Gabinete tinha como objetivo melhorar o estado de conservação, o conforto dos edifícios, a segurança e a higiene. Em consequência, originou o efeito de contágio, ou seja, outros proprietários também melhoraram as condições dos seus imóveis.¹⁷⁶

¹⁷³ ARAÚJO, Norberto – Uma Alfama Nova. **Olisipo**. nº29 (1945) p.19

¹⁷⁴ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 126

¹⁷⁵ RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, **Alfama, caracterização sociológica da habitação**, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991 p. 22

¹⁷⁶ RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel, **Alfama, caracterização sociológica da habitação**, Cadernos de Reabilitação Urbana, Lisboa: C.M.L – Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991 p. 23

Em 1989 foi realizado o Plano Especial de Salvaguarda que permite “estabelecer metodologias de intervenção e processuais” de modo a apresentar uma estratégia realista de gestão urbana.¹⁷⁷

Mouraria ficou marcada por ser uma área de “pobreza e precariedade habitacional” desde muito cedo. Agravando-se com o fluxo migratório e a fixação de pessoas do interior do país, que estabeleceu um elevado índice de concentração populacional. Estes acontecimentos geraram uma estigmatização do local, associado à prostituição e ao tráfico e consumo de drogas.¹⁷⁸

Ocorreram diversas demolições na zona baixa deste bairro, com base no Plano de Demolições da Mouraria de 1939. As demolições duraram vários anos e no seguimento deste plano é de destacar, o Palácio dos Marqueses de Alegrete em 1946, a Igreja do Socorro em 1949, o Teatro Apolo em 1957, e o arco das portas da muralha fernandina e o Arco do Marquês de Alegrete em 1961, com o termino das principais demolições por volta de 1962. Destas demolições só restou a Capela da Senhora da Saúde. Quarteirão a quarteirão as demolições originaram a construção de novos edifícios, descaraterizados do local, mais rentáveis e com mais pisos.¹⁷⁹



Figura 56 - Estudo para o prolongamento da Avenida Almirante Reis

¹⁷⁷ TOUSSAINT, Michel - Bairros Históricos Lisboa. Jornal Arquitectos. nº151 (1995) p. 37

¹⁷⁸ MENEZES, Marluce - Património Urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? In Cidades- Comunidades e Territórios, nº 11 (2005), p.71

¹⁷⁹ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida**. Lisboa: Quimera, 1987, vol I p. 19

Na década de 60, e devido à proximidade com o centro de comércio da cidade, este bairro despertou o interesse para atividades comerciais, através de estabelecimentos de comerciantes portugueses, indianos e paquistaneses.¹⁸⁰

A área designada hoje como Martim Moniz, permaneceu durante 30 anos, local de prostituição e de bares com rixas que se prolongavam até ao Largo do Intendente. De modo a retirar esta área dos escombros, em 1967 é apresentada uma proposta de intervenção no Martim Moniz, integranda no Plano Diretor de Lisboa. Contudo, em 1972 a proposta ainda não tinha sido realizada. Em seguimento, a EPUL, Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, em 1980 promoveu um concurso para a realização de um novo Plano de Renovação do Martim Moniz. Este plano foi aprovado em 1981 e colocado em prática. Tentava resolver os problemas complexos, tais como a circulação e articulação das duas encostas, a ligação com a Mouraria antiga de ruas estreitas, o enquadramento da Capela da Saúde e dos elementos que resistiram às demolições, erguendo-se novos edifícios como o centro comercial, e espaços arborizados.¹⁸¹

A modernidade adjacente ao Estado Novo e a construção em altura provocou no lado nordeste do Martim Moniz a perda da relação visual com o Castelo, em contraste com o tempo das ruas estreitas em que a sensação de desafogo era maior.

¹⁸⁰ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 126

¹⁸¹ TAVARES, Mariana – Ai Mouraria. In, **Lisboa desaparecida**. Lisboa: Quimera, 1987, vol I p. 20 - 21

No âmbito da reabilitação do bairro, também foi criado o Gabinete Técnico Local de Mouraria. Em 2011 foi aprovado o programa europeu de financiamento para a recuperação e reabilitação que teve como principais objetivos a melhoria do conforto e segurança, melhoria das acessibilidades e mobilidades, valorização do património e renovação de infraestruturas.¹⁸²

Ao nível sociodemográfico, estes bairros constituem as áreas com população mais envelhecida da cidade de Lisboa, e a partir dos anos quarenta, esta começa a diminuir de forma acentuada, devido ao abandono das áreas antigas por parte da população mais jovem, que se deslocava para a periferia onde a qualidade das habitações adequava-se aos seus padrões de exigência.¹⁸³



Figura 57 - Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195-

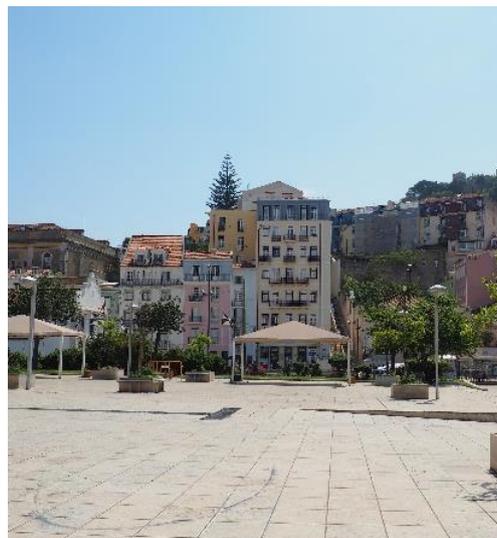


Figura 58 - Fotografia do Martim Moniz da autora

¹⁸² MATOS, André Jorge da Cruz – **Acompanhamento de direção de obras de reconstrução na Mouraria**. Lisboa: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa: Área Departamental de Engenharia Civil, 2015. Dissertação de Mestrado p.4

¹⁸³ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 12

Neste período de tempo, manifestou-se um interesse pela cidade tradicionalista e pitoresca por parte dos responsáveis. Alfama e Mouraria, são assumidos, de forma clara, em 1937 na Exposição Internacional de Paris, como pontos de interesse turísticos, resultantes da sua essência. Deste modo, as estruturas de madeira, como os muxarabis, rótulas e gelosias voltam a renascer com algum interesse, pois pertenciam a uma imagem representativa da cidade tradicional de Lisboa. Estes elementos eram apresentados, não só inseridos nos bairros de Alfama e Mouraria, como também em exposições e recriações de Lisboa como a exposição de “Lisboa Antiga” de 1935 e a exposição do “Mundo Português” de 1940.

Já nos anos 60, o turismo revelou-se invasivo, ou seja, Alfama e Mouraria, passaram a ser um cartão lisboeta, repleta de turistas que pouco ou nada se interessavam pela história e centrava a sua visita na paisagem e no aspeto tradicionalista da cidade das áreas mais típicas. Este tipo de turismo reflete-se numa descaraterização dos bairros, uma vez que originam um movimento de caricatura e perda de genuinidade, um pouco por todo o território.

Apesar das propostas de demolições e alteração ocorridas nestes bairros com exceção das demolições ocorridas no âmbito do Projeto Martim Moniz, estes bairros permaneceram como estruturas tradicionais, pois os grandes movimentos de modernização da cidade de Lisboa concentraram-se nas Avenidas Novas aos Olivais, áreas de expansão da cidade.¹⁸⁴

¹⁸⁴ MAGALHÃES, Andreia - *Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa*. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 125



Figura 59 - Alfama de Armando Maia Serôdio 1963



Figura 60 - Lisboa Antiga de Eduardo Portugal 1935



Figura 61- Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940

3.2 A expressão tradicional da cidade de Lisboa

Considera-se para a presente investigação, a representação da arquitetura como forma de realçar e estudar os muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria. A imagem, a representação e a divulgação são elementos de uma abordagem histórica, sendo possível analisar a cidade velha com um aspeto pitoresco e tradicional.

A imagem que era transmitida sob a forma de fotografia, fixa o momento da cidade num período de tempo. As fotografias analisadas correspondem a todos os registos do Arquivo Municipal de Lisboa até à data da investigação desta vertente que possuem muxarabis, rótulas e gelosias. O cinema como fonte documental de uma imagem espacial e urbana em movimento, proporciona uma análise dos elementos de madeira nas fachadas num ponto de vista da sua vivência. Foram investigados vídeo-documentais presentes na Cinemateca, “Alfama a velha Lisboa” de 1930 e “Festas da cidade de Lisboa-Lisboa Antiga”, de 1935 de uma arquitetura efémera. Esta arquitetura aumenta a suscitação da renovação, também presente na divulgação da “Exposição do Mundo Português” de 1940, em que a presença destas estruturas estava retratada no Bairro Comercial. A divulgação destas estruturas por meio de gravuras é evidente em jornais, revistas e postais.

É de realçar a importância das representações na arquitetura enquanto elemento histórico, e processo de entendimento de uma realidade que tem vindo a perder intensidade. No entanto, com a atual promoção turística, a banalidade e recriação de um “museu ao ar livre”, origina um novo olhar para a fisionomia da cidade antiga.

Assim, estes meios de representação de Alfama e Mouraria antiga surgem como modo de comparação com a contemporaneidade.

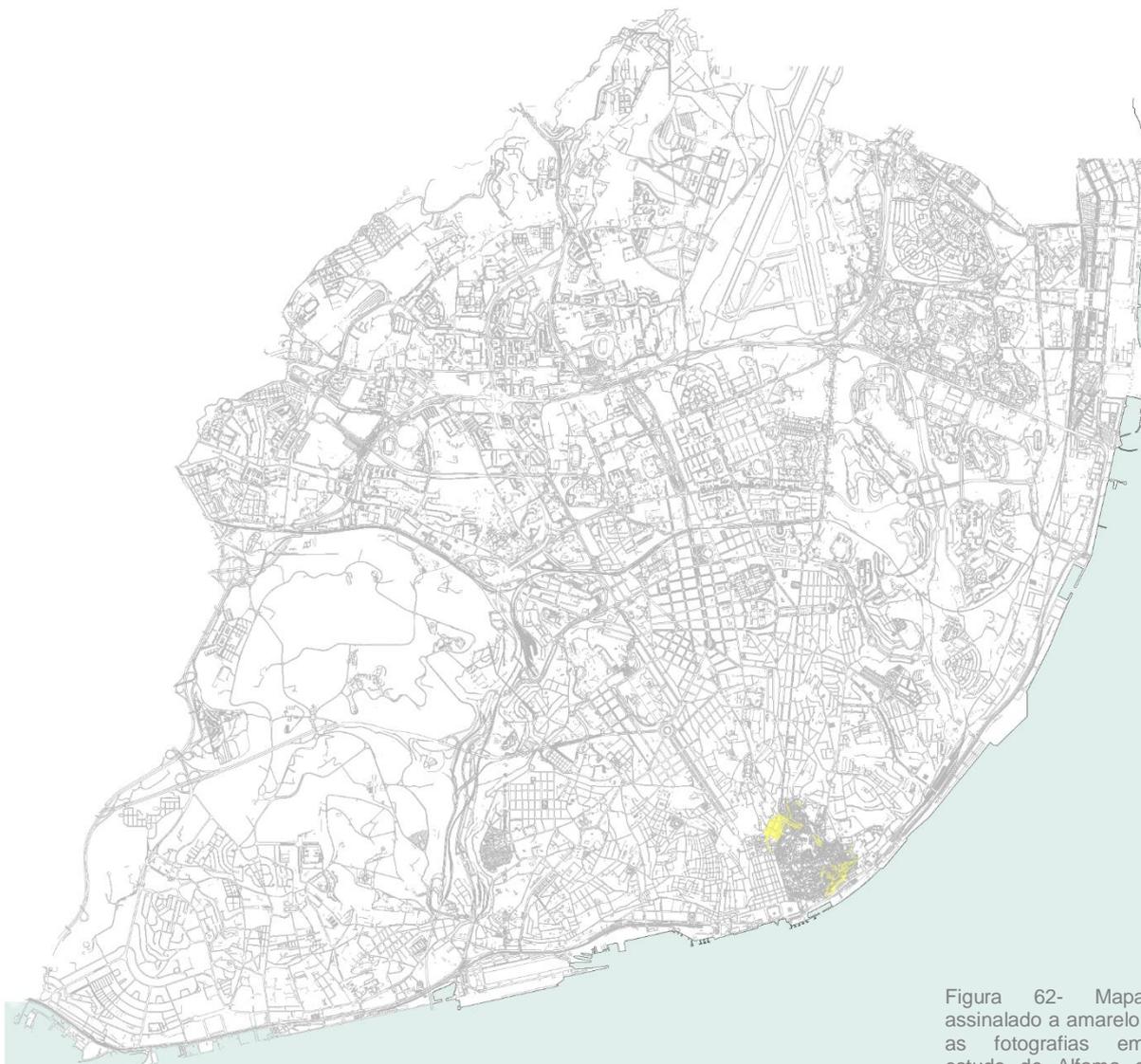


Figura 62- Mapa assinalado a amarelo, as fotografias em estudo de Alfama e Mouraria do arquivo Municipal de Lisboa.

3.2.1 **Imagem** que apresentava Alfama e Mouraria

Com o aparecimento da fotografia na arquitetura, a representação era considerada uma ferramenta operativa e lúdica. A relação arquitetura – fotografia foi progressivamente aumentando e angariando mais seguidores, porém, nos primeiros anos permaneceu como função documentalista.¹⁸⁵

Um impulso para o interesse nas áreas históricas das cidades, nomeadamente Alfama e Mouraria, resultou do revivalismo do século XIX, que tinha como premissa o gosto pelo pitoresco e pelas formas medievais.¹⁸⁶ No entanto, estas áreas da cidade constituíam um espaço desconhecido para a maioria dos Lisboaetas que viviam na cidade moderna, de grandes avenidas e com uma estrutura de lógica de organização.¹⁸⁷

De modo a compreender a importância e a influências de muxarabis, rótulas e gelosias, foram recolhidas e analisadas 75 fotografias do Arquivo Municipal de Lisboa entre 1898 e 1973 que possuem elementos de madeira nas fachadas de Alfama e Mouraria. Consistem em registos diferenciados, de modo a apreender o panorama tradicional, desde a escala geral, com a vivência da rua, até ao pormenor que isola o objeto.

Constata-se que, das fotografias estudadas, quarenta e quatro foram realizadas no período compreendido entre 1933-74, duração do regime do Estado Novo. As restantes vinte fotografias foram

¹⁸⁵ LUCAS, Pedro Galvão – **Representação de Arquitetura – Introdução às várias formas de comunicação da arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2011. Dissertação de Mestrado.p.66

¹⁸⁶ LUCAS, Pedro Galvão – **Representação de Arquitetura – Introdução às várias formas de comunicação da arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2011. Dissertação de Mestrado.p.66

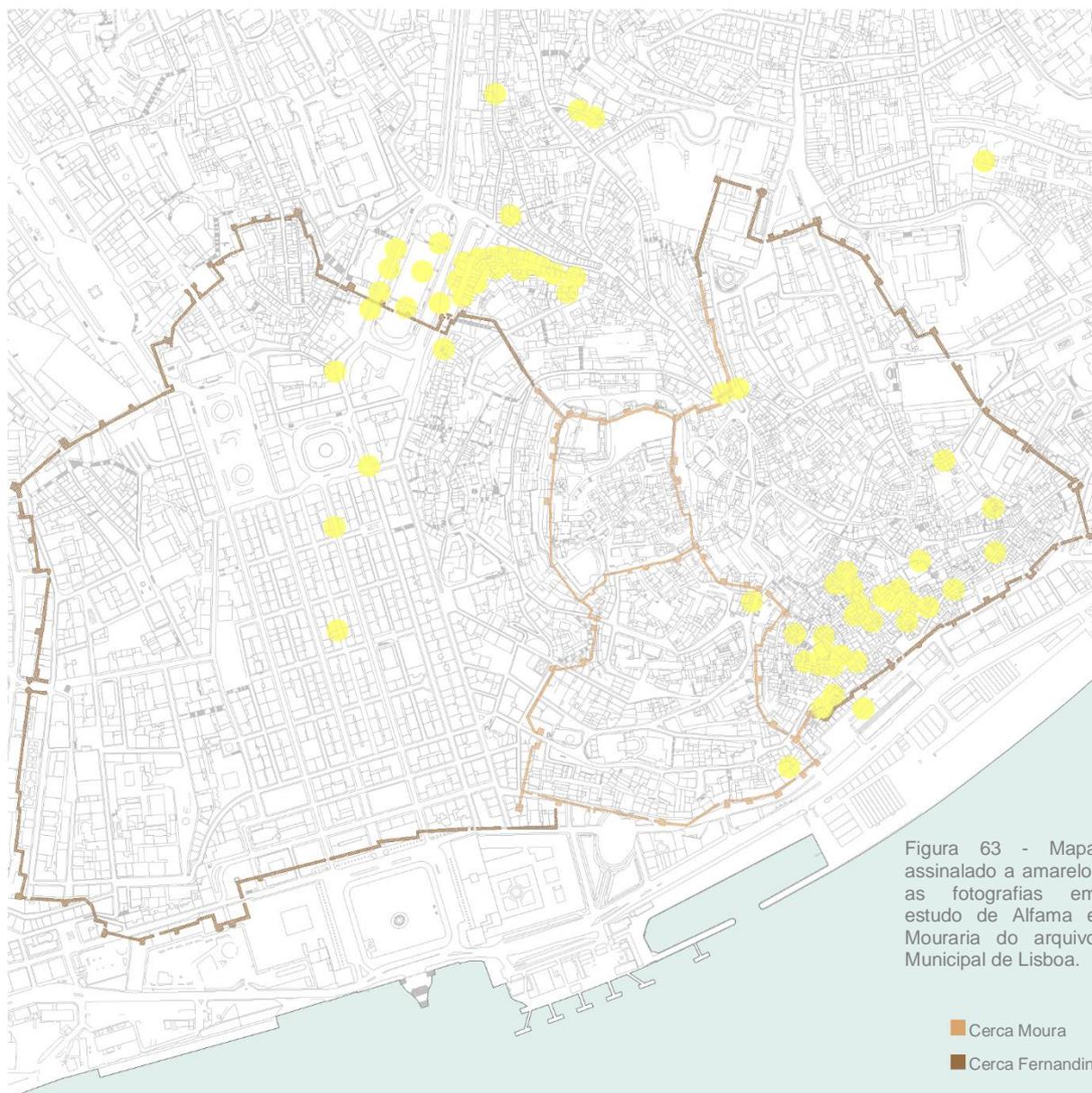
¹⁸⁷ M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933) p. 6

realizadas antes deste período e somente quatro efetuadas posteriormente. Contudo, quanto à distinção por período de tempo, sete foram consideradas indefinidas.

Com o intuito de uma comparação com a atualidade e de percepção destas estruturas no contexto da malha urbana do território, o mapeamento das fotografias é uma ferramenta importante. Revela-se maior destaque na região de Alfama, uma vez que, os registos estão espalhados por diversas ruas, em contraste com a Mouraria, onde a sua maior expressão restringe-se maioritariamente a uma rua, a Rua da Mouraria. Porém, os elementos em estudo estão intrinsecamente ligados com a malha e ganham maior destaque nestas áreas da cidade. (figura 63)

As fotografias evidenciam os bairros de Alfama e Mouraria em parte já desaparecidos, e retratam a malha urbana, espaço público, e algumas vivências. Contudo, as informações recolhidas destes registos centram-se no aspeto tradicional da cidade por via dos elementos de madeira presentes nas fachadas, através do olhar de vários autores.

Através da análise do mapeamento apresentado na figura 63, é possível verifica-se que os muxarabis, rótulas e gelosias têm maior presença em ruas estreitas e labirínticas, ou em becos, pois a escassa dimensão da via, origina vãos de fachada relativamente próximos, e a utilização destas estruturas potenciam a privacidade e ventilação.



Considerar a política de turismo presente durante o Estado Novo e o revivalismo do século XIX, Alfama e Mouraria, pela primeira vez são colocados como claros pontos de atrações turística, e apresentam-se como áreas autênticas da cidade. Dessa forma, originou um interesse por parte de fotógrafos, nacionais e internacionais.

O primeiro levantamento fotográfico da cidade de Lisboa, foi realizado entre 1898 e 1908, pela parceria José Cândido de Assunção e Sousa com Artur Júlio Machado. Com carácter estatístico, representam o espaço público, a vivência e a malha urbana da capital. (figura 64 e 65)

Posteriormente, e do mesmo modo, Alfama e Mouraria foi fotografada por diversos fotógrafos nacionais notáveis como Armando Maia Serôdio, Arnaldo Madureira, Artur João Goulart, Artur Pastor, Eduardo Portugal, João Hermes Cordeiro Goulart, José Artur Leitão Bárcia, Joshua Benoliel, Judah Benoliel, e Mário Novais.

As representações antes de 1933, presentes no Arquivo Municipal de Lisboa, demonstram o carácter que os elementos de madeira nas fachadas impunham na imagem global destes locais. Contudo, eram ainda consideradas áreas miseráveis da cidade, sem qualquer tipo de higiene.

A figura 65, para além de apresentar gelosias nas varandas, assinala um elemento já extinto na cidade de Lisboa, os estores e sanefas em madeira, colocados do lado exterior. O destaque da figura 66, o muxarabi do piso superior, está intrinsecamente ligado com a malha urbana, por ser uma rua muito estreita.



Figura 64 -Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908



Figura 55 - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908



Figura 66 - Largo Rodrigues de Freitas de Artur Barcia 1900



Figura 67 - Rua da Regueira, Alfama de Eduardo Portugal 1924

A representação de muxarabis, rótulas e gelosias adquiriu notoriedade entre 1933-74, período do Estado Novo. No entanto, Alfama e Mouraria sofriam de uma profunda degradação e seguiram destinos díspares. Em 1939, surgiu o plano de demolição da zona baixa da Mouraria e na década de 60, Alfama integra uma “campanha turística e cultural do Estado Novo”, que promove a sua conservação. Este projeto tinha como objetivo a regeneração do espaço público, remodelação da rede de esgotos, e restauro de monumentos e alguns edifícios. Este projeto seguiu as políticas do regime, que valoriza o património enquanto potencial turístico ignorando as questões de salubridade do bairro.

188

Após considerar estes territórios como pontos de atração turística, o Beco de S.Miguel surge como espaço mais exibido, uma vez que continha mistério, e ao mesmo tempo simplicidade. Era um espaço pitoresco e puro, com roupas estendidas e janelas floridas. Possuía um léxico de elementos peculiares como sacadas assimétricas, janelas de rótulas, andares de ressaltos, becos e ruelas.

“Dos mais característicos do bairro, todo o tracejado do Beco da Bicha, do Beco do Carneiros, da Alfurja, do Mexia, das Ruas da Regueira, o de São Miguel é um embrenhado dos mais curiosos e típicos prédios dos séculos XV e XVI. Em todo ele há uma subjetividade da beleza de Alfama, no seu conjunto de janelas de rótula e parapeitos floridos, de empenas de bicos e andares de ressaltos, do desordenado alinhamento de postigos e balcões e dos telhados que se sobrepõem.”¹⁸⁹

Neste período temporal, diversos fotógrafos como Armando Maia Serôdio, Artur Pastor e Mário Novais, imortalizaram a imagem das rótulas e gelosias no bairro típico de São Miguel. (figura 68 a 71)

¹⁸⁸ MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 126

¹⁸⁹ ANDRADE, Ferreira de - **Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1968 p. 83



Figura 68- Largo de São Miguel em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959



Figura 69 - Beco de São Miguel de Mário de Novais 1930



Figura 70- Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969



Figura 71 - Prédio com roupa estendida de Artur Pastor 198-

Verifica-se, ao nível da fotografia, que a posição de destaque dos elementos de madeiras nas fachadas é rara, encontrando-se sempre integrados no contexto de rua ou vivência do espaço público. Todavia, o fotógrafo Armando Maia Serôdio, evidência os vãos protegidos por gulosias, posicionados atrás de uma estrutura de ferro. Este propósito revela uma preocupação com a autenticidade do bairro, pois, o procedimento de colocação de madeira nas varadas não se verifica noutra área em Lisboa, ponderando-se a justificação para questões sociais e económicas. (figura 72 e 73)

Acredita-se que, esta aplicação das gulosias, é determinada em 1759, no momento da sua proibição e substituição por elementos em ferro. Estes novos elementos descaracterizavam o bairro, e não proporcionavam segurança ao habitante, uma vez que eram aplicados elementos verticais com grandes espaçamentos. Deste modo, para não perder a autenticidade do bairro e promover a sustentabilidade e conforto, foram colocados por detrás das guardas os elementos de madeira treliçados. Nas imagens de Armando Serôdio ainda é possível observar os elementos verticais em ferro.

Alfama, durante o período de 1950 e 1960, organizou o “Concurso das janelas floridas”, inserido nas festas da cidade, na qual eram exibidas, pelas ruas de Alfama, as janelas mais típicas e com os melhores arranjos de flores. Exemplo desse concurso, a figura 74 apresenta uma imagem única do carácter pitoresco do bairro, com gulosias e canteiros treliçados para suporte das flores.



Figura 72 - Janela com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

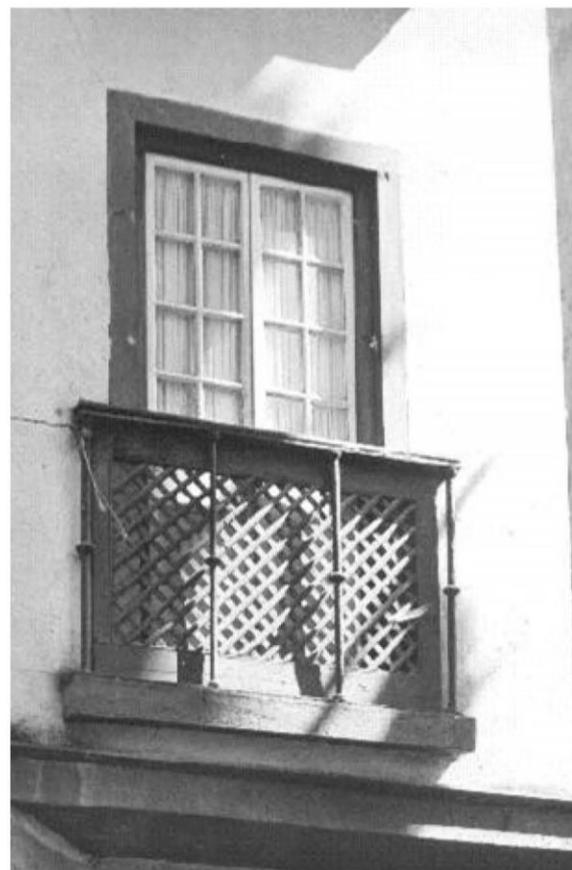


Figura 73- Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959



Figura 74 - Rua do Castelo Picão - Alfama teve durante os anos de 1950/60 o Concurso de Janelas Floridas, incluído nas Festas da Cidade.

Em consequência do escasso espaço dentro da cerca de Lisboa, os edifícios aumentaram os seus pisos, por meio de sótão ou por cima das ruas, por meio de pequenas saliências apoiadas em escoras de madeira, designado por andares de ressalto, que originavam uma diminuição da dimensão da rua.¹⁹⁰ (figura 78). Acredita-se que a utilização constante destes elementos em andares de ressalto ou em ruas estreitas, resulta da diminuição do espaço entre a fachada dianteira, e consequentemente, a privacidade era um elemento que estava posto em causa. Desta forma, a utilização destes elementos nos pisos superiores é semelhante aos pisos térreos, deixar abrir o caixilho de vidro, manter as trocas de fluxos de ar com o exterior e manter a privacidade no interior da habitação. A figura 77 representa a Rua de São Miguel, estreita e pouco iluminada. A fachada apresenta um carácter tradicionalista, com a totalidade dos vãos protegidos pelos elementos treliçados, de modo a proporcionar privacidade.

Com grande notoriedade apresentam-se as janelas de rótulas existente em diversos vãos espalhados por Alfama e Mouraria, no entanto, a presença de muxarabis é escassa. (figura 75) A rótula, elemento saliente, destaca-se na fachada da Rua da Regueira. (figura 78)

Numa fachada podem ser aplicados as variadas estruturas com diferentes funções, que enaltecem a experiência tradicionalista e pitoresca na cidade de Lisboa.

É perceptível alguma degradação em certos elementos, derivada da pouca ou nenhuma manutenção e ao desgaste normal do material, a madeira.

¹⁹⁰ MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado. p. 36



Figura 75 - Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963



Figura 76 - Feira dos Antiquários realizada em Alfama de Casa Fotográfica Garcia Nunes 1965

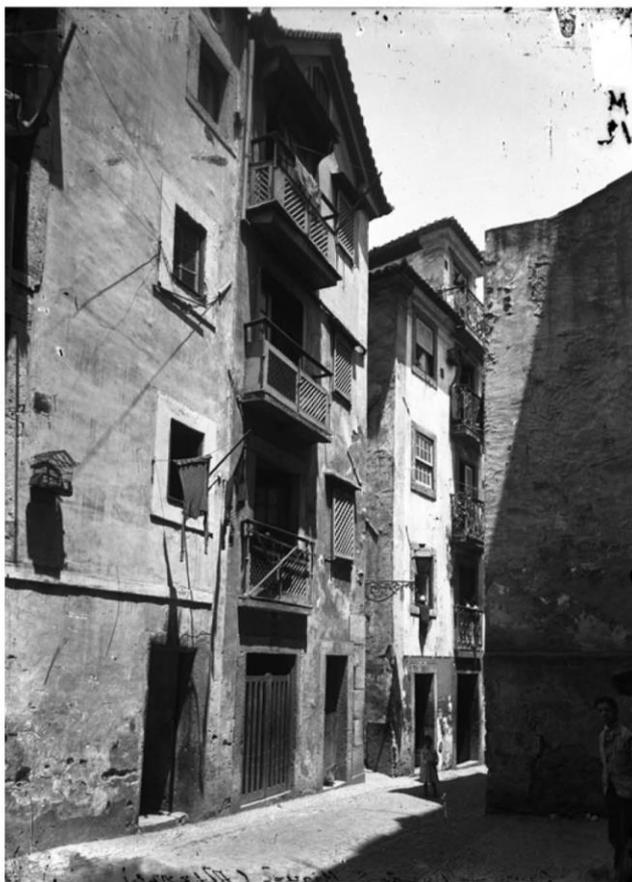


Figura 77 - Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bácia entre 1900 e 1945



Figura 78 - Rua da Regueira 1952



Figura 79 - Arraial de Artur Pastor 1973



Figura 80 - Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira de Armando Maia Serôdio 1960

As fotografias após o regime de Estado Novo não denotam nenhuma discrepância, mas, devido à proximidade com a atualidade são escassos os registos presentes no arquivo Municipal de Lisboa.

Estas áreas da cidade continuaram o seu desenvolvimento turístico, porém, com a degradação de algumas destas estruturas de madeira e com o aumento da qualidade de vida dos habitantes, possibilitou a substituição de muxarabis, rótulas e gelsias por mecanismos modernos.

Os registos encontrados são de Artur Pastor que representa com algum destaque as estruturas renovadas nas janelas e a sua aparência cuidada, mantendo a essência e vivência do lugar.



Figura 81 - Rua de Artur Pastor 198-



Figura 82 - Prédio de Artur Pastor 198-

Para além de muxarabis, rótulas e gelosias, existem outros elementos de madeira a distinguir as fachadas de Lisboa, caso dos estores. Estes são aplicados, normalmente, no lado exterior através de uma sanefa em madeira evidenciada na parte superior do vão.

Considera-se, após a análise das fotografias, que estes elementos são aplicados em ruas mais largas ou largas, de modo a proteger o ambiente interior, todavia, as ripas de madeira são muitas vezes expostas em frente das guardas.

Com a mesma função dos muxarabis, rótulas e gelosias, os estores, através do ripado de madeira, além da sustentabilidade e aparência tradicional, proporcionavam o controlo da iluminação, e uma ventilação eficaz dos espaços.



Figura 83- Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908



Figura 84 – Pormenor da figura 81 (Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908)



Figura 85 - Primeira casa das bandeiras Joshua Benoliel 1910



Figura 86 - Rua dos Douradores 1908

3.2.2 Representações das estruturas

No registo fotográfico, é observado o ponto de vista do fotógrafo, restringido as interpretações numa imagem sem movimento. Contudo, no registo vídeo-documental a sucessão de imagens possibilita ao espectador imergir na realidade retratada através do movimento. Uma vez que, a narrativa pode ser interpretada de diversas formas e depende do espectador, para a presente vertente, o foco centra-se no espaço arquitetónico e a representação dos elementos de madeira nas fachadas.

Os muxarabis, rótulas e gelosias marcam as representações realizadas em 1930 no documentário “Alfama a velha Lisboa”, em 1935 “Festas da cidade de Lisboa” e em 1940 “Exposição do Mundo Português”.

“Alfama a velha Lisboa” realizado por João de Almeida e Sá, com apoio de Artur Costa de Macedo, diretor fotográfico, constitui um documento histórico. Transmite a vivência da cidade à época da sua conceção, refletindo a arquitetura, a vivência e imagem da cidade.

Este documentário representa uma viagem pelas áreas de Alfama “a Nascente, a Porta do Sol com o Miradouro de Santa Luzia e o busto de Júlio de Castilho; a Cruz de Santo Estevão, o Mosteiro de São Vicente, a Rua de São Pedro, o Largo do Chafariz de Fora. São ainda apresentadas a “Casa dos Bicos.” e uma “vista geral do Castelo de São Jorge”.¹⁹¹

Foi anunciado pelo crítico Avelino de Almeida no Jornal Cinéfilo como uma obra magnífica realizada por um jovem cineasta com uma visão inteligente sobre Alfama.

¹⁹¹ CINEMATECA. Digital – vídeo. **Alfama a Velha Lisboa**. [Em linha] Lisboa: Cinemateca [Consult. 27 Jun 2018] Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

“Perspetivas falseadas, movimentos panorâmicos, pormenores sintéticos e simbólicos, trechos da vida real cotidiana, o formigueiro e a labuta da gente, os aglomerados da casaria pitoresca e calejas e vielas, e becos e travessas, vestígios das construções remotas, sombras de palácios e vultos de templos (...)”¹⁹²

Nos anos seguintes, foi selecionado para o V congresso internacional de crítica em 1931 e premiado com a medalha de prata na grande exposição industrial portuguesa em 1932.

“Um documentário de um bairro não se deve limitar à frieza do casario, mas revelar o humano realismo da sua vida, com todos os defeitos e virtudes.”¹⁹³

A intenção dos autores era revelar a vivência de Alfama, destruída pelo terramoto de 1775 e construída pelos populares, com as suas lacunas e maravilhas, tanto no seu conjunto como o detalhe.

Com a câmara conduzida à mão por Alfama são representados ruas, ruelas e becos. Nos andares de ressalto, ou vãos no piso térreo era comum ser aplicado estruturas de madeira. (figura 89, 90, 91) Num panorama sob Alfama, as estruturas adquirem destaque. Com uma fachada voltada para o Tejo, o muxarabi protege o interior do espaço de iluminação excessiva, através de sombreamento como se observa na figura 88. Na figura 89, atenta a estrutura de madeira saliente da fachada, o muxarabi, que era composta por uma guarda em gelsias e a rótula superior aberta.

A vivência e as interações quotidianas de Alfama eram determinadas por elementos de madeira, verificado no documentário através de relação entre a população e as estruturas.

¹⁹² ALMEIDA, Avelino – “Alfama”, um belo documentário. In, *Cinéfilo*. nº 72 (1930) p.3

¹⁹³ SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa[Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em <<http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

Frame: 34 seg



Figura 87 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930

Uma visão pouco usual em representação. A perspectiva do interior do espaço com o vão coberto por uma gelosia com sombra projetada na parede e um olhar direto sob o exterior.



Figura 88 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930



Figura 89 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930



Figura 90 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930



Figura 91 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930

O período do Estado Novo ficou marcado por uma propaganda arquitetónica que se desenvolveu por todo o território nacional. Nas exposições temporárias realizadas de arquitetura efémera, neste intervalo de tempo, proporcionavam uma propaganda cultural para a população.¹⁹⁴

Apoiado pela igreja, o poder do Estado Novo era manifestado nas celebrações cristãs, e feriados nacionais. Transmitia um orgulho patriotista através de uma perspetiva história “de um Portugal acutilante no Mundo”.¹⁹⁵

Deste modo, em comemoração do Santo Padroeiro de Lisboa, Santo António, realizaram-se as festas da cidade de Lisboa de 1935. Inaugurada a 1 junho pelo Presidente da República Óscar Carmona, ficou marcada pela abertura das “I Exposição Filatélica” e da Exposição Antoniana”.¹⁹⁶

Decorreram nos dias seguintes a “Feira do Livro” no Rossio, o “II Circuito de Automobilista” no Parque Eduardo VII, a “I Exposição Internacional de Aeronáutica” no pavilhão de exposições no Parque Eduardo VII, e “Lisboa Antiga” no Jardim das Francesinhas.¹⁹⁷

¹⁹⁴ CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitetura como propaganda do Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.p.73

¹⁹⁵ CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitetura como propaganda do Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.p.73

¹⁹⁶ Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

¹⁹⁷ Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

O jardim das Francesinhas, seu nome devido ao Convento das Francesinhas que foi demolido em 1911, fica no cruzamento da Calçada da Estrela com a Rua das Francesinhas a São Bento. Este espaço em frente a uma das alas do Palácio das Cortes, acolheu a reconstituição de um bairro antigo da cidade que revivia Lisboa no século XVIII.¹⁹⁸

Exposição idealizada por Gustavo de Matos Sequeira, arquiteto, escritor Olissipógrafo e comissário do governo com ajuda de Rocha Vieira e em colaboração do modelador João Rocha e construto civil Álvaro Rodrigues Oliveira. Demorou 110 dias a ser concluída com trabalhos diários realizados durante o dia e noite, foi inaugurada a 4 de junho de 1935 e visitada pelo Corpo Diplomático.

199

Toda a construção foi realizada com armação em madeira forrados de estafe²⁰⁰ uma vez que no final, procedeu-se à demolição de forma a devolver o terreno à Câmara Municipal. O espaço permaneceu desocupado até ao plano da década de 1940 de Luís Cristino da Silva, que propôs um embelezamento da área de proteção da Assembleia Nacional que contemplou uma monumental escadaria e um jardim.²⁰¹

¹⁹⁸ Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecolecao.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

¹⁹⁹ Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecolecao.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

²⁰⁰ Material de revestimento de estruturas, composto por gesso e estopa, usado em tectos falsos e ornamentos. ESTAFE - **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013, [Consult.26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<https://www.priberam.pt/dlpo/estafe>>

²⁰¹ Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecolecao.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >



Figura 92 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal

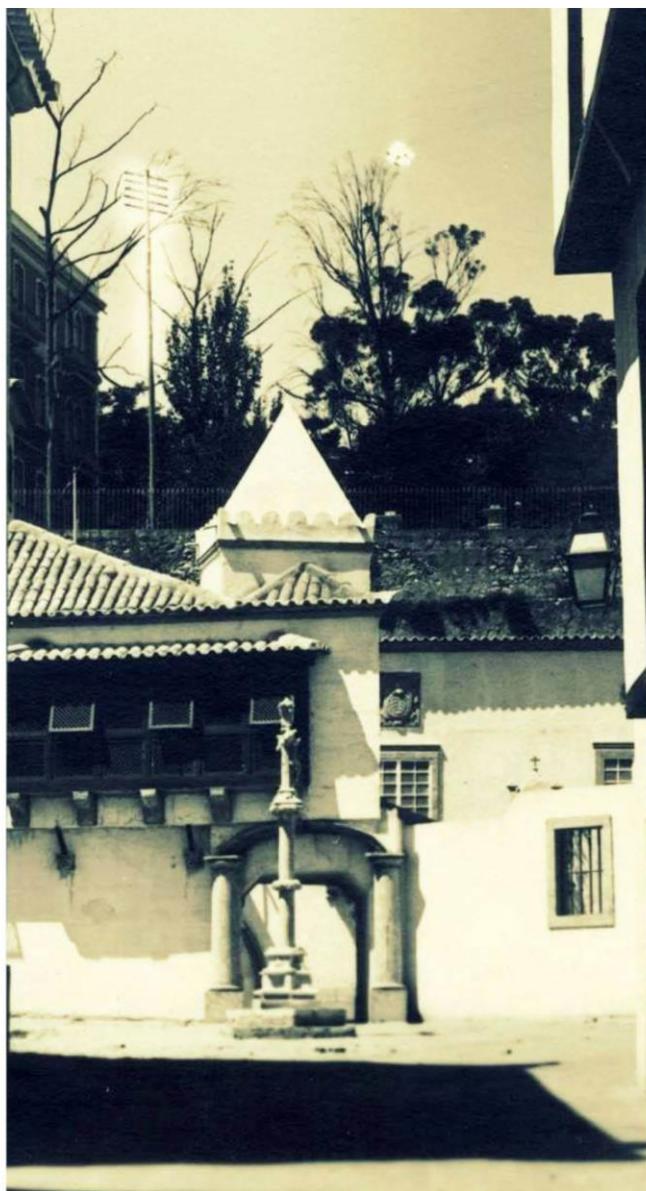


Figura 93 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal



Figura 94 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal

A exposição “Lisboa Antiga” foi documentada em vídeo sem som, um documentário histórico que proporciona ao espectador imergir na vivência vernacular da cidade de Lisboa do século XVII. O Documentário “Festas da cidade de Lisboa” em 1935 regista a reconstituição de Lisboa antiga e marchas populares no Parque Eduardo VII.

Considera-se uma representação com ruas e ruelas, figurinos e visitantes, duelos e amores, um espetáculo de edule turista e patriota que refletia sobre a estrutura da cidade e do quotidiano. Podemos imaginar, através da documentação disponível, o carácter tradicionalista e quotidianos de uma Lisboa quinhentista, não muito diferente de Alfama e Mouraria de 1935.

Após a análise do documentário, realça-se um ambiente marcado pelo carácter das estruturas em madeira aplicadas nas fachadas, maioritariamente em janelas. Identifica-se uma diversidade de elementos, desde os mais elementares como as reixas e as gelosias, até aos mais complexos como as rótulas e os muxarabis. Devido ao registo vídeo, estas estruturas estão inseridas num contexto, o que possibilita uma recriação da importância e função destas na cidade.

Considera-se que a reconstituição recriava um bairro sem miséria e sem maus cheiros. Era uma representação ao nível das fachadas e do aspeto da cidade, sem reconhecer Alfama e Mouraria como pontos de interesse que ainda apresentavam vestígios de uma cidade velha, também com uma forte presença dos elementos de madeira nas fachadas.

As atrações do espaço contavam com o “Pátio das Comédias”, a típica “Estalagem do Vicente” (figura 97) e as tendas do comércio com figurinos que realizavam representações do quotidiano do século XVII.²⁰²

²⁰² Restos de coleção [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

Como é retratado no documentário, uma das funções destas estruturas era proteger as mulheres que se encontravam no interior dos espaços, dos olhares dos homens. Nesta situação, a comunicação entre homem e mulher era realizado por meio das gelosias. A gelosia aberta permite um contacto visual da mulher com o homem, situação pouco recorrente e expressa no documentário através da reprovação das pessoas envolvidas. (figura 98) A situação mais recorrente era a comunicação entre mulheres, representada através de uma “escrava” que transmitia bilhetes do homem, que se encontra afastado da janela, à mulher que permanece no interior do espaço, constituindo assim um meio de transmissão de recados. (figura 99)

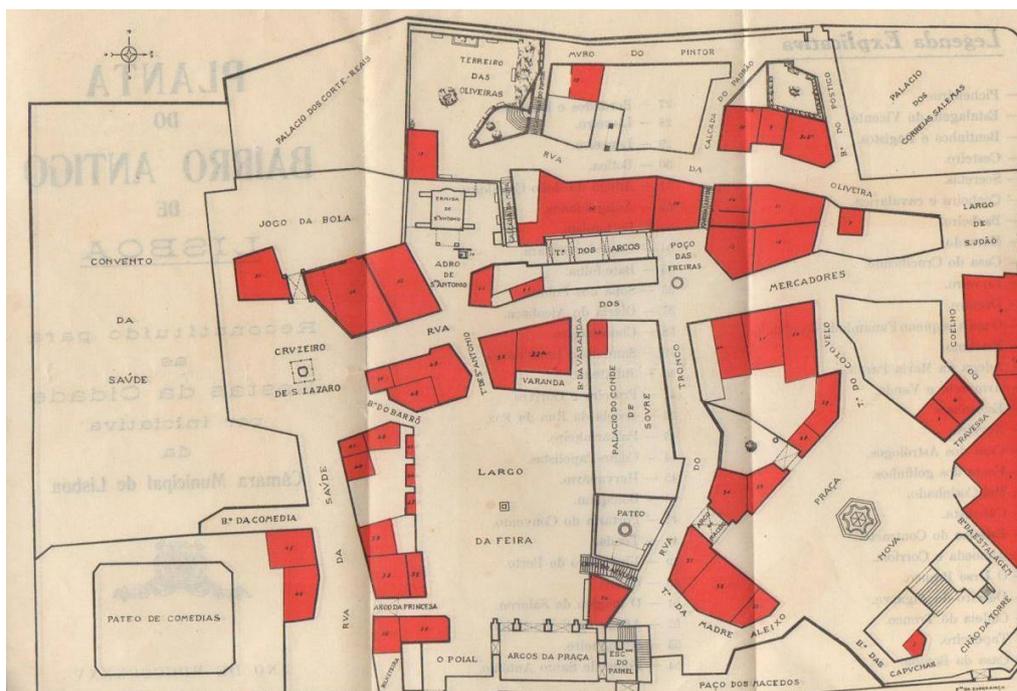


Figura 95 - Mapa da Exposição " Lisboa Antiga" de 1935



Figura 96 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935



Figura 97 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935



Figura 98 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935



Figura 99 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935

O carácter de arquitetura monumental e efémera inerente ao Estado Novo, também se verificou presente na Exposição do Mundo Português que decorreu entre 23 de junho a 2 de dezembro de 1940.

Esta exposição tinha como objetivo comemorar a Fundação do Estado Português, realizada pelo comissário geral Dr. Augusto de Castro, o Engenheiro Sá e Melo e o Arquiteto-chefe Corttinelli Telmo, teve lugar no vasto território de Belém, próximo do rio Tejo, e foi pensada e adaptada, de e para os Portugueses, através de uma arquitetura nacional de representação.²⁰³

Descrita como uma “perfeita unidade arquitetural, pureza e elegância de linhas, e uma expressão de grandeza impressionantes” por Duarte Pacheco pronunciado no ato inaugural da Exposição do Mundo Português, a 23 de junho, foi visitada por inúmeras pessoas. A finalidade era a fusão de motivos modernos e de hierática presença na tradição histórica e arquitetónica do passado “, uma vez que não sugeria apenas o passado, constituindo uma lição para os vivos.²⁰⁴

A sua organização era composta por secções, a secção histórica; Pavilhão de Honra | Praça do Império; a secção comercial e Industrial; secção de etnografia Metropolitana e a secção de etnografia Colonial.²⁰⁵

O “Bairro Comercial” recria um bairro da região de Lisboa, através das atividades económicas do período quinhentista. Foi concebido por Gustavo de Matos Sequeira e a cargo de Vasco Regaleira.
206

²⁰³ Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40 In **Revista Arquitetura Lusíada**. nº 7 (2015), p. 97

²⁰⁴ BRAZÃO, Eduardo- Prefácio In **Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica**. Lisboa: Edições SNI, 1957

²⁰⁵ Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40 In **Revista Arquitetura Lusíada**. nº 7 (2015), p. 97

²⁰⁶Bairro Comercial e Industrial [Em linha] [Consult. 13 Agost. 2018]. Disponível em WWW:<<https://mundopt40.omeka.net/exhibits/show/exposicaoomundoportugues/2percurso/bairrocomercialindustrial>>.

Representa velhas praças, ruas, ruelas, e todo o pitoresco inerente do período quinhentista com vários tipos de habitação, que origina uma reflexão para as possibilidades modernas.

Realizado em 1957, o livro “Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica” representa fotografias de elementos de madeira no Bairro Comercial.



Figura 100 – Guia oficial da Exposição Mundo Português 1940



Figura 101 - Bairro Comercial em A Exposição do Mundo Português de 1940



Figura 102 - Bairro Comercial em A Exposição do Mundo Português de 1940

O cinema é considerado como meio indispensável para a propagação do Estado Novo. Assim, constatou-se a realização de um documentário sobre a exposição de título “A Exposição do Mundo Português” em 1940, realizado por António Lopes Ribeiro. Compõe uma visita guiada à exposição, para recordar os tempos de glória ou para aqueles que não conseguem visitar que tivessem uma visão geral da exposição.²⁰⁷

Relativamente ao Bairro Comercial, no documentário, é referido a sua construção ao estilo do século XVI pela ação comercial de Lisboa, e proporcionava aos visitantes um ambiente quinhentista com recantos agradáveis. Os muxarabis, rótulas e gelosias têm uma posição de destaque nos vãos das fachadas, uma vez que constituem estruturas predominantes da cidade antiga.



Figura 103 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940

²⁰⁷ RIBEIRO, António Lopes – **A Exposição do Mundo Português** [Registo vídeo] Lisboa: SPAC 1940. (59 min.): PretoBranco



Figura 104 - Frame do documentário "A Exposição do Mundo Português" de 1940



Figura 105 - Frame do documentário "A Exposição do Mundo Português" de 1940

3.2.3 **Divulgação** através de postais e gravuras

A divulgação mediante postais e gravuras por meio de revistas e artigos, estabelecem um meio de propagação de uma área velha e genuína da cidade, através de uma mediatização de uma realidade muitas vezes degradada, mas com o seu encanto. As gravuras representam os muxarabis, rótulas e gelosias como estruturas locais e características destas áreas da cidade.

“Nas janelas deste pedaço da cidade há toda uma escala de valores arquitetónicos que a definem, por si só, os vários ciclos da sua urbanização. “Janelas de Alfama”! – escrevemos igualmente – Cantadas já em adimiaveus rendilhadas; inspiração das mais belas aguarelas dos pintores amantes desta cidade do Tejo (...) Adufas de quinhentos, janelas que se encontram quando os beirais se beijam, “sombras luminosas” onde o sol penetra a medo, janelas que resumem mistérios e nos evocam glórias e tragédias. Postigos, balcões floridos, balaustres, varandas arrendadas e de reixa!”²⁰⁸

A divulgação de gravuras presente no artigo “Bairros da cidade” de 1904, na Revista “Ilustração portuguesa”, antes da política de Estado Novo, considera Alfama como um bairro cheio de miséria e pobreza com um grande nível de criminalidade e diversas intervenções da polícia.²⁰⁹

²⁰⁸ ANDRADE, Ferreira de - **Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1968 p. 83

²⁰⁹ TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198

Refere os aspetos característicos de Alfama, nomeadamente os pátios com as fachadas marcadas pelas gelosias e os azulejos na Rua do Castelo e os andares de ressalto no Largo de Santo Estevão, que proporcionavam um ambiente sombrio, uma vez que, a iluminação direta penetrava por um período curto de tempo.²¹⁰

Descrevia um território com dejetos que apodreciam nas valetas, as habitações acumuladas e sem simetria. As descrições são sempre ilustradas, através de uma realidade arquitetónica com a coexistência de um quotidiano. São apresentadas 9 ilustrações sobre o bairro de Alfama, 4 apresentam estruturas de madeira nas fachadas.

Segundo constava nos jornais da época, o município pretendia arrasar com o bairro, por outro lado, o autor desta notícia defendia a abertura de avenidas amplas de modo a integrar esta área da cidade, uma vez que “(...) ao menos que a fome tenha ainda onde abrigar a deshonra da sua angústia, já que a época actual reclama que a miséria se oculte para que a felicidade, passando, não sinta a sua própria provocação.”²¹¹

“Nos becos da Cardoso, da Ferosa e da Bixa é a noite imensa, a noite perpetua, onde o sol não põe sorrisos na lividez das marcaras, onde apenas os olhos são o único vestígio da vida, apesar do habituados a verem a luz diffusa”²¹² (Figura 109)

²¹⁰ TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198

²¹¹ TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.199

²¹² TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198



Figura 106 - Ilustração do Beco da Cardoso presente no artigo "Bairros da cidade" – "Ilustração portuguesa"



Figura 107 - Ilustração de uma casa típica de Alfama presente no artigo "Bairros da cidade" – "Ilustração portuguesa"



Figura 108 - Ilustração do Pátio na Rua dos Castelo, Picões, presente no artigo "Bairros da cidade" – "Ilustração portuguesa"



Figura 109 - Ilustração do Arco da Rosa, presente no artigo "Bairros da cidade" – "Ilustração portuguesa"

“Lisboa Velha”²¹³ de 1925 do autor Roque Gameiro, apresenta cem aguarelas e desenhos de espaços velhos da cidade. O ilustrador retratou Lisboa do século XX de modo a expressar o carácter dos bairros, e representa os últimos vestígios da essência e do pitoresco, uma vez que, estas características encontravam-se degradadas e a desaparecer.

Constitui um documento histórico e precioso que recorre à representação não só da arquitetura, como também da vivência e das interações com o espaço.

Representa as estruturas em estudo, desde o olhar geral da rua, com uma representação do lado vernacular da cidade, até à representação da interação das pessoas com as estruturas de madeira.

*“E tão povoada ainda de evocações, que bem podemos ter por mais venturoso o pobre que se debruça duma rótula, sob um beiral vermelho, que o rico ou remediado habitante de certas avenidas, morador de prédios que aluem com as chuvas e exalam nos interiores a lividez intestinal dos estuques.”.*²¹⁴

Presente na maioria dos registos, considera-se que estas estruturas representam e fazem parte de Alfama e Mouraria de Roque Gameiro e dos seus habitantes.

Diversos autores recorrem às suas gravuras e aguarelas de modo a ilustrarem os seus livros ou notícias, considerando a essência única captada por Roque Gameiro.

²¹³ GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2º. Lisboa: Vega, 1993.

²¹⁴ VIERA, Afonso Lopes – Prólogo, In GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2º. Lisboa: Vega, 1993. p. 10



Figura 110 - Rua de Alfama, quadro de Roque Gameiro 1966



Figura 111 - Mouraria, Aguarela de Roque Gameiro



Figura 112 - Na Rua de S. Miguel, Alfama de Roque Gameiro



Figura 113 - Casas na Rua do Benfornoso de Roque Gameiro



Figura 114 - Pátio de uma casa na Rua de Castelo Picão de Roque Gameiro

Pátio na Rua do Castelo Picões também representado em 1904 no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” por autor distinto. A gelosia mantém-se nos dois elementos de representação. A demonstração da apropriação é realizada por meio da vivência implícita no desenho, com a presença de uma mulher no interior da habitação.

Outro método de divulgação de Alfama e Mouraria e consequentemente o aspeto tradicional da cidade foi a exposição Internacional de Paris de 1937, “Expositions Internationale des artset des techniques appliques a la vie moderne”. A participação de Portugal, teve como tema central os descobrimentos e epopeia marítima, em que as representações tentam glorificar e mistificar o povo. ²¹⁵

Com diversos artistas de artes-gráficas, artes decorativas, escultura e pintura como Abel Manta, Álvaro Canelas, Bernardo Marques, Canto da Maia, Carlos Botelho, Dordio Gomes, Eduardo Malta, Emmérico Nunes, Francisco Franco, Maria Keil, Paulo Ferreira e Rui Gameiro²¹⁶, a exposição evidenciava características modernistas e de promoção turística, com o objetivo de realçar os avanços e modernidade, não só do país como também do Estado Novo.

O pavilhão de Portugal, projetado pelo jovem arquiteto Keil do Amaral, disponha de oito salas, destinadas à representação de Portugal no passado e no presente. Destaca-se, a sala destinada ao turismo e promoção de Portugal.

Álvaro Canelas, pintor e ilustrador, representou Alfama e Mouraria em desenhos a tinta da china, tendo sido publicitados em 1936, no livro, “Doze desenhos de Lisboa: Alfama por Álvaro Canelas”, que apresenta os doze desenhos que foram divulgados em postais na sala destinada ao turismo português na “Exposição Internacional de Paris” de 1937. Pela primeira vez, as áreas históricas da cidade foram igualadas a locais como Cascais e Estoril, já com forte presença turística. ²¹⁷

²¹⁵ **Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:<<https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/instituto-portugues-de-conservas-de-peixe/>>.

²¹⁶ **Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:<<https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/instituto-portugues-de-conservas-de-peixe/>>.

²¹⁷ LEITE, José – **Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:<<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/portugal-na-exposicao-internacional-de.html>>.

Considera-se que, o ilustrador representava os bairros populares da cidade como pontos de atração turística, não representando pessoas, mas sim, o caráter pitoresco e autêntico destas áreas, exagerando em certos detalhes. Os elementos de madeira estão retratados nos postais como sendo uma “imagem de marca” da zona velha da cidade.

Esta obra foi notória, não só para o artista, mas para Lisboa uma vez que, estas áreas da cidade estavam relacionadas a estigmas e pobreza, e representavam um lugar desconhecido para maioria da população de Lisboa, que vivia na cidade elegante e espaçosa. Era agora apresentado como destaque de uma Lisboa velha e pitoresca, sem as representações de uma arquitetura efêmera.

Com destaque na imprensa nacional, a notícia “A poesia das ruas de Lisboa”, o jornalista afirma “Eis uma obra, que além do seu valor de arte documental flagrante de pitoresco, constitui para os que nos visitam a melhor de todas as recordações.”²¹⁸

Assim, Alfama e Mouraria são apresentadas como um museu ao ar livre da cidade antiga, que apesar do cheiro devido à falta de higiene e miséria, era um ponto em que o indivíduo se encontrava com a história e arqueologia da cidade

O destaque da Revista “Ilustração”, exhibe duas páginas ilustradas por Álvaro Canelas que acompanhava a notícia “O bairro de Alfama”. Aqui é apresentada uma promoção turística através das gravuras de Álvaro Canelas, por meio de um contraste entre a vida moderna com ruas de traçado regular e a vida na cidade velha, que cada esquina tem a sua essência e imprevisto, com ruas, ruelas e becos e um traçado irregular.²¹⁹

²¹⁸ **Álvaro Canelas** [Em linha] [Consult. 10 Agosto 2018] Disponível em WWW:< <http://olhai-lisboa.blogspot.com/search/label/%C3%81lvaro%20Canelas> >.

²¹⁹ M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933) p. 6

“Por toda a parte edificações estranhas – pontes de madeira suspensas sobre a rua ligando prédios fronteiros, construções de madeira agarradas às fachadas.”

“Espalhados ao acaso, poiais, trechos de muralhas, janelas de rótulas - restos dum passado morto que chegou a ser brilhante”²²⁰

A partir deste momento, Alfama e Mouraria conquistaram o interesse de visitantes, nacionais e internacionais, que visitam este território e o registam de diversas formas.

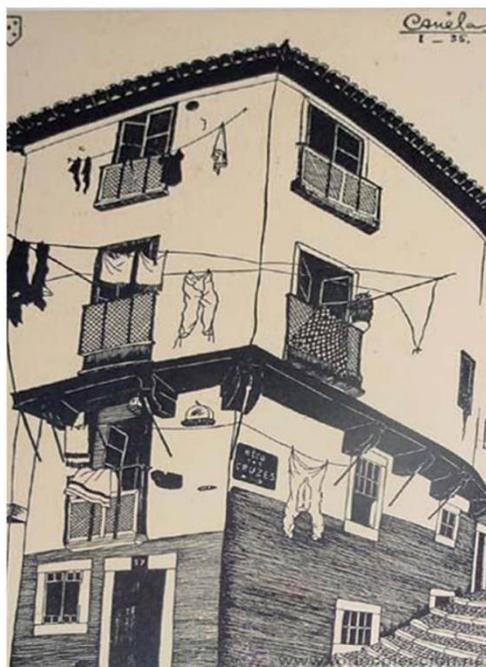


Figura 115 - Postal apresentado na Exposição Internacional de Paris de 1937



Figura 116 - Rua do Bemfornoso em aguarela por Álvaro Canelas

²²⁰ M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933) p. 7

A Revista Flama, em 1960 apresenta “Ronda dos Bairros”, uma série de reportagens diretamente vividas nos bairros mais populares de Lisboa e Porto, exibindo desde os bairros típicos de ruas e ruelas a bairros modernistas de aristocratas com grandes avenidas arborizadas.

Apresenta fotografias sobre a vivência das ruas da cidade, sempre acompanhadas por descrições detalhistas sobre as imagens, de modo a dar aos leitores não só uma visão estática, mas também um imaginativo das ações que estão a decorrer no momento do registo. Esta série é fotografada e escrita por Vitorino C. Martins.²²¹

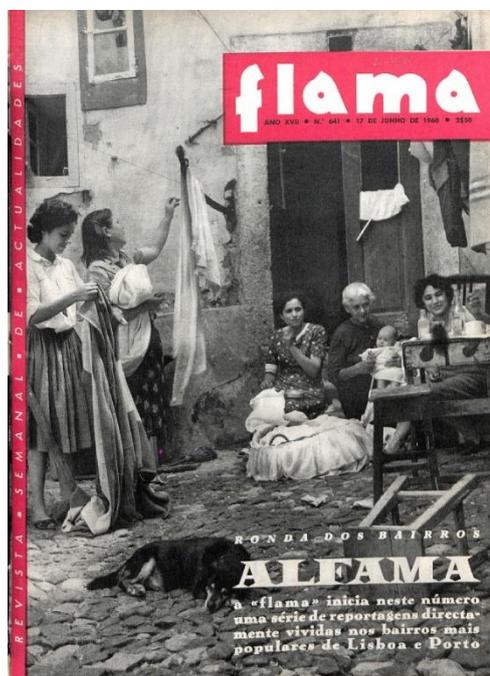


Figura 117 - Capa da Revista Flama nº 641 de 1960

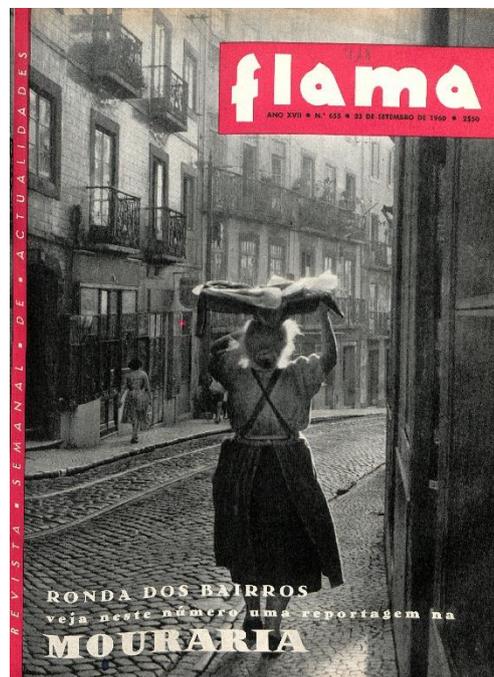


Figura 118 - Capa da Revista Flama nº 655 de 1960

²²¹ MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** nº 641 (1960) p.17-18

O primeiro bairro apresentado foi Alfama, com posição de destaque na capa da Revista. Das oito fotografias no artigo, somente uma apresenta elementos de madeira nas fachadas, uma rótula, no Beco de São Miguel. Considera-se este Beco o espaço mais fotografado de Alfama, devido à variedade de elementos encontrados concebendo a ideia de autenticidade e tradicionalidade.

A fotografia é acompanhada com a descrição “Foi no largo de São Miguel, onde existe um velho Chafariz de uma torneira, vasos com flores, suspensos nas paredes do casario e a sombra de duas ou três árvores projetada na calçada de paralelepípedos irregulares, que estas crianças formaram o seu baile de roda. A roda girou, mas dois deles, que não vão em danças preferiram refrescar a boca no fio de água que continua a cair da velha bica da torneira.”²²²

O bairro da Mouraria é o sexto bairro a ser apresentado, com exibição da fotografia do bairro na capa da revista e um artigo dedicado às mudanças e demolições ocorridas neste. São descritas as saudades dos recantos misteriosos, das ruelas, e a contemplação das poucas relíquias do seu passado que resistiram ao novo plano urbanístico modernista. Assim, não são apresentados nenhum exemplo de muxarabis, rótulas e gelosias, exibindo somente as alterações que estão a ocorrer no bairro.²²³

²²² MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** nº 641 (1960) p.17-18

²²³ MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. **Flama** nº 655 (1960) p.1-2



Figura 119 - Beco de São Miguel presente na Revista Flama nº 641



Figura 120 – Artigo referente ao bairro da Mouraria presente na Revista Flama nº 655

Ferreira de Andrade, olisipógrafo português, no livro “Lisboa” de 1960, destacou as rótulas e gelosias de Alfama e Mouraria. O autor debruçou-se sobre o estudo de Lisboa e enaltece os bairros típicos, com toda a sua essência e beleza, “dédalos de becos e de escadinhas que se atropelam e se confundem; casas com empenas desencontradas e fachadas salientes; telhados que se beijam; balcões floridos que são manchas policromas de um cenário verdadeiro; minúsculos e graciosos largos e recantos, onde há mistério e poesia, graciosidade e pitoresco, tradição e história.”.²²⁴

É importante salientar a relação manifestada pelo autor, entre as estruturas de madeira e o desenho da malha urbana, através da apresentação de fotografias. Para as representações dos bairros típicos, foram apresentados dois espaços de Alfama e Mouraria e ambos apresentam elementos de madeira nas fachadas em espaços estreitos, em que a dimensão da fachada dianteira era reduzida.

Referido na presente investigação, o Beco de São Miguel é uma das maiores referências fotográficas de Alfama, devido ao conjunto de elementos tradicionais que colocam a área como autêntica. Ferreira de Andrade também perpetuou este espaço, com a identificação da fachada do Beco de São Miguel, que conjuga rótulas e gelosias numa harmoniosa composição.

Relativamente à Mouraria, o autor apontou o Largo do Convento da Encarnação. Exprime um exemplo de uma gelosia simétrica que forma um padrão, diferente dos simples elementos treliçados. Apesar da dimensão entre a fachada dianteira ser maior que no Beco de São Miguel, a inclinação da rua, coloca a privacidade os compartimentos interiores ameaçados. Através da pesquisa realizada no arquivo municipal, é possível constatar que a fotografia apresentada pelo autor corresponde a um registo de Mário Novais de 1930. (figura 123)

²²⁴ ANDRADE, Ferreira de - **Lisboa**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.10



Figura 121 - Largo do Convento da Encarnação

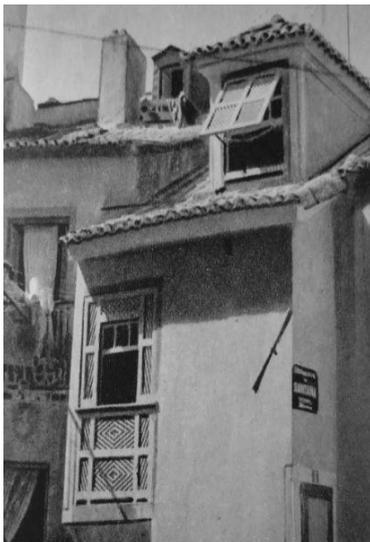


Figura 122 - Pormenor Largo do Convento da Encarnação



Figura 123 - Beco de São Miguel

A cidade retratada em “Lisboa no Passado e no Presente” confirma a presença de muxarabis, rótulas e gelosias num espaço histórico e museu vivo da velha cidade.²²⁵

O contexto dos bairros em estudo é apresentado, de modo, a compreender a relação com a formação da cidade. O autor identifica e exhibe imagens de diversas áreas de Lisboa, posto isto, e analisando a obra no seu todo, é possível considerar que estes elementos são dependentes do lugar, isto é, só existem e fazem sentido existir nos bairros históricos, devido à formação da malha urbana e contexto histórico.

O autor, reúne um conjunto de fotografias cedidas maioritariamente pela Câmara Municipal de Lisboa, entre as quais são evocadas as reminiscências em reconstituições das janelas do Beco de São Miguel em Alfama e na Graça.²²⁶

Para além de fotografias, são apresentadas pinturas célebre de Roque Gameiro, a cores, dos espaços em estudo, com presença dos elementos de madeira nas fachadas. Mouraria é representada pela Rua da Mouraria, uma das ruas principais com o arco do Marquês do Alegrete. Em Alfama é exibida a rua de São Miguel com toda a sua essência e vivência, na qual, evidência interações das pessoas com os elementos.

²²⁵ **Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11

²²⁶ **Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11



Figura 124 - Beco de São Miguel presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 125 - Pormenor da gelosia na Graça presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 126 - Casa Típica da zona velha da cidade presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 127 - Rua da Mouraria, e arco do Marquês do Alegrete de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 128 – Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 129 - Rua de São Miguel de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 130 - Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 131 - Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"

3.3 A ordem regia e eliminação destas estruturas

Os elementos de madeira nas fachadas entram em declínio e a partir do século XV, começaram a existir, em Portugal, editais a proibir a construção de muxarabis e rótulas ou a limitar o seu avanço sobre a rua. Em 1626 é elaborado em Lisboa, um edital que define normas de construção, elementos e dimensões, uma vez que as Câmaras detinham o poder de regularizar os espaços públicos. Lisboa, é a primeira cidade portuguesa a produzir um editorial relativamente a rótulas e gelosias, e determinava a proibição destes elementos em madeira a partir do século XVIII, no Alvará de 1759.²²⁷

“Proibido da mesma sorte, que nas janelas das casas, situadas em ruas, que tenham quarenta palmos de largo, e dahi para cima, haja rótulas, ou gelosias, que além de deturbarem o prospecto das ruas, tem o perigo de se communicarem por ellas os incêndios de huns a outros edificios: eceptaunado-se somente as lojas e casas térreas, que se acharem no andar das ruas, expostas à devassidão dos que por ellas passam. Alvará de 15.6.1759”²²⁸

Este Alvará, surge quatro anos após o terramoto da cidade de Lisboa e consequentemente os grandes incêndios da capital. A imposição da eliminação dos elementos de madeira nas fachadas no momento da reconstituição da cidade, tinha como intuito a prevenção de possíveis incêndios, em consequência da inflamação do material, a madeira. Assim, a cidade perde a sua aparência oriental.²²⁹

²²⁷ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado. p. 57

²²⁸ MARINS, Paulo César - **Através da Rótula: Sociedade e Arquitetura Urbana no Brasil, séculos XVII a XX**. São Paulo: HUMANITAS FFLCH/USP, 1999. p. 86

²²⁹ SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitectónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado. p.93

Contudo, a total eliminação não foi exequível, a importância estética e funcional destes elementos foi prevalecendo por parte de alguns moradores.

Deste modo, a retirada dos muxarabis, rótulas e gelosias em Portugal, nomeadamente em Lisboa, detinha de uma razão prática. O desaparecimento destas estruturas também ocorreu no Brasil, colónia Portuguesa, e acredita-se que se deva a fatores relacionados com a política portuguesa, em consequência da Revolução Industrial e invasão de Portugal por tropas francesas.

A Revolução Industrial em Inglaterra, iniciada em 1760, resultou num declínio das técnicas artesanais e exaltou os métodos de produção em série, standardização. Em 1806 é assinado o Bloqueio Continental, proibição realizada por Napoleão Bonaparte, que impedia a abertura dos portos a países que não estivessem sob controlo francês. Portugal não assinou e após um ano, foi invadido por tropas francesas, provocando a retirada da família real para o Brasil.²³⁰

Como aliado de Inglaterra, Portugal teve de abrir as portas às nações amigas, e Brasil foi o destino para os materiais modernos e industrializados. Deste modo, acredita-se que a ordem régia do rei D. João VI para a retirada de muxarabis, rótulas e gelosias no Brasil, seja para promover a importação de materiais fabricados ingleses, levando à ruína muitos comerciantes portugueses²³¹.

²³⁰ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado. p. 53

²³¹ CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado. p. 59

3.4 Confronto das fotografias antigas com a atualidade

3.4.1 Arquivo Municipal de Lisboa

As fotografias constituem a premissa desta investigação, e estabelecem-se como pontos passíveis de uma relação contemporânea.

Deste modo, o confronto permite compreender as mudanças dos muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e na Mouraria, uma vez que a comparação se proporcionou através das fotografias do Arquivo Municipal de Lisboa com fotografias da atualidade, realizadas pela autora, com o mesmo ponto de vista ou próximo dele. O desafio transformou-se maior no bairro da Mouraria, uma vez que sofreu diversas demolições ao longo do século XX.

O foco e fonte primária desta investigação corresponde aos registos fotográficos. Assim, não são consideradas comparações de vídeos-documentais, nem ilustrações e gravuras com a contemporaneidade.

Numa comparação inicial é possível distinguir quatro categorias: as estruturas que permaneceram; as estruturas que se permaneceram, mas perderam qualquer valor funcional, prevalecendo o valor estético; as estruturas que desapareceram, e ainda, as estruturas que não existiam, mas por via da recente promoção turística reapareceram, mas com mecanismos sofisticados.

Após uma análise das comparações, a maioria das estruturas foi aplicada no período do Estado Novo. Estas perduraram ou foram substituídas por elementos da mesma tipologia, que continuam com a expressão e carácter em Alfama e na Mouraria.

Atualmente, estes elementos em madeira, constituem uma imagem de marca do bairro, que ultrapassa o seu valor estético. Acredita-se que a sua funcionalidade e sustentabilidade sejam outros fatores para a sua persistência. Estas estruturas possibilitam relacionar o bairro com uma Medina no Norte de África através da fisionomia e o carácter da expressão da arquitetura, pois transmitem um lugar pitoresco. (Figura 132 a 137)

O crescente turismo de Lisboa, resulta num movimento da cidade, nomeadamente em Alfama e na Mouraria, que influencia requalificações constantes nestes bairros, porém, os muxarabis, rótulas e gelosias, são mantidos, de modo a alcançar o “verdadeiro” pitoresco e carácter historicista. (Figura 136 e 137)

A ideia de adaptação destas estruturas admite variações na sua forma. As requalificações dos elementos de madeira nas fachadas são muitas vezes reinventadas sob um panorama contemporâneo, com outros materiais.

Relativamente à idade dos edifícios, no caso destes terem sido mantidos na sua forma original ou não apresentarem requalificações, verifica-se que as estruturas de madeira nas fachadas são mantidas de forma original. Geralmente, encontram-se degradados devido à escassa manutenção, ou ao desgaste próprio do material. (Figura 134 e 135)



Figura 132 - Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969



Figura 133- Fotografia da Autora 2018



Figura 134 - Rua da Regueira 1952



Figura 135 - Fotografia da Autora 2018



Figura 136 - Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963



Figura 137 - Fotografia da Autora 2018

Uma questão central para a conservação destes elementos é a recente promoção de turismo implícita em Alfama e na Mouraria. Na tentativa de transmitir uma imagem de território autêntico, pitoresco e inalterável, algumas estruturas permaneceram sem qualquer valor histórico ou funcional.

A preservação destes elementos não obedece a critérios, e o esforço dos populares para a sua integração no quotidiano da vida moderna é demonstrado de forma desconsiderada, em contraste com o período do Estado Novo, no qual, a sua aplicação era consciente e organizada. No exemplo apresentado, a gelosia permanece, contudo, são realizadas aberturas circulares de modo a encaixar uma ventoinha de ar condicionado, com o intuito de proporcionar uma boa ventilação do espaço.

(Figura 138 e 139)



Figura 138 - Pormenor de fotografia da Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902

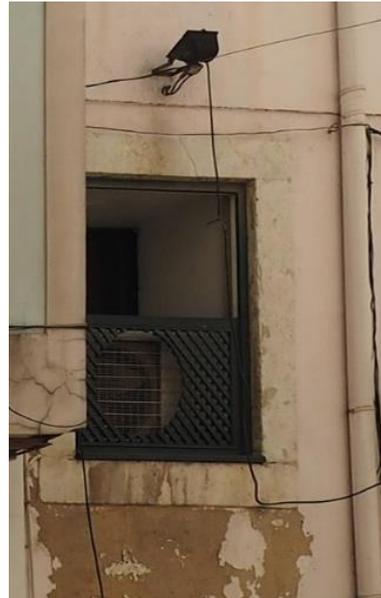


Figura 139 - Fotografia da Autora 2018



Figura 140 - Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902



Figura 141 - Fotografia da Autora, 2018

Numa primeira instância, é possível verificar que a maioria dos elementos se mantêm ao longo dos tempos, ou são substituídas por elementos de mesmo léxico arquitetónico. Contudo, existem exemplos em que as estruturas são eliminadas das fachadas. Considera-se que a sua retirada, nada tem a ver com as políticas de prevenção de incêndios, uma vez que, no século passado, estas estruturas eram bastante expressivas. Assim, a sua permanência ou não, fica a cargo dos responsáveis das habitações.

As rápidas transformações do século passado, na Mouraria, vêm definir novas relações. O diálogo dos dois momentos temporais é suportado, contudo, originou a eliminação de muxarabis, rótulas e gelosias nas novas construções, uma vez que, realizadas segundo ensinamentos da cidade moderna.

Por outro lado, alguns edifícios tanto em Alfama como na Mouraria, denunciam reabilitações, e as estruturas de madeira não são integradas nas novas fachadas. Considera-se que existe certa tendência de desvalorização dos elementos devido às escassas informações. A consciência para estes elementos e a sensibilização para a suas funcionalidades não é referida e os responsáveis tendem a optar pela sua retirada, perdendo assim a essência oriental e pitoresca em alguns edifícios. (Figura 144 e 145)

A ausência de manutenção destas estruturas treliçadas e o desgaste próprio do material, a madeira, pode ter originado a sua substituição por elementos, também em madeira, mas sem qualquer valor patrimonial. (Figura 142 e 143)

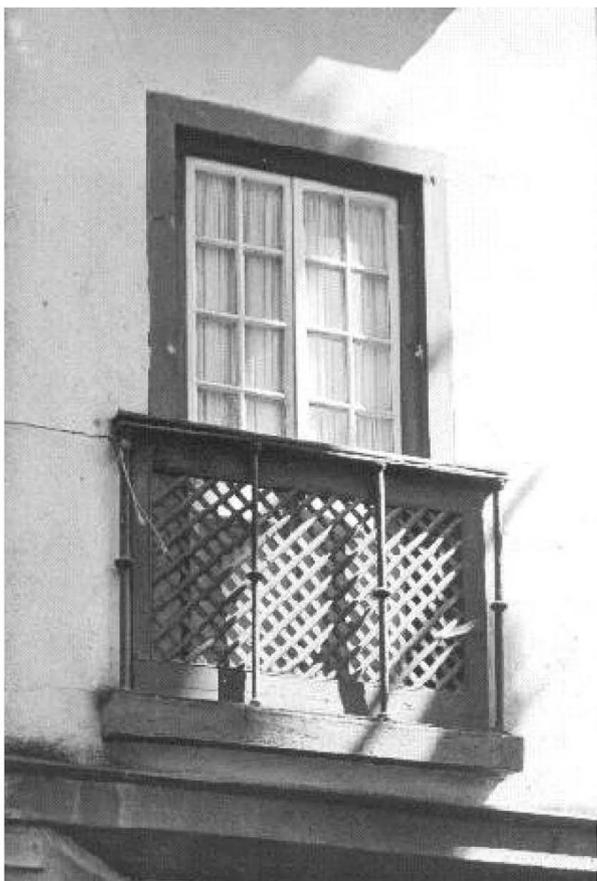


Figura 142 - Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959



Figura 143 - Fotografia da Autora, 2018



Figura 144 - Mouraria de Eduardo Portugal



Figura 145 - Fotografia da Autora, 2018



Figura 146 - Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908



Figura 147 - Fotografia da Autora, 2018



Figura 148 - Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bácia entre 1900 e 1945

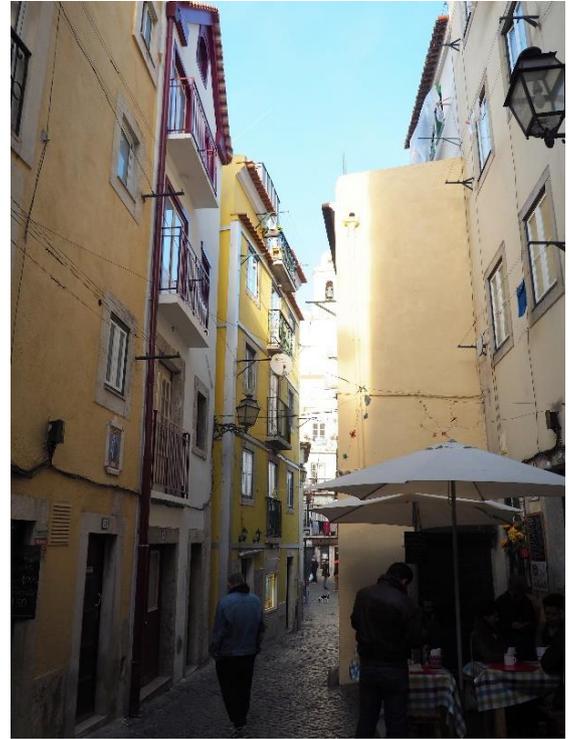


Figura 149 - Fotografia da Autora, 2018

Estruturas que reapareceram

Como referido anteriormente, Alfama e Mouraria estão na agenda do dia devido à recente promoção turística. A forte gentrificação é criticada pelos habitantes, uma vez que são obrigados a deslocarem-se para a periferia, em consequência das suas habitações e comércios serem transformados em alojamentos locais. Esta medida tem originado uma descaracterização dos bairros, transformando-os num artifício. Por volta dos anos 60, verificou-se uma mudança de paradigma, uma vez que até então, o turismo era passageiro e não invadia o espaço dos populares, era descrito como um turismo de interesse e respeito pelo património e história do local, e não de ocupadores/ moradores temporários. Em 1961, Couto Martins proferiu no seu discurso sobre Alfama, que mesmo considerando a área como ponto turístico era “oportuno conduzir o turista a Alfama para se lhe dar um apontamento rápido do que é este Bairro, sem, contudo, o fatigar”.²³².

Considera-se que atualmente esta política seja descorada e os bairros encontram-se cheios de estereótipos, de locais encenados e de um excesso de turistas que são constantemente direcionados para os bairros típicos. Este tipo de promoção turística iniciou-se nos anos 60, referido num artigo de 1966 da revista Panorama, “Por enquanto, Alfama é”. Refere as consequências de Alfama, uma vez que passou a ser um cartaz lisboeta, estilizada que ofusca a sua simplicidade e genuinidade.²³³

Alfama e Mouraria têm sido considerados “museus ao ar livre” e tentam passar ao turista um aspeto autêntico, histórico e pitoresco. De modo a satisfazer esta idealização, os elementos treliçados renascem ou aparecem em vãos de fachadas nos quais não existe registo da sua existência.

²³² MARTINS, Couto. – Alfama. **Revista Municipal** nº 88 (1961) p.39

²³³ TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Por enquanto, Alfama é - **Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo** nº 18 (1966) p. 30-34

Proporcionam assim, um “falso pitoresco” considerado o elemento como artifício, adquirindo banalidade.

De facto, é impressionante a quantidade de estruturas que renascem na cidade. Embora não exista os registos de todos os edifícios no Arquivo Municipal de Lisboa, numa observação *in loco*, é possível analisar novos elementos que mantêm a traça anterior, mas são fabricados noutra material, PVC, e com mecanismos modernos como puxadores e fixadores. Perde assim, a essência e a sustentabilidade que era conferida com a madeira. (figura 152)



Figura 150 - Beco do Almotacé, em Alfama de Armando Maia Seródio 1963



Figura 151 - Fotografia da Autora, 2018



Figura 152 - Fotografia da Autora, Alfama
2018

Ainda no mesmo panorama, o edifício inserido na Rua do Convento da Encarnação na Mouraria, sofreu diversas alterações de fachada, nomeadamente na questão de elementos treliçados. Estas alterações são possíveis de inserir em diferentes períodos da história do bairro. O primeiro registo que se tem conhecimento, data de 1903. O edifício é apresentado sem presença de qualquer elemento treliçado. Acredita-se que esta circunstância, tenha como proposição, um conhecimento pouco informado destes elementos de madeira. Por outro lado, a dimensão da rua é confortável, com relativa dimensão entre fachadas opostas, comparativamente aos becos e ruas de Alfama. (figura 153)

Nos anos seguintes, no período do Estado Novo, Eduardo Portugal, imortaliza a fachada, com um ar pitoresco e tradicionalista. Neste registo é evidente a utilização da madeira, tanto no andar de resalto como nos elementos treliçados. No piso térreo um muxarabi, composto por uma gelosia na parte inferior e uma rótula com rotação em eixo vertical na parte superior. Na mansarda é observada uma janela protegida por uma rótula. Considera-se que a fachada foi alterada, não por uma questão funcional, mas sim por uma questão político-social, uma vez que a criação da imagem por via de um aspeto tradicionalista com a expressão da arquitetura estava inerente nestas áreas da cidade, de modo a, despertar o interesse por parte de turistas e visitantes. (figura 154)

Já no século XXI, em 2014, as estruturas denotam uma certa falta de manutenção e desvalorização. A estrutura do piso térreo é conservada, mas de forma adulterada, uma vez que, foi retirada a rótula e substituída por um estore moderno numa calha exterior superior, preservando os apoios inferiores e laterais, como valor estético. A mansarda foi totalmente retirada e substituída por um estore em PVC, este também com uma calha exterior. (figura 155)

Atualmente, devido à recente promoção turística e valor imobiliário, muitas habitações estão a ser reabilitadas, e a fachada do edifício, volta a ter uma nova mudança ao nível das estruturas de madeira. A fachada regressa a um aspeto idêntico a 1903, procedendo à retirada de qualquer elemento em madeira. Sem saber a principal razão, especula-se para uma opção projetista devido ao pouco conhecimento da história destas estruturas em Alfama e na Mouraria. (figura 156)



Figura 153 - Largo e rua do Convento da Encarnação de Machado e Sousa 1903



Figura 154 - Largo do Convento da Encarnação de Eduardo Portugal



Figura 155 – Fotografia presente no Google Maps de 2014



Figura 156 -Largo do Convento da Encarnação | Fotografia da Autora, 2018

3.5 Muxarabis | Rótulas | Gelasias nas novas construções do Estado Novo

Reminiscências antigas são evocadas nas novas construções do Estado Novo. Caso disso, a Pousada de Santiago do Cacém do arquiteto Miguel Jacobety Rose, evoca gelasias em madeira, nos vãos dos locais mais privados, os quartos. Divulgada na revista “Panorama”, a pousada, inaugurada em 1945, é promovida pelo Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular no âmbito do projeto “Pousada Turística”, que defende uma continua oferta nacional, através de pousadas com características familiares.²³⁴

O projeto, enquadrado com a paisagem de linhas harmoniosas, é composto por três pisos, sendo os pisos superiores destinados aos quatro quartos. Contém um interior sem luxo, mas de instalações acolhedoras e com conforto, com integração características da região, e decoração a cargo de Vera Leroi e Anne-Marie Jauss.²³⁵

Embora as gelasias da pousada sejam realizadas de acordo com os ensinamentos tradicionais, os mecanismos de abertura utilizados são modernos, de modo a criar uma memória do passado, que além do seu valor estético, relembra o seu valor funcional. A figura 157, fotografia de João Martins é determinante na compreensão das relações dos elementos com o espaço, salientam-se como protetores da iluminação, em oposição à sua função de privacidade pois tem uma vista desafogada.

Este projeto não é isolado, ou seja, a arquitetura do Estado Novo, recorre a elementos do passado como forma de glorificar e preservar características pitorescas.

²³⁴ VASCONCELLOS, Francisco – **Pousada de Santiago do Cacém** [Em linha]. [Consult. 15 Setembro 2018] Disponível em WWW:< <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/pousada-de-santiago-do-cacem.html>>.

²³⁵ CALIXTO, Fernando - **A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo** nº 27 (1946) p.55-57



Figura 157 - Interior da pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo 1946

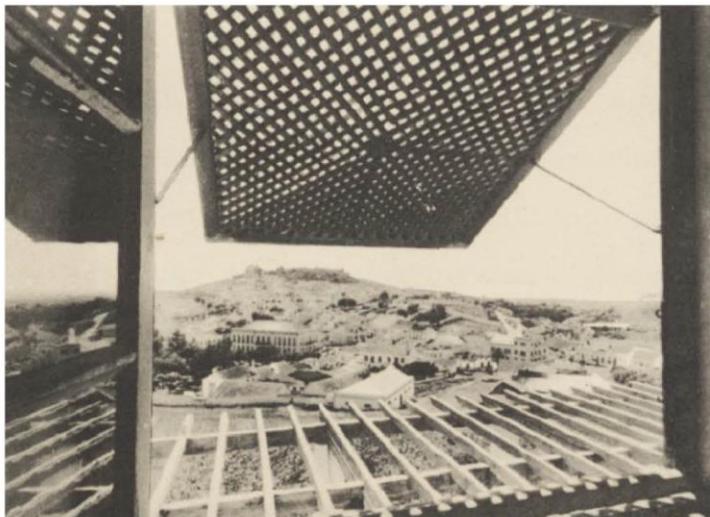


Figura 158 - Interior da pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo 1946

4 Considerações Finais

Os muxarabis, rótulas e gelosias, assumem-se como estruturas que associam a estética e a funcionalidade. Estas conferem uma particular característica em Alfama e na Mouraria, associadas à malha urbana.

O conforto, o bem-estar e a preservação do meio ambiente são fatores relevantes na habitabilidade. Durante a investigação, constatou-se uma maior divulgação e aplicação de muxarabis, rótulas e gelosias em climas quentes. Considera-se que estes elementos são originários da cultura árabe, e associam-se ao carácter social, religioso e climático do povo. Estes foram aperfeiçoados ao longo dos tempos, de modo a associar a sua expressão à sua função. Além disso, permitem o conforto ambiental através do controlo de iluminação, sem impedir a ventilação e contribui para a privacidade, uma vez que, numa questão religiosa, protegem as mulheres no interior das habitações, fora dos olhares do exterior. Estes elementos demonstram a capacidade económica devido à qualidade de ornamentação e requinte.

Com a Expansão do Islão, sucedeu-se uma difusão da cultura árabe, nomeadamente dos seus saberes e técnicas de construção. A sua chegada à Península Ibérica em 711, marca o início das influências árabes, tanto a nível social como cultural, em território nacional. Considera-se que os muxarabis, rótulas e gelosias foram divulgados em Portugal durante esse período de tempo, através de um conhecimento passado de geração em geração.

Entendeu-se a pertinência de uma breve análise das estruturas de madeira nas fachadas, em Portugal Continental, através do levantamento e mapeamento das fotografias, realizadas para o inquérito à Arquitetura Popular, que continham as estruturas em estudo. Desta forma é possível contextualizar as estruturas na cidade de Lisboa partindo de um panorama nacional. As fotografias não

tinham como foco especial os muxarabis, rótulas e gelosias, contudo, a sua representação era concretizada, pois conferiam um aspeto tradicional e vernacular ao local.

Durante a elaboração do mapeamento relativo aos registos analisados, concluiu-se que existem dois momentos de presença islâmica em Portugal, que divide a região norte da região sul.

A região Norte de Portugal, apresenta menos vestígios de uma permanência islâmica, com escassos exemplos de muxarabis, rótulas e gelosias. É caracterizado por um clima temperado e chuvoso, em contraste com o clima quente dominante nas regiões árabes. Assim, o fator climático não favorece a aplicação destas estruturas em madeira.

Segundo a análise do mapa das principais regiões de Gharb-Al-Andalus, de Maria Perez, é possível verificar o contraste de afluência da região norte com a região sul, uma vez que a região norte detinha poucas cidades e escassas ligações com o sul. Após uma observação atenta do mapa, constata-se que a região de Trás-os-Montes não possui nenhuma marcação de cidade importante neste período de tempo. Em concordância, a análise dos registos na base de dados das fotografias realizadas para o inquérito à Arquitetura Popular, não apresenta qualquer vestígio de muxarabis, rótulas e gelosias. Os registos analisados encontram-se na região do Minho, nomeadamente em Braga e Guimarães, duas cidades com permanência islâmica.

Além disso, interessa relacionar a reconquista cristã dos territórios uma vez que, esta se iniciou no Norte do país resultando num período curto de influências islâmicas. A região Centro e Sul denotam um aumento das principais cidades e vias de ligação de Gharb Al-Andalus. Esta região é caracterizada por um clima intermédio entre o húmido do Norte e o Sul seco, localizando-se a região de Lisboa. Os muxarabis, rótulas e gelosias começam a ganhar expressão, e os elementos treliçados são maioritariamente aplicados na proteção das varandas, realizando a função de guarda.

A região Sul apresenta de forma significativa influências de uma civilização árabe, em consequência do tempo prolongado do domínio islâmico, uma vez que, a reconquista desta região só

se consomar no século XIII. Posto isto, verificou-se a permanência de árabes, após a reconquista, continuando a difundir os seus conhecimentos. Devido à proximidade do Algarve ao norte de África, as semelhanças são diversas. As cidades organizam-se segundo a mesma lógica, de medinas, e os seus climas são idênticos. Na região Sul os muxarabis, rótulas e gelosias são utilizados tanto na proteção dos vãos como nos postigos das portas, para a defesa da intimidade da habitação. Associados frequentemente aos pisos térreos permitem nos tempos quentes e secos, a ventilação e o controlo excessivo de luz, com a abertura do caixilho de vidro e o fecho do rotulado.

Após o entendimento destas estruturas num panorama nacional, é relevante contextualizar a cidade de Lisboa, nomeadamente Alfama e Mouraria, relativamente à presença árabe. No século VIII, os árabes instalaram-se na cidade de Lisboa e o seu domínio sob a cidade durou até ao século XII. Estes ocuparam o topo da colina de São Jorge e estenderam-se pelas encostas adjacentes, constituindo assim a Alcáçova e os arrabaldes. O centro da cidade islâmica era conferido ao local de existência de águas termais, fator relevante ao nível cultural e religioso do povo árabe. Por esses motivos, reconheceram em Alfama e na Mouraria, os locais ideais para se instalarem. A sua cultura foi prevalecendo e após a reconquista cristã, a generalidade da população árabe permaneceu em Lisboa. Atualmente, nestes bairros é possível constatar ensinamentos de uma cultura árabe, como os andares de ressalto, nos quais, os pisos superiores em consola para a rua proporcionam uma extensão do espaço habitacional, e os muxarabis, rótulas e gelosias. Contudo, a partir do século XV, estes elementos entram em declínio com a existência de editais a proibir a construção de muxarabis ou a limitar o seu avanço sobre a rua.

Encontrou-se no terramoto de 1755 em Lisboa, um momento crucial para os muxarabis, rótulas e gelosias. Este acontecimento, seguido de um maremoto e diversos incêndios por toda a cidade, destruiu igrejas, conventos, palácios e habitações. Alfama e Mouraria foram as áreas menos afetadas, e os bairros foram reconstruídos pela população com algumas imposições.

Após o terramoto, a imposição da eliminação dos elementos de madeira nas fachadas, no momento da reconstituição da cidade, tinha como intuito a prevenção de possíveis incêndios. Porém, a total eliminação não foi possível, e a importância estética e funcional destes elementos foi prevalecendo por parte de alguns moradores. Contudo ao longo dos anos, as estruturas de madeira foram caindo em declínio.

O revivalismo do século XIX, tinha como premissa o gosto pelo pitoresco e pelas formas medievais.

Para compreender estas estruturas no período anterior ao Estado Novo, foram analisadas, como fonte primária, as fotografias recolhidas na base de dados do Arquivo Municipal de Lisboa. De forma a complementar o raciocínio, foram consideradas notícias e artigos, acompanhadas de gravuras, ilustrações ou fotografias, que apresentavam estruturas de madeira nas fachadas, em Alfama e na Mouraria. As referências apontam para um espaço degradado, à margem da cidade e sem organização habitacional. Os artigos de jornais descrevem um espaço desconhecido pela maioria dos lisboetas, com dejetos nas valetas e um cheiro pouco convidativo a visitas. Por outro lado, os ilustradores e gravuristas, sentiam sensibilidade pelo espaço, e as notícias eram acompanhadas com gravuras que exprimem uma cidade tradicionalista. As gravuras e as representações eram maioritariamente de Alfama, uma vez que, a Mouraria sempre foi considerada um espaço de maior marginalização, desde a sua origem. Os artistas representavam estas áreas da cidade, enaltecendo as casas típicas, com muxarabis, rótulas, gelosias e andares de ressalto, e a sua relação com o rio Tejo. A obra de maior destaque são as gravuras e aquarelas de Roque Gameiro que são consideradas um documento histórico da cidade de Lisboa. No seu livro, a maioria das gravuras representam as estruturas de madeira das fachadas, transmitindo uma imagem pitoresca e diferente do resto da cidade de Lisboa. Verificou-se que são escassos os exemplos de muxarabis, rótulas e gelosias em fotografias de Alfama e na Mouraria, retiradas antes do período do Estado Novo. Considera-se assim, que estas estruturas não eram aplicadas de forma sistemática e exaustiva, denunciando um período de declínio.

Contudo, foi nesse período de tempo, que Alfama e Mouraria começaram a suscitar interesse por parte de fotógrafos, destacando-se José Cândido de Assunção e Sousa e Artur Júlio Machado que em parceria, realizaram o primeiro levantamento fotográfico da cidade de Lisboa entre 1898 e 1908. Com carácter estatístico, representam o espaço público, a vivência e a malha urbana da capital. Mesmo assim, as representações antes de 1933, presentes no Arquivo Municipal de Lisboa, demonstram um particular carácter pitoresco e tradicionalista, que as estruturas de madeira nas fachadas impunham na imagem global destes locais.

Encontrou-se de forma inesperada, uma vasta coleção de fotografias de Alfama e Mouraria com presença de muxarabis, rótulas e gelosias no Arquivo Municipal de Lisboa, num período compreendido entre 1933-1974. Ao longo do estudo, desenvolveu-se a consciência que estas estruturas renasceram neste intervalo de tempo, no qual Portugal estava sob o regime de Estado Novo.

De modo a compreender esta circunstância, a representação de arquitetura efémera, analisada por via de documentários, produzidos num período inicial do Estado Novo proporcionou uma clarificação da valorização destas estruturas de madeira.

Em 1935, nas comemorações das Festas da Cidade, foi apresentada a exposição “Lisboa Antiga”, com a representação através de arquitetura efémera de um bairro quinhentista de Lisboa. A análise do documentário histórico “Festa da cidade de Lisboa: Lisboa Antiga”, realça a arquitetura tradicionalista e a vivência da população com ruelas e figurinos, em que os muxarabis, rótulas e gelosias, são apresentados em posição de destaque. Apesar das semelhanças entre o bairro representado com Alfama e a Mouraria, estas áreas da cidade ainda eram desconhecidas para a maioria da população.

Em 1940, a Exposição do “Mundo Português” representa a tradição histórica e arquitetónica do passado, em fusão com a modernidade. Nesta exposição interessa analisar o “Bairro Comercial”, que através de arquitetura efémera recria um bairro de atividades económicas da região de Lisboa, no

período quinhentista. Identificou-se também, uma forte presença de muxarabis, rótulas, gelosias e elementos treliçados.

Embora as representações sejam de períodos e representações diferentes, ambas tinham o objetivo de transmitir ao visitante, um gosto e apreciação pelo pitoresco por meio da valorização do património e história nacional. Estas representações efémeras notam a importância dos elementos em madeira na imagem de uma Lisboa antiga e tradicionalista devido à constante réplica.

Em 1937, estas áreas da cidade são exibidas, de forma clara, como pontos turísticos na “Exposição Internacional de Paris”. Alfama e Mouraria, constituíam as áreas mais originais da cidade de Lisboa, ainda com presença destas estruturas de madeira, embora muito degradadas. Assim, desde que o gosto pelo pitoresco e o conhecimento pelos muxarabis, rótulas e gelosias aumentou, a sua aplicação renasceu nestes bairros. Considera-se que, a recriação não se baseia só num valor estético, como também num valor funcional, em consequência do destaque adquirido pelas exposições efémeras.

Devido ao novo paradigma destes bairros, é notório o contraste das informações sobre Alfama e Mouraria, no período do Estado Novo com as notícias antes de 1933. Neste período de tempo já não se considera uma região marginalizada, verificando-se uma tentativa de enaltecer os espaços de forma a convidar os leitores a visitá-lo, recorrendo a gravuras e fotografias com representações que evidenciavam as estruturas em madeira, devido ao carácter que lhes era conferido.

As fotografias presentes no Arquivo Municipal de Lisboa após o regime de Estado Novo, não denotam nenhuma alteração na questão das estruturas de madeira. São escassos os registos devido à proximidade com a atualidade, mas é possível observar que Alfama e Mouraria continuaram o seu desenvolvimento turístico. Ainda assim, com a degradação de algumas destas estruturas de madeira e com o aumento da qualidade de vida dos habitantes, originou algumas substituições de muxarabis, rótulas e gelosias por mecanismos modernos.

Os registos fotográficos levantados do Arquivo Municipal de Lisboa, foram analisados e mapeados. Desta maneira, foi possível comprovar que os muxarabis, rótulas e gelosias relacionam-se com a malha urbana. Estas estruturas localizam-se em ruas estreitas, becos, ou andares de ressalto, uma vez que, em ambos os casos, a proximidade com a fachada dianteira é insuficiente para proporcionar privacidade e controlar a ventilação e iluminação

O trabalho apoiou-se na comparação das fotografias recolhidas do Arquivo Municipal de Lisboa, com fotografias da atualidade, realizadas pela autora, de forma a entender o panorama atual dos muxarabis, rótulas e gelosias, em consequência da mudança de conjuntura dos bairros.

Numa comparação preliminar é possível distinguir quatro categorias: as estruturas que permaneceram; as estruturas que se permaneceram, mas perderam qualquer valor funcional, prevalecendo o valor estético; as estruturas que desapareceram, e ainda, as estruturas que não existiam, mas por via da recente promoção turística reapareceram, mas com mecanismos sofisticados.

É evidente que a maioria das estruturas perduraram no tempo ou foram substituídas por elementos da mesma tipologia, de modo a continuar com uma certa expressão e carácter em Alfama e na Mouraria. Na tentativa de transmitir uma imagem de território autêntico, pitoresco e inalterável, algumas estruturas permaneceram sem qualquer valor histórico ou funcional.

Um fator de análise na transformação dos muxarabis, rótulas e gelosias é a recente promoção turística. As ideologias do visitante mantêm-se, porém, considera-se diferente do turismo realizado durante o Estado Novo, constatando-se que atualmente é invasivo e devastador nestes bairros da cidade. Como consequência, resultou uma inflação imobiliária originando um novo período de gentrificação, revelando-se um cartaz lisboeta, estilizada que ofusca a sua simplicidade e genuinidade.

Outro fator, destina-se ao modo de pensamento e organização dos dois bairros, em períodos distintos. Segundo Norberto de Araújo, em 1944, existiam dois lados destes territórios, um de aspeto limpo e pitoresco, o outro miserável e pobre. De forma a combater a degradação dos bairros, na década

de 60, surgiu uma iniciativa de conservação dos mesmos, que se integrava numa “campanha turística e cultural do Estado Novo”. Este projeto tinha como objetivo a regeneração do espaço público, remodelação da rede de esgotos, e restauro de monumentos e alguns edifícios. Este projeto seguiu as políticas do regime, que valoriza o património enquanto potencial turístico ignorando as questões de salubridade do bairro, procedendo assim, a um renascimento e valorização de muxarabis, rótulas e gelosias. Assim, considera-se que a reabilitação durante o estado Novo era pensada e planeada, em contraste com a conjuntura atual, de reabilitações isoladas e sem planeamento urbano.

Atualmente, numa minoria dos casos, a reabilitação do edificado, origina a eliminação de alguns exemplares das estruturas de madeira. Esta decisão é geralmente determinada por responsáveis do projeto e a falta de conhecimento propicia a sua eliminação. Os muxarabis, rótulas e gelosias, desaparecem maioritariamente na Mouraria por efeito das rápidas transformações do século passado. Apesar do diálogo dos dois momentos temporais, as novas construções e o novo planeamento urbano, não suportavam a aplicação das estruturas em estudo.

Como forma inesperada, com a realização das comparações, verificou-se que as estruturas treliçadas aparecem em vãos de fachadas nos quais não existe registo da sua existência. Atualmente, é possível analisar novos elementos que mantêm a traça anterior, mas são fabricados noutra material, PVC, e com mecanismos modernos como puxadores e fixadores. Perde assim, a essência e a sustentabilidade que era conferida com a madeira. Estas novas renovações deveriam ser realizadas de forma consciente e informada, mantendo os seus valores históricos e sustentáveis, enaltecendo as suas potencialidades.

A arquitetura efémera apresentada em documentários, “Festas da cidade de Lisboa” em 1935 e “Exposição do Mundo Português” de 1940, possibilitam uma comparação das semelhanças entre os espaços representados com Alfama e Mouraria, nomeadamente a semelhança dos muxarabis, rótulas e gelosias. Embora os escassos exemplos de muxarabis nos bairros em estudo, os elementos são bastante replicados no documentário “Festa da cidade de Lisboa: Lisboa Antiga” de 1935.

Alfama e Mouraria estão cheios de estereótipos, de locais encenados e de um excesso de turistas que são constantemente direcionados para os bairros típicos. Estes locais têm sido considerados “museus ao ar livre” e transmitem aos turistas um aspeto autêntico, histórico e pitoresco. De modo a satisfazer esta idealização, proporcionam assim, um “falso pitoresco” considerando o elemento como artifício, adquirindo banalidade.

Esta investigação comprova que, os muxarabis, rótulas e gelosias aparentemente, numa primeira instância, são considerados históricos e antigos, porém, através do seu estudo, encontraram-se estruturas que surgiram no período do Estado Novo, tornando-se num vício visual, uma imagem que é formada por uma questão de interesse. A pertinência de um estudo sobre estas estruturas de madeira pode traduzir-se numa forma de pensar e analisar Alfama e Mouraria no ponto de vista da sua vivência e carácter.



5 Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de - **O Domínio Romano em Portugal**. 4ª Edição. Lisboa: Europa-América, 2002
- ALEGRIA, José Alberto – Arquitectura Islâmica em Portugal: das memórias ao Ressurgimento In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997
- ALMEIDA, Avelino – “Alfama”, um belo documentário. In, **Cinéfilo**. nº 72 (1930)
- ALVES, Adalberto - A expansão muçulmana e o Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997
- ANDRADE, Ferreira de - **Lisboa**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.10
- ANDRADE, Ferreira de - **Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1968
- ARAÚJO, Norberto – Uma Alfama Nova. **Olisipo**. nº29 (1945)
- Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, ed. 4º vol.I,
- Bairro Comercial e Industrial [Em linha] [Consult. 13 Agost. 2018]. Disponível em WWW:<<https://mundopt40.omeka.net/exhibits/show/exposicaomundoportugues/2percurso/bairrocomercialindustrial>>.
- BARREIRA, João - A habitação em Portugal. In, **Notas sobre Portugal**. Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, vol II p.147 – 178
- BRAGA, João Martins - **A cidade romana: Olisipo, memória e uso**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2013. Dissertação de Mestrado. p. 27
- BRAZÃO, Eduardo- Prefácio In **Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica**. Lisboa: Edições SNI, 1957
- CALADO, Maria; Ferreira, Vítor Matias - **Lisboa: freguesia de Santo Estêvão (Alfama)**. Lisboa: Contexto, 1992. 76 p. 49

CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitetura como propaganda do Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.

CALIXTO, Fernando - A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - **Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo** nº 27 (1946) p.55-57

CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado.

COSTA, António Firmino, RIBEIRO, João Manuel - Construção social de um objecto de reabilitação: notas sobre o caso de Alfama, In **Sociedade e Território**, n.º 10-11 (1989)

CRUZ, Nicole Alexandra Pires- **Interpretação e Valorização do Património Cultural no Bairro Histórico da Mouraria**. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de História 2015. Dissertação de Mestrado.

DAMATTA, Roberto - Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

FATHY, Hassan. **Natural energy and vernacular architecture: principles and examples with reference to hot and arid climates**. Chicago/London: Univeristy of Chicago Press, 1986 Disponível em: <<http://archive.unu.edu/unupress/unupbooks/80a01e/80A01E09.htm#The%20takhtabush>>. Acesso em: 04Agosto2018

FERREIRA, Dilson Batista - Desenvolvimento, energia e ambiência urbana: uma abordagem histórica In **Parcerias estratégicas**, vol.14, nº29 (2009). Disponível em: <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/351/344>. Acesso em: 01Maio2017. p.75-98

FICARELLI, L. The domestic architecture in Egypt between past and present: the passive cooling in traditional construction. In: **Proceedings of the Third International Congress on Construction History**. Cottbus: maio, 2009

FILHO, Mariano- **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.12

FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.17

GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2º. Lisboa: Vega, 1993.

GOMES, Rosa Varela - **O magrebe e o Gharb Al-Andaluz: testemunhos arqueológicos e simetrias culturais (séculos VIII-XIII)**. Lisboa: Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 2004 n. 17-18, p.110 - 124 Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no17-18-relacoes-luso-marroquinas.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LEITE, José – **Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:< <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/portugal-na-exposicao-internacional-de.html>>.

Lisboa no Passado e no Presente. Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11

LUCAS, Pedro Galvão – **Representação de Arquitetura – Introdução às várias formas de comunicação da arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2011. Dissertação de Mestrado

M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933)

MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- A islamização do Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997

MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio- Redesenha História In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997

MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008.

MANTAS, V.G. (1999) – **Olisipo e o Tejo**. In: Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997). Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, p.27

MARINS, Paulo César - **Através da Rótula: Sociedade e Arquitetura Urbana no Brasil, séculos XVII a XX.** São Paulo: HUMANITAS FFLCH/USP, 1999.

MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, Couto. – Alfama. Revista Municipal nº 88 (1961) p.39

MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** nº 641 (1960) p.17-18

MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. **Flama** nº 655 (1960) p.1-2

MATOS, André Jorge da Cruz – **Acompanhamento de direção de obras de reconstrução na Mouraria.** Lisboa: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa: Área Departamental de Engenharia Civil, 2015. Dissertação de Mestrado

MENEZES, Marlucci - Património Urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? In **Cidades-Comunidades e Territórios**, nº 11 (2005), p.71

MIDÕES, Alberta – **Reabilitação urbana, Bairros históricos de Lisboa.** Architécti nº52 (2000)

O GHARB NO AL-ANDALUS, SINTESES E PERPECTIVAS DE ESTUDO, 23,24,25, SILVES, 2008 – **Lisboa Islâmica: uma realidade em construção:** atas. Silves, 2008

OLISIPONENSES, Gabinete de Estudos - História de Lisboa - Tempos Fortes. **Jornal da exposição** [Em linha] 2008 [Consult. 2 fevereiro 2018]. Disponível em WWW:<
https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/hist__ria_de_lisboa-_tempos_fortes:> p. 6

PAULERT, Renata - **Uso de elementos vazados na arquitetura: Estado de três obras educacionais contemporâneas** – Universidade Federal do Panamá, 2012. Dissertação de Pós-Graduação em Construção Civil.

Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40, In **Revista Arquitetura Lusíada.** nº 7 (2015): p. 93-108

Portugal na Exposição Internacional de Paris [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:<
<https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/instituto-portugues-de-conservas-de-peixe/>>.

RIBEIRO, Manuel João; COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores, VALENTE, Isabel - **Alfama, caracterização sociológica da habitação, Cadernos de Reabilitação Urbana**, Lisboa: C.M.L – Direção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991

RODRIGUES, José Wash – **Documentário Arquitetónico**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944 vol. I, II, III, IV, V, VI, VII

SILVA, Augusto Vieira da, - Prefácio In OLIVEIRA, José Augusto de – **Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)**, Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas presenciais do cerco Lisboa: S. Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936 p.14

SOUZA; Heloisa Maria Paes - O Conforto ambiental na Arquitectura Colonial Brasileira: Heranças Muçulmanas, In **Architecton** – Revista de Arquitectura e Urbanismo, vol.2, nº02 (2012)

SOUZA; Heloisa Maria Paes – **Soluções urbanísticas e arquitectónicas islâmicas para o conforto ambiental e a sua influência no semiárido brasileiro: o caso de Oeiras (PI) e Icó (CE)** – São Paulo: Universidade de Taubaté 2012. Dissertação de Mestrado.

SUL, Associação dos Arquitectos Portugueses Secção Regional do - **Alfama: morte ou recuperação?** In, Jornal Arquitectos. nº 3 (1985) p.9

TAVARES, Mariana – **Lisboa desaparecida**. 5ª ed Lisboa: Quimera, 1990, vol I

TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904)

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago – **O legado Islâmico em Portugal**. Lisboa: Círculo de leitores e autores. 1998 p.84

TOUSSAINT, Michel - **Bairros Históricos Lisboa**. Jornal Arquitectos. n.º151 (1995)

TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Por enquanto, Alfama é - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo nº 18 (1966) p. 30-34

VASCONCELLOS, Francisco – **Pousada de Santiago do Cacém** [Em linha]. [Consult. 15 Setembro 2018] Disponível em WWW:< <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/pousada-de-santiago-do-cacem.html>>.

VIERA, Afonso Lopes – Prólogo, In GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2^o. Lisboa: Vega, 1993

6 Índice e créditos das imagens

- Figura 1 - Distinção de muxarabis, rótulas e gelosias..... 1
RODRIGUES, José Wash – **Documentário Arquitectónico**. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1944 vol. I p.27
- Figura 2 - Expansão muçulmana do século VIII ao X 31
ALVES, Adalberto - A expansão muçulmana e o Gharb al-Andalus In PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.9
- Figura 3 - Mapa da conquista muçulmana na Península Ibérica 33
LEWIS, David Levering - **O Islã e a formação da Europa, de 570 a 1215**. Barueri: Amariyls, 2010. p.484
- Figura 4 - Capa livro de Hassan Fathy, **Natural energy and vernacular architecture de 1986**..... 34
FATHY, Hassan. **Natural energy and vernacular architecture: principles and examples with reference to hot and arid climates**.Chicago/London: Univeristy of Chicago Press, 1986 Disponível em: < <https://unu.edu/publications/books/natural-energy-and-vernacular-architecture-principles-and-examples-with-reference-to-hot-arid-climates.html>>. Acesso em: 04Agosto2018
- Figura 5 - Capa do livro do Congresso **Proceedings of the Third International Congress on Construction History, em Maio de 2009** 34
Proceedings of the Third International Congress on Construction History. Cottbus: maio, 2009.Disponível em: < http://www.bma.arch.unige.it/it/it_proceedings_construction_history.html>. Acesso em: 04Agosto2018
- Figura 6 – Website relativo ao livro de Silvio Colin, **Técnicas construtivas do período colonial**..... 34
COLIN, Silvio. **Técnicas construtivas do período colonial**. Disponível em: < <http://www.ceap.br/material/MAT02092011153107.pdf>>. Acesso em: 04Agosto2018
- Figura 7 - Capa de livro de Mariano Filho, **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira de 1943** 34
FILHO, Mariano- **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.12
Disponível em: < <http://www.livrariaferreira.pt/6009/Arquitectura+Popular/INFLUENCIAS+MU%C3%87ULMANAS+NA+ARQUITECTURA+TRADICIONAL+BRASILEIRA/MARIANO+FILHO+%28Jose%29>>. Acesso em: 04Agosto2018
- Figura 8 - Exemplo de Muxabi nas Festas da cidade de Lisboa 1935 37

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video> Frame: 05min20seg24

Figura 9 - Exemplo de uma Rótula e uma gelosia no Beco de São Miguel fotografado por Mário de Novais 1930 37

NOVAIS, Mário – **Casas de Ressalto** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1930.. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:<](http://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater)

<https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater>>.

Figura 10 - Janela de um prédio com varanda protegida por uma gelosia, em Alfama de Armando Maia Seródio 1959..... 37

SERÓDIO, Armando Maia – **Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:<](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD) <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD> >.

Figura 11 -Puxadores e trancas que constituem uma rótula ou muxarabi 39

RODRIGUES, José Wash – **Documentário Arquitectónico**. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1944 vol. II p.48

Figura 12 - Os territórios principais do Gharb Al- Ândalus 48

PEREZ, Rosa Maria **Memórias arabo-islâmicas em Portugal**. Lisboa: Comissão Nacional, 1997 p.18

Figura 13 Varanda em Pombal - Arquitectura Popular em Portugal 1955 51

ARQUITECTOS, Ordem dos - **Casa com varanda alpendrada** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:<](http://www.oapix.org.pt/100000/1/3492,01,9/index.htm) <http://www.oapix.org.pt/100000/1/3492,01,9/index.htm>>.

Figura 14 - Varanda em Braga Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 51

ARQUITECTOS, Ordem dos – **Quinta do Crasto – habitação** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:<](http://www.oapix.org.pt/100000/1/2610,01,2/index.htm) <http://www.oapix.org.pt/100000/1/2610,01,2/index.htm>>.

Figura 15- Mapeamento de elementos..... 52

Mapeamento elementos em Portugal continental, da autora

Figura 16 - Rua do Souto. Pormenor do “Mapa das Ruas de Braga”, MDCCL – Arquitectura Popular em Portugal 1955	54
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rua do Souto. Pormenor do “Mapa das Ruas de Braga”, MDCCL in Arquitectura Popular em Portugal. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm p. 18	
Figura 17 - Braga - Casa das Rótulas de Arquitectura Popular em Portugal 1955	55
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa das rótulas - janela in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1598,01,2/index.htm >.	
Figura 18 - Braga - Janela da Casa das Rótulas de Arquitectura Popular em Portugal 1955	55
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa das rótulas - janela in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1598,01,2/index.htm >.	
Figura 19 - Braga – Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	56
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 24x36 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2745,01,2/index.htm >.	
Figura 20 - Braga - Conjunto de casas de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	56
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 24x36 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2747,01,2/index.htm >.	
Figura 21 - Braga - Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955	56
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 24x36 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2750,01,2/index.htm >.	
Figura 22 - Castro Daire - Revestimentos nas fachadas de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	59
ARQUITECTOS, Ordem dos - Revestimentos nas fachadas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/4145,01,15/index.htm >.	
Figura 23 - Paul. Covilhã - Casa típica, varanda de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955	60
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa típica, varanda de madeira in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1577,01,3/index.htm >.	

- Figura 24 - Paul. Covilhã – Casa Característica de Arquitectura Popular em Portugal 1955 60
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Casa característica** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1553,01,3/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/1553,01,3/index.htm).
- Figura 25 - Pero Viseu - Casa de Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 60
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Casa** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1804,01,3/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/1804,01,3/index.htm).
- Figura 26 - Canas do Senhorim. Nelas - Aproveitamento do esconso de uma escada de Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 60
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Aproveitamento do esconso de uma escada** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/4292,01,15/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/4292,01,15/index.htm).
- Figura 27 - Coja. Arganil - Corpo saliente totalmente envidraçado (orientação N-SW) de Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 61
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Vista parcial** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1844,01,3/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/1844,01,3/index.htm).
- Figura 28 - Santa Ovaia de Cima. Tondela - Presença do tijolo na construção de Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 61
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Presença do tijolo na construção** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/4434,01,15/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/4434,01,15/index.htm).
- Figura 29 - Ervideira. Poiares - Pátio com parede de fundo com janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955 61
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Pátio com parede de fundo com janelas** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/4670,01,10/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/4670,01,10/index.htm).
- Figura 30 - Zebreira. Idanha-a-Nova – Casas de Arquitectura Popular em Portugal 1955..... 61
 ARQUITECTOS, Ordem dos - **Casas** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1861,01,3/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/1861,01,3/index.htm).

Figura 31 - Serra d'El-Rei. Peniche – Perspetiva de rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955	63
ARQUITECTOS, Ordem dos - Perspectiva de rua in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3491,01,9/index.htm >.	
Figura 33 - Coruche –Rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	64
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rua in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2362,01,13/index.htm >.	
Figura 32 - Coruche – Pormenor recortada pela autora da fotografia Rua de Arquitectura Popular em Portugal 1955	64
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rua in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2362,01,13/index.htm >.	
Figura 34 - São Pedro de Muel. Marinha Grande - Casas com varandas de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	65
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casas com varandas de madeira in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3368,01,9/index.htm >.	
Figura 35 - Mugideira. Torres Vedras – Poço Coberto de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	65
ARQUITECTOS, Ordem dos - Poço coberto in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3197,01,1/index.htm >.	
Figura 36 - Praia de Pedrogão. Leiria - Casa de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955	65
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa de madeira in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1343,01,9/index.htm >.	
Figura 37 - São Pedro de Muel. Marinha Grande - Varanda de madeira de Arquitectura Popular em Portugal 1955	65
ARQUITECTOS, Ordem dos - Varanda de madeira in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1354,01,9/index.htm >.	
Figura 38 – Portalegre – Casa Solarenga de Arquitectura Popular em Portugal 1955	67
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa solarenga in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2252,01,4/index.htm >.	

Figura 39 - Portalegre – Casa Solarenga de Arquitectura Popular em Portugal 1955	67
ARQUITECTOS, Ordem dos - Casa solarenga in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/2256,01,4/index.htm> .	
Figura 40 – Beja - Protecção das janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955	68
ARQUITECTOS, Ordem dos - Protecção das janelas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1078,01,7/index.htm> .	
Figura 41 - Faro – Grades de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	70
ARQUITECTOS, Ordem dos - Grades in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3795,01,12/index.htm> .	
Figura 42 - Faro - Restos da muralha de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	70
ARQUITECTOS, Ordem dos - Restos da muralha in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3792,01,12/index.htm> .	
Figura 43 - Faro - Rotulado em sacadas de Arquitectura Popular em Portugal 1955	70
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rotulado em sacadas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3793,01,12/index.htm> .	
Figura 45 - Pera. Silves - Rotulado em caixilhos de guilhotina de Arquitectura Popular em Portugal 1955	71
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rotulado em caixilhos de guilhotina in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/1206,01,12/index.htm> .	
Figura 44 - Castro Marim - Rotulado em janelas de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	71
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rotulado em janelas in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3776,01,12/index.htm> .	
Figura 46 - Tavira- Rotulado em porta de Arquitectura Popular em Portugal 1955.....	72
ARQUITECTOS, Ordem dos - Rotulado em porta in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3795,01,12/index.htm> .	
Figura 47 - Lagos - Rotulado em porta de Arquitectura Popular em Portugal 1955	72

ARQUITECTOS, Ordem dos - **Rotulado em porta** in OAPIX. [Documento Icónico] IARP: 1955 Negativo - preto e branco; 6x6 cm [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.oapix.org.pt/100000/1/3860,01,12/index.htm>](http://www.oapix.org.pt/100000/1/3860,01,12/index.htm).

Figura 48- Planta urbanística da cidade romana sobre a planta de João Nunes Tinoco (século XVII). Representação das principais estruturas relacionadas com a água na cidade. 82

MANTAS, V.G. (1999) – Olisipo e o Tejo. In: Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997). Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, p.26 In MASCARENHAS, José Manuel de - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. In Revista Portuguesa de História Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2012 p.243

Figura 49 - Lugares arqueológicos islâmicos em Lisboa 85

O GHARB NO AL-ANDALUS, SINTESES E PERSPECTIVAS DE ESTUDO, 23,24,25, SILVES, 2008 – **Lisboa Islâmica: uma realidade em construção**: atas. Silves, 2008 p.385

Figura 50 - Planta Modificada de modo a realçar a informação pertinente na planta (colocação dos edifícios assinalados por Augusto Vieira da Silva a Vermelho. 86

SILVA, Augusto Vieira da – A cêrca Moura de Lisboa: estudo histórico descritivo, Lisboa: Câmara Municipal, 3ªed p.9

Figura 51 - Cerco de Lisboa de 1147 por Roque Gameiro 88

GAMEIRO, Roque – **Cerco de Lisboa 1147** [Documento Icónico]. Consult. 4 de Agosto de 2018] Disponível em [www:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerco_de_Lisboa_\(1147\)#/media/File:Siege_of_Lisbon_by_Roque_Gameiro.jpg>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerco_de_Lisboa_(1147)#/media/File:Siege_of_Lisbon_by_Roque_Gameiro.jpg).

Figura 52 - Com base na planta do Arquiteto Tinoco de 1650 é possível perceber a constituição da Muralha Fernandina. Constitui um elemento fundamental para a perceção, uma vez que, troços da muralha foram completamente destruídos. 91

SILVA, Augusto Vieira - Plantas topográficas de Lisboa. Lisboa: Oficinas gráficas, 1947, p.63

Figura 53 - Zona afetada pelo terramoto de 1755 94

FRANÇA, J. Augusto – **Lisboa pombalina e o iluminismo**, Lisboa: Bertrand, 1977. p.63

Figura 54 - Planta Topográfica da cidade de Lisboa (1949) pós-terramoto com marcação a vermelho do traçado antigo da cidade..... 94

SILVA, Augusto Vieira - Plantas topográficas de Lisboa. Lisboa: Oficinas gráficas, 1947, p.72

- Figura 55 - Lisboa antes e durante o terremoto de 1755 in gravura de Mateus Sautter séc. XVIII..... 95**
 SAUTTER, Mateus - Lisboa antes e durante o terremoto de 1755. **Histórias** [Em linha] 2008 [Consult. 20 junho 2018]. Disponível em WWW:< <http://historiaschistoria.blogspot.pt/2015/11/o-terramoto-de-1755.html>>
- Figura 56 - Estudo para o prolongamento da Avenida Almirante Reis 999**
 Demolições Martim Moniz. **Paixão por Lisboa** [Em linha] 2008 [Consult. 29 junho 2018]. Disponível em WWW:< <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/demolicoes-martim-moniz-20634> >
- Figura 57 - Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195-..... 101**
 BENOLIEL, Judah – **Demolições na Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280492&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280492&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1) >.
- Figura 58 - Fotografia do Martim Moniz da autora..... 101**
 Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195- - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018
- Figura 59 - Alfama de Armando Maia Seródio 1963..... 103**
 SERÓDIO, Armando Maia –**Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=296659&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=296659&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1)>.
- Figura 60 – Lisboa Antiga de Eduardo Portugal 1935..... 103**
 PORTUGAL, Eduardo . Lisboa Antiga in Sapo [Documento Icónico] São Bento: 1935.. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< https://fotos.web.sapo.io/i/o29047375/19790606_fznth.jpeg](https://fotos.web.sapo.io/i/o29047375/19790606_fznth.jpeg) >
- Figura 61 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940..... 103**
 Frame 33min 29 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português - RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>

Figura 62- Mapa assinalado a amarelo, as fotografias em estudo de Alfama e Mouraria do arquivo Municipal de Lisboa.....	105
Mapa da Cidade de Lisboa com o mapeamento dos elementos em madeira encontrados, da autora	
Figura 63- Mapa assinalado a amarelo, as fotografias em estudo de Alfama e Mouraria do arquivo Municipal de Lisboa.....	108
Mapa da Cidade de Lisboa com o mapeamento dos elementos em madeira encontrados, da autora	
Figura 64 - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908.....	110
Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256439&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> .	
Figura 65 -Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908.....	110
Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264301&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> .	
Figura 66 - Largo Rodrigues de Freitas de Artur Bárcia 1900.....	111
BÁRCIA, José Artur Leitão – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1900. Negativo de gelatina e prata de vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://histoire-du-portugal.blogspot.pt/2015/04/lisbonne-du-20eme-siecle-suite-photos.html> .	
Figura 67 - Rua da Regueira, Alfama de Eduardo Portugal 1924	111
PORTUGAL; Eduardo – Rua da Regueira, Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Alfama: 1924. Negativo de gelatina e prata em vidro. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e47e81430001e240&Pos=1&Tipo=PCD> .	
Figura 68 - Largo de São Miguel em Alfama de Armando Maia Seródio 1959	113
SERÓDIO, Armando Maia – Largo de São Miguel em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD	

- Figura 69 - Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969..... 113**
 PASTOR, Artur – **Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1950 - 1969. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).
- Figura 70 - Beco de São Miguel de Mário de Novais 1930 113**
 NOVAIS, Mário – **Casas de Ressalto** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1930.. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater>](https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater).
- Figura 71 - Prédio com roupa estendida de Artur Pastor 198- 113**
 PASTOR, Artur – **Prédio com roupa estendida** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297078&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297078&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).
- Figura 72 - Janela com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Seródio 1959 115**
 SERÓDIO, Armando Maia – **Janela com varanda de sacada, em Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec78854d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec78854d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).
- Figura 73 - Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Seródio 1959 115**
 SERÓDIO, Armando Maia – **Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD).
- Figura 74 - Rua do Castelo Picão - Alfama teve durante os anos de 1950/60 o Concurso de Janelas Floridas, incluído nas Festas da Cidade..... 116**
 SERÓDIO, Armando Maia – **Rua do Castelo Picão** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1953. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD)

Figura 75 - Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963	118
GOULART, Artur João – Bairro da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< AFimg86\A42780.jpg > .	
Figura 76 - Feira dos Antiquários realizada em Alfama de Casa Fotográfica Garcia Nunes 1965	118
Casa Fotográfica Garcia Nunes– Feira dos Antiquários realizada em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1965. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9525e67a854f0001e240&Pos=1&Tipo=PCD .	
Figura 77 - Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bárcia entre 1900 e 1945	119
BÁRCIA, José Artur Leitão – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1900-1945. Negativo de gelatina e prata de vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=266971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 .	
Figura 78 - Rua da Regueira 1952.....	119
Rua da Regueira in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1952. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524ec72834a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD .	
Figura 79 - Arraial de Artur Pastor 1973.....	120
PASTOR, Artur – Arraial in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1973. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1469641&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 .	
Figura 80 - Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira de Armando Maia Serôdio 1960	120
SERÔDIO, Armando Maia – Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1961. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17d844c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD .	
Figura 81 - Rua de Artur Pastor 198-.....	121

PASTOR, Artur – **Rua** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1296741&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>>.

Figura 82 - Prédio de Artur Pastor 198-..... 121

PASTOR, Artur – **Prédio** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297084&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>>.

Figura 83 - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908..... 122

Machado & Souza – **Rua da Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1)>.

Figura 84 – Pormenor da figura 81 (Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908) 122

Machado & Souza – **Rua da Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1)>.

Figura 85 - Primeira casa das bandeiras Joshua Benoliel 1910..... 123

BENOLIEL, Joshua – **Rua de São Miguel** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1910. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/ >](http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/).

Figura 86 - Rua dos Douradores 1908..... 123

Rua dos Douradores in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1908. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.pictame.com/media/1572026207061616288_3125212603](http://www.pictame.com/media/1572026207061616288_3125212603)>.

Figura 87 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930..... 126

SÁ, João de Almeida – **Alfama a Velha Lisboa** [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

Figura 88 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930	127
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video >	
Figura 89 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930	127
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video >	
Figura 91 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930	128
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video >	
Figura 90 - Documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930	128
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video >	
Figura 92 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal	131
PORTUGAL, Eduardo– Exposição Lisboa Antiga in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Lisboa: 1935. [Consult. 24 de Jun 2018] Disponível em WWW. < https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1873206466238153.1073741921.1493627784196025/1873206872904779/?type=3&theater >.	
Figura 93 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal	132
PORTUGAL, Eduardo– Exposição Lisboa Antiga in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Lisboa: 1935. [Consult. 24 de Jun 2018] Disponível em WWW. < https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1873206466238153.1073741921.1493627784196025/1873206532904813/?type=3&theater >.	
Figura 94 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal	132
PORTUGAL, Eduardo– Exposição Lisboa Antiga in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Lisboa: 1935. [Consult. 24 de Jun 2018] Disponível em WWW. < https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1873206466238153.1073741921.1493627784196025/1873206496238150/?type=3&theater >.	
Figura 95 - Mapa da Exposição " Lisboa Antiga" de 1935	134

Catálogo da Exposição de motivos de Lisboa in Alfarrabista Eduardo Martinha . [Documento Icónico] Lisboa: 1935. [Consult. 30 de Jun 2018] Disponível em WWW. < <http://www.eduardomartinho.pt/loja/primeira-exposicao-de-motivos-de-lisboa-festas-da-cidade-1935/>>.

Figura 96 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935..... 135

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em WWW <<http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>> Frame: 01min15seg18

Figura 97 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935..... 135

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em WWW <<http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>> Frame: 04min09seg10

Figura 98 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935..... 136

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em WWW <<http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>> Frame: 08min01seg09

Figura 99 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935..... 136

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em WWW <<http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>> Frame: 13min04seg02

Figura 100 – Guia oficial da Exposição Mundo Português 1940 138

Guia oficial da Exposição Mundo Português 1940 in Portugal Memória. [Documento Icónico] Lisboa: 1940. [Consult. 02 de Julho 2018] Disponível em WWW. < <https://portugalmemoria1640.wordpress.com/2018/03/19/exposicao-do-mundo-portugues/>>.

Figura 101 - Bairro Comercial em A Exposição do Mundo Português de 1940 139

Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica. Lisboa: Edições SNI, 1957

Figura 102 - Bairro Comercial em A Exposição do Mundo Português de 1940 139

Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica. Lisboa: Edições SNI, 1957

Figura 103 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940..... 140

RIBEIRO, António Lopes - **Exposição do Mundo Português** [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>

- Figura 104 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940..... 141
RIBEIRO, António Lopes - **Exposição do Mundo Português** [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>
- Figura 105 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940..... 141
RIBEIRO, António Lopes - **Exposição do Mundo Português** [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>
- Figura 106 - Ilustração do Beco da Cardoso presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” . 144
TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198
- Figura 107 - Ilustração de uma casa típica de Alfama presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” 144
TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198
- Figura 108 - Ilustração do Pátio na Rua dos Castelo, Picões, presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” 145
TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.199
- Figura 109 - Ilustração do Arco da Rosa, presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” 145
TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.199
- Figura 110 - Mouraria, Aguarela de Roque Gameiro 147
GAMEIRO; Roque – **Mouraria em Aguarela** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria. Negativo de gelatina e prata em vidro; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=272749&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=272749&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1)>.
- Figura 111 - Rua de Alfama, quadro de Roque Gameiro 1966 147
SERÓDIO, Armando Maia – **Museu da Cidade - Rua de Alfama, quadro de Roque Gameiro** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1966. Pintura. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=952be47c854b0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>>.

Figura 112 - Na Rua de S. Miguel, Alfama de Roque Gameiro.....	147
GAMEIRO, Roque – Na Rua de S.Miguel in Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. Est 08 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em WWW < http:// tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html >.	
Figura 113 - Casas na Rua do Benfornoso de Roque Gameiro	147
GAMEIRO, Roque – Casas na Rua do Benfornoso in Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. Est 06 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em WWW < http:// tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html >.	
Figura 114 - Pátio de uma casa na Rua de Castelo Picão de Roque Gameiro.....	148
GAMEIRO, Roque - Pátio de uma casa na Rua de Castelo Picão in Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. Est 23 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em WWW < http:// tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html >.	
Figura 115 - Postal apresentado na Exposição Internacional de Paris de 1937	151
Antigua Postal de las calles de Alfama - Todo colleccion [Em linha] [Consult. 29 Jun 2018]. Disponível em WWW: < https://www.todocoleccion.net/postales-europa/antigua-postal-calles-alfama-lisboa-ilustrador-alvaro-canelas-no-circulada~x38240198#sobre_el_lote >	
Figura 116 - Rua do Bemfornoso em aguarela por Álvaro Canelas	151
GAMEIRO, Roque – Lisboa in Olhai Lisboa. [Consult. 01 julho de 2018] Disponível em WWW < http://olhai-lisboa.blogspot.com/2015/12/alvaro-canelas.html >.	
Figura 117 - Capa da Revista Flama nº 641 de 1960	153
MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. Flama nº 641 (1960)	
Figura 118 - Capa da Revista Flama nº 655 de 1960	153
MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. Flama nº 655 (1960)	
Figura 119 - Beco de São Miguel presente na Revista Flama nº 641.....	155
MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. Flama nº 641 (1960) p.17	
Figura 120 – Artigo referente ao bairro da Mouraria presente na Revista Flama nº 655.....	155
MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Mouraria. Flama nº 655 (1960) p.12	
Figura 121 - Largo do Convento da Encarnação	157
ANDRADE, Ferreira de - Lisboa , Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.13	

Figura 122 - Pormenor Largo do Convento da Encarnação.....	157
ANDRADE, Ferreira de - Lisboa , Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.13	
Figura 123 - Beco de São Miguel.....	157
ANDRADE, Ferreira de - Lisboa , Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.10 in NOVAIS, Mário – Casas de Ressalto in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1930.. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:<https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater	
Figura 124 - Beco de São Miguel presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	159
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 125 - Pormenor da gelosia na Graça presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	159
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 126 - Casa Típica da zona velha da cidade presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	159
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 5	
Figura 127 - Rua da Mouraria, e arco do Marquês do Alegrete de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	1600
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 128 – Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	1600
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 129 - Rua de São Miguel de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	161
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 130 - Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	161
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 131 - Pormenor do quadro de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"	161
Lisboa no Passado e no Presente . Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11	
Figura 132 - Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969	166

PASTOR, Artur –**Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1950 - 1969. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).

Figura 133 - Fotografia do Autor 2018 166

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 134 - Rua da Regueira 1952..... 167

Rua da Regueira in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1952. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524ec72834a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524ec72834a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).

Figura 135 - Fotografia do Autor 2018 167

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua da Regueira 1952 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 136 - Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963 168

GOULART, Artur João – **Bairro da Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< AFimg86\A42780.jpg >](http://www.alfama.pt/imagens/AFimg86\A42780.jpg).

Figura 137 - Fotografia do Autor 2018 168

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 138 - Pormenor de fotografia da Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902 169

Machado & Souza – **Rua da Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria:1902. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).

Figura 139 - Fotografia do Autor 2018 169

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 140 - Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902 170

Machado & Souza – **Rua da Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria:1902. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).

Figura 141 - Fotografia de Autor, 2018 170

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 142 - Fotografia de Autor, 2018 172

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 143 - Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959..... 172

SERÔDIO, Armando Maia – **Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD).

Figura 144 - Mouraria de Eduardo Portugal 173

PORTUGAL; Eduardo –**Mouraria** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria. Negativo de gelatina e prata em vidro. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).

Figura 145 - Fotografia de Autor, 201817373

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Mouraria de Eduardo Portugal - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018

Figura 146 - Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908 174

Machado & Souza – **Travessa da Nazaré** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256430&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256430&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).

Figura 147 - Fotografia de Autor, 2018	174
Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908l - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018	
Figura 148 - Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bárcia entre 1900 e 1945.....	175
BÁRCIA, José Artur Leitão – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1900-1945. Negativo de gelatina e prata de vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=266971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> .	
Figura 149 - Fotografia de Autor, 2018.....	175
Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bárcia entre 1900 e 1945 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018	
Figura 150 - Beco do Almotacé, em Alfama de Armando Maia Seródio 1963	177
SERÓDIO, Armando Maia – Beco do Almotacé in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1962. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e77e86490001e240&Pos=1&Tipo=PCD> .	
Figura 151 - Fotografia de Autor, 2018.....	177
Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bárcia entre 1900 e 1945 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018	
Figura 152 - Fotografia do Autor, Alfama 2018.....	178
Fotografia contemporânea de Alfama - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018	
Figura 153 - Largo e rua do Convento da Encarnação de Machado e Sousa 1903.....	180
Machado & Souza – Largo e rua do Convento da Encarnação in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: 1903. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 08 de Setembro de 2018] Disponível em www http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=273902&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> .	
Figura 154 - Largo do Convento da Encarnação de Eduardo Portugal	180

PORTUGAL; Eduardo – **Largo do Convento da Encarnação** in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=952be17a83490001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=952be17a83490001e240&Pos=1&Tipo=PCD).

Figura 155 – Fotografia presente no Google Maps de 2014..... 181

Frame do **Largo do Convento da Encarnação** in Google Maps. [Documento Icónico]. Mouraria. [Consult. 22 de Set de 2018] Disponível em https://www.google.pt/maps/@38.715954,-9.1389825,3a,75y,191.91h,98.64t/data=!3m7!1e1!3m5!1scLSOvPZK2gpqCrESUC7UfQ!2e0!6s%2F%2Fgeo3.ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DcLSOvPZK2gpqCrESUC7UfQ%26output%3Dthumbnail%26cb_client%3Dmaps_sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D56.61462%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i13312!8i6656>.

Figura 156 -Largo do Convento da Encarnação | Fotografia do autor..... 181

Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Largo do Convento da Encarnação de Eduardo Portugal - Registo fotográfico da autora. Alfama: Setembro 2018

Figura 160 - Interior da pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo 1946 183

MARTINS, João - A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - **Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo** nº 27 (1946) p.56

Figura 161 - Interior da pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo 1946 183

MARTINS, João - A pousada de Santiago do Cacém: Alentejo - **Panorama: revista Portuguesa de Arte e Turismo** nº 27 (1946) p.57

Anexo I – Arquivo Municipal de Lisboa



Crianças em Alfama de Joshua Benoliel 191-

BENOLIEL, Joshua – Crianças em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 191-. Negativo de gelatina e prata em vidro; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=255463&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=255463&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Ermida Ermida de Nossa Senhora da Saúde, na antiga rua da Mouraria de José Artur Leitão Bácia 19—

BÁRCIA, José Artur Leitão – Ermida de Nossa Senhora da Saúde, na antiga rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: 19-- Negativo de gelatina e prata em vidro; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254816&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254816&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256305&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256308&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256308&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256356&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256356&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Travessa da Nazaré in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256427&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256427&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Travessa da Nazaré in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256430&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256430&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256439&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=256439&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Calçada da Mouraria de Eduardo Portugal, 1951

PORTUGAL; Eduardo – Calçada da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: 1951. Negativo de gelatina e prata em vidro; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=262307&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=262307&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Eduardo Portugal, 1949

PORTUGAL; Eduardo – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: 1949. Negativo de gelatina e prata em vidro; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=262307&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=262307&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264301&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264301&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: entre 1898 e 1908. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264351&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264351&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Machado & Souza, 1902

Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria:1902. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Machado & Souza – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria:1902. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=264425&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Panorâmica de Lisboa, plano inferior abranje a Mouraria e Marquês de Alegrete de Eduardo Portugal 1949

PORTUGAL; Eduardo – Panorâmica de Lisboa, plano inferior abranje a Mouraria e Marquês de Alegrete in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Graça: 1949. Negativo de gelatina e prata em vidro; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=269108&AplicacaoID=1&Value=b6a175394718e1f0b8faf2f2c0bab0fe2b325dc718d9f065&view=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=269108&AplicacaoID=1&Value=b6a175394718e1f0b8faf2f2c0bab0fe2b325dc718d9f065&view=1).



Mouraria, Aguarela de Roque Gameiro

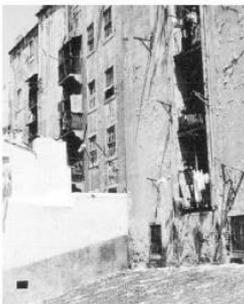
GAMEIRO; Roque – Mouraria em Aguarela in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria. Negativo de gelatina e prata em vidro; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=272749&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=272749&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



A Mouraria antes das demolições. À época o troço final da rua dos Fanqueiros, a rua Silva e Albuquerque a primeira à direita e a rua da Palma a segunda à direita de Judah Benoliel 195- BENOLIEL, Judah – A Mouraria antes das demolições. À época o troço final da rua dos Fanqueiros, a rua Silva e Albuquerque a primeira à direita e a rua da Palma a segunda à direita in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em vidro; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280481&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280481&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



A Mouraria antes das demolições. Antigo troço final da rua dos Fanqueiros, com a entrada, à direita, para a rua Silva e Albuquerque, já tapada, e ao fundo, o princípio da rua da Palma de Judah Benoliel 195- BENOLIEL, Judah – A Mouraria antes das demolições. Antigo troço final da rua dos Fanqueiros, com a entrada, à direita, para a rua Silva e Albuquerque, já tapada, e ao fundo, o princípio da rua da Palma in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em vidro; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280482&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280482&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963

GOULART, Artur João – Bairro da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< AFimg86VA42780.jpg >](http://www.afimg86VA42780.jpg).



Rua da Mouraria de João Hermes Cordeiro Goulart 1967

GOULART, João Hermes Cordeiro – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 1967. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< AFimg115VA57002.jpg >](http://www.afimg115VA57002.jpg).



Rua da Mouraria vista da rua do Capelão de Eduardo Portugal 1932

PORTUGAL; Eduardo – Rua da Mouraria vista da rua do Capelão in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria: 1932. Negativo de gelatina e prata em vidro; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacao-content/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=344782&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacao-content/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=344782&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195-

BENOLIEL, Judah – Demolições na Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280537&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280537&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195-

BENOLIEL, Judah – Demolições na Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em nitrato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280548&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280548&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195-

BENOLIEL, Judah – Demolições na Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 195-. Negativo de gelatina e prata em nitrato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280554&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280554&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Mouraria de Eduardo Portugal

PORTUGAL; Eduardo –Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Mouraria. Negativo de gelatina e prata em vidro. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua da Mouraria de Amadeu Ferrari

FERRARI, Amadeu – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1515410&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1515410&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bárcia entre 1900 e 1945

BÁRCIA, José Artur Leitão – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1900-1945. Negativo de gelatina e prata de vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=266971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=266971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Arco do Rosário que do Terreiro do Trigo leva para a rua da Judiaria de Alfama de António Castelo Branco 195-

BRANCO, António Castelo— Arco do Rosário que do Terreiro do Trigo leva para a rua da Judiaria de Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 195-. Negativo de gelatina e prata em nitrato de celulose; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=273074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=273074&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Visita do vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa e vereação municipal ao bairro de Alfama de Armando Maia Serôdio 1953

SERÔDIO, Armando Maia – Visita do vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa e vereação municipal ao bairro de Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1953. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520e4788d430001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520e4788d430001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

SERÔDIO, Armando Maia – Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec7885490001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Janela com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

SERÔDIO, Armando Maia – Janela com varanda de sacada, em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celuloose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec78854d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec78854d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Largo de São Miguel em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

SERÔDIO, Armando Maia – Largo de São Miguel em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1959. Negativo de gelatina e prata em acetato de celuloose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



SERÔDIO, Armando Maia – Alfama antes das obras de remodelação in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1960. Negativo de gelatina e prata em acetato de celuloose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=283869&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=283869&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Escadinhas de São Crispim em Alfama de Arnaldo Madureira 1960

MADUREIRA, Arnaldo – Escadinhas de São Crispim em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1960. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e67d86490001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e67d86490001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Cortejo dos Reis Magos de Alfama até à Sé Patriarcal realizado com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa de Armando Maia Serôdio 1960

SERÔDIO, Armando Maia – Cortejo dos Reis Magos de Alfama até à Sé Patriarcal realizado com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1960. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Pagina-Documento.aspx?DocumentoID=285505&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Pagina-Documento.aspx?DocumentoID=285505&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Alfama depois de remodelada de Armando Maia Serôdio 1960

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama depois de remodelada in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1960. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17b814c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17b814c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Alfama depois de remodelada de Armando Maia Serôdio 1960

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama depois de remodelada in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1960. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacao-content/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=285842&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacao-content/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=285842&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira de Armando Maia Serôdio 1960

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1961. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17d844c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17d844c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Outeirinho da Amendoeira, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1961

SERÔDIO, Armando Maia – Outeirinho da Amendoeira, em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1961. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17d804a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e17d804a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Largo de São Miguel, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1961

SERÔDIO, Armando Maia – Largo de São Miguel, em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1961. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e37c814e0001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e37c814e0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Figura 156 - Alfama de Armando Maia Serôdio 1962

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1962. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< AF\img78\A38777.jpg>](http://www.alfimg78\A38777.jpg).



Alfama de Armando Maia Serôdio 1963

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e1788d420001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e1788d420001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Alfama de Armando Maia Serôdio 1963

SERÔDIO, Armando Maia –Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=296659&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=296659&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Alfama depois das obras de beneficiação de Armando Maia Serôdio 1963

SERÔDIO, Armando Maia –Alfama depois das obras de beneficiação in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1963. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x12,5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e3798c430001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e3798c430001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Rua C, traseiras do prédio da rua B 1965

Rua C, traseiras do prédio da rua B in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1965. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x12,5 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9527e07a804c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9527e07a804c0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Escadas no Bairro de Alfama de Armando Maia Serôdio 1967

SERÔDIO, Armando Maia –Escadas no Bairro de Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1967. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e57382430001e240&Pos=1&Tipo=PCD >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e57382430001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Rua da Regueira, Alfama de Eduardo Portugal 1924

PORTUGAL; Eduardo – Rua da Regueira, Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Alfama: 1924. Negativo de gelatina e prata em vidro. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e47e81430001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e47e81430001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Remodelações em Alfama de Armando Maia Serôdio 1967

SERÔDIO, Armando Maia – Remodelações em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1967. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 9x12 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e67b824d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e67b824d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Rua da Regueira 1952

Rua da Regueira in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1952. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 10x15 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e-c72834a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9524e-c72834a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Feira dos Antiquários realizada em Alfama de Casa Fotográfica Garcia Nunes 1965

Casa Fotográfica Garcia Nunes– Feira dos Antiquários realizada em Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1965. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9525e67a854f-0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9525e67a854f-0001e240&Pos=1&Tipo=PCD).



Panorâmica sobre Alfama tirada de Santa Luzia de Eduardo Portugal

PORTUGAL; Eduardo – Panorâmica sobre Alfama tirada de Santa Luzia in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Alfama. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346354&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346354&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969

PASTOR, Artur – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1950 - 1969. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1 >](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1066197&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Prédio com roupa estendida de Artur Pastor 198-

PASTOR, Artur – Prédio com roupa estendida in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297078&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297078&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1).



Beco de São Miguel de Mário de Novais 1930

NOVAIS, Mário – Casas de Ressalto in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1930.. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater>](https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1493633104195493.1073741828.1493627784196025/1913499132208886/?type=3&theater).



Largo Rodrigues de Freitas de Artur Bárcia 1900

BÁRCIA, José Artur Leitão – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1900. Negativo de gelatina e prata de vidro; 13x18 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://histoire-du-portugal.blogspot.pt/2015/04/lisbonne-du-20eme-siecle-suite-photos.html>](http://histoire-du-portugal.blogspot.pt/2015/04/lisbonne-du-20eme-siecle-suite-photos.html).



Primeira casa das bandeiras Joshua Benoliel 1910

BENOLIEL, Joshua – Rua de São Miguel in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1910. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/ >](http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/).



Rua dos Douradores 1908

Rua dos Douradores in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1908. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://www.pictame.com/media/1572026207061616288_3125212603>](http://www.pictame.com/media/1572026207061616288_3125212603).



Ermida do Espírito Santo ou dos Remédios de Alfama de Machado e Souza 1899

Machado & Souza – Ermida do Espírito Santo ou dos Remédios de Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico]. Alfama: entre 1898 e 1908. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em [www:< http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/ >](http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2017/09/).



Rua da Mouraria de Eduardo Portugal 1902

PORTUGAL, Eduardo – Rua da Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 1902. Negativo de gelatina e prata em vidro; 13x18 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=263920&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>>.



Mouraria de Artur Pastor entre 194- e 1970

PASTOR, Artur – Mouraria in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Mouraria: 194- e 1970. Prova em papel de revelação baritado; 50,5 x40,5 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1628141&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>>.



Alfama de Armando Maia Serôdio 1962

SERÔDIO, Armando Maia – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1962. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4x5 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e77e-854a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>.



Museu da Cidade - Rua de Alfama, quadro de Roque Gameiro de Armando Maia Serôdio 1966

SERÔDIO, Armando Maia – Museu da Cidade - Rua de Alfama, quadro de Roque Gameiro in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1966. Pintura. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=952be47c-854b0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>.



Alfama de Eduardo Portugal

PORTUGAL, Eduardo – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaoc-ontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=346212&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



Casas de Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1295289&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



PASTOR, Artur – Rua in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1296741&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



Prédio de Artur Pastor 198-

PASTOR, Artur – Prédio in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 198-. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1297084&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



Refeição na rua de Artur Pastor 1973

PASTOR, Artur – Refeição na rua in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1973. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1469619&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



Arraial de Artur Pastor 1973

PASTOR, Artur – Arraial in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1973. Prova em Diapositivo cromogéneo em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1469641&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.



Alfama Amadeu Ferrari

FERRARI, Amadeu – Alfama in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama. Prova em Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6 x6 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em WWW <<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1515392&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>>.



Beco das Cruzes de Armando Maia Serôdio 1962

SERÔDIO, Amado Maia – Beco da Cruzes in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1962. Prova em Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 4 x5 cm. [Consult. 17 de Abril de 2018] Disponível em WWW < <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521ed7f804f0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>>.



PORTUGAL, Eduardo – Exposição Lisboa Antiga in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Lisboa: 1935. [Consult. 24 de Jun 2018] Disponível em WWW. < <https://www.facebook.com/lisboadeantigamente/photos/a.1873206466238153.1073741921.1493627784196025/1873206872904779/?type=3&theater>>.



SERÔDIO, Armando Maia – Rua do Castelo Picão in Arquivo Municipal de Lisboa. [Documento Icónico] Alfama: 1953. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose; 6x6 cm. [Consult. 22 de Dez de 2017] Disponível em www: < <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9520ec73864a0001e240&Pos=1&Tipo=PCD>>

Anexo II – Documentários



Frame 05 min 38 seg 17 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video> >



Frame: 11 min 03 seg 23 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video> >



Frame: 11 min 09 seg 00 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video> >



Frame 11 min 12 seg 15 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame: 13 min 27 seg 04 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



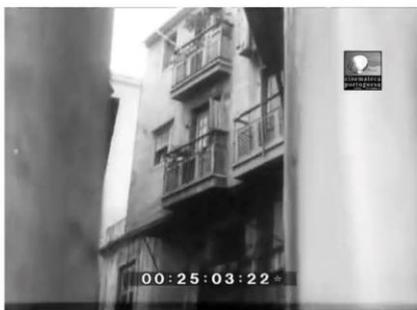
Frame: 18 min 16 seg 06 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame 18 min 39 seg 20 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame: 25 min 03 seg 22 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame: 25 min 18 seg 17 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame 01 min 15 seg 13 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som
(20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame 02 min 08 seg 05 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som
(20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame: 02 min 46 seg 15 de Alfama a Velha Lisboa
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35
mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < [http://www.cinemateca.pt/
Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video](http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video)>



Frame 03 min 35 seg 07 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame 04 min 09 seg 10 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame: 05 min 20 seg 24 de Alfama a Velha Lisboa
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame 05 min 25 seg 23 de Festas da Cidade de Lisboa

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame 06 min 37 seg 05 de Festas da Cidade de Lisboa

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>



Frame: 06 min 39 seg 20 de Alfama a Velha Lisboa

SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW < <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame 08 min 01 seg 09 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>>



Frame 11 min 47 seg 22 de Festas da Cidade de Lisboa
Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>>



Frame: 13 min 04 seg 02 de Alfama a Velha Lisboa
SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>



Frame 14 min 49 seg 12 de Festas da Cidade de Lisboa

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>>



Frame 17 min 22 seg 03 de Festas da Cidade de Lisboa

Festas da cidade de Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1935. 16mm, PB, sem som (20min) Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=17329&type=Video>>



Frame 33min 27 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português
RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW <<https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>



Frame 33min 29 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português
RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>



Frame 33min 32 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português
RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>



Frame 33min 41 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português
RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI>>

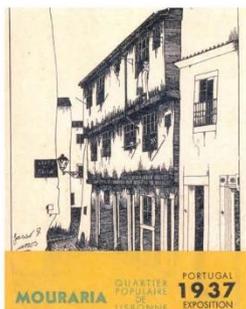


Frame 33min 45 seg do Bairro Comercial em Exposição do Mundo Português
RIBEIRO, António Lopes - Exposição do Mundo Português [Registo vídeo]. Lisboa, 1940. PB, com som (59min) Disponível em WWW < <https://www.youtube.com/watch?v=2QdO6sXEoTI> >

Anexo III – Ilustrações



Antigua Postal de las calles de Alfama - Todo colleccion [Em linha] [Consult. 29 Jun 2018]. Disponível em WWW: < https://www.todocoleccion.net/postales-europa/antigua-postal-calles-alfama-lisboa-ilustrador-alvaro-canelas-no-circulada~x38240198#sobre_el_lote>



CANELAS, Álvaro– Um cartaz de 1937 (Exposição Internacional de Paris in Parceria das conservas. [Documento Icónico] Lisboa: 1937. [Consult. 24 de Jun 2018] Disponível em WWW. < <https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/conservas-portuguesas-na-exposicao-internacional-de-paris-1937/>>.



TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. Ilustração portuguesa. n°13 (1904) p.198



TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. Ilustração portuguesa. nº13 (1904)
p.198



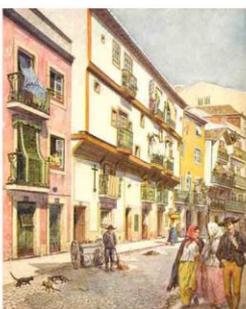
TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. Ilustração portuguesa. nº13 (1904)
p.199



TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. Ilustração portuguesa. nº13 (1904)
p.199



Rua de S. Pedro ao Largo do Chafariz de Dentro - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Rua do Bemformoso - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Princípio das Escadinhas de S. Miguel - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Casa no Largo do Menino Deus - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993.
[Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> > .



Casas na Rua do Benfornoso - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 06
[Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> > .



Na Rua de S. Miguel, Alfama - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 08
[Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> > .



Beco do Castelo - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 09 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Rua de S. Miguel, Alfama - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 18 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Pátio de uma casa na Rua de Castelo Picão - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 23 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Travessa do Terreiro do Trigo - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 26 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Rua do Loureiro - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 37 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Entrada da Rua de S. Miguel, Alfama - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 43 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Nicho na Calçada do Jogo da Péla - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 47 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Na Rua dos Corvos - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 49 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Pátio da Carrasco - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 63 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Casas da Rua Castelo Picão - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 66
[Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Escadinhas de Santo Estêvão - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 66
[Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Casas da Rua de S. Pedro (ao Chafariz de Dentro) - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 88 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Rua de S. Miguel, Alfama - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 89 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.



Casas da Rua da Regueira - GAMEIRO, Roque – Lisboa Velha ed 1º. Lisboa: Vega, 1993. p. 90 [Consult. 01 junho de 2018] Disponível em <http://tribop.pt/ARG/Lisboa%20Velha/3v-TP00%20Lisboa.html> >.

Anexo IV – Fotografias do Autor



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Ermida Ermida de Nossa Senhora da Saúde, na antiga rua da Mouraria de José Artur Leitão Bárcia 19— Registo fotográfico da autora. Alfama: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908 — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Travessa da Nazaré de Machado & Souza entre 1898 e 1908 — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista Calçada da Mouraria de Eduardo Portugal, 1951 — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Eduardo Portugal, 1949 — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908— Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Panorâmica de Lisboa, plano inferior abrange a Mouraria e Marquês de Alegrete de Eduardo Portugal 1949 — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Mouraria, Agarela de Roque Gameiro — Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista A Mouraria antes das demolições. À época o troço final da rua dos Fanqueiros, a rua Silva e Albuquerque a primeira à direita e a rua da Palma a segunda à direita de Judah Benoliel 195- - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de A Mouraria antes das demolições. Antigo troço final da rua dos Fanqueiros, com a entrada, à direita, para a rua Silva e Albuquerque, já tapada, e ao fundo, o princípio da rua da Palma de Judah Benoliel 195- - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Demolições na Mouraria de Judah Benoliel 195- - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Demolições na Mouraria de Judah Benoliel
195- - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Demolições na Mouraria de Judah Benoliel
195- - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Bairro da Mouraria de Artur João Goulart
1963 - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua da Mouraria de João Hermes Cordeiro Goulart 1967 - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Mouraria de Eduardo Portugal - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de - Rua da Mouraria de Amadeu Ferrari - Registo fotográfico da autora. Mouraria: maio 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Rua de São Miguel de José Artur Leitão Bácia entre 1900 e 1945- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Seródio 1959- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Bairro da Mouraria de Artur João Goulart 1963 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama antes das obras de remodelação de Armando Maia Serôdio 1960- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama antes das obras de remodelação de Armando Maia Serôdio 1960- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama depois de remodelada de Armando Maia Serôdio 1960 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama antes das obras de remodelação; beco da Bicha e rua da Regueira de Armando Maia Serôdio 1960 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Outeirinho da Amendoeira, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1961 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Largo de São Miguel, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1961- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama de Armando Maia Serôdio 1962- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Beco do Almotacé, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1963 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama de Armando Maia Serôdio 1963 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama de Armando Maia Serôdio 1963 - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama depois das obras de beneficiação de Armando Maia Serôdio 1963- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Remodelações em Alfama de Armando Maia Serôdio 1967- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Rua da Regueira 1952- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Alfama de Artur Pastor entre 1950 e 1969- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de Prédio com roupa estendida de Artur Pastor 198- - Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Beco de São Miguel de Mário de Novais 1930- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



Fotografia contemporânea do mesmo ponto de vista de Arraial de Artur Pastor 1973- Registo fotográfico da autora. Alfama: janeiro 2018



II – Vertente Prática

Piscinas sobre o Tejo | Intervenção urbana na frente ribeirinha de Azambuja

Índice

Proposta de grupo: Uma paisagem perdida	285-295
Lugar Uma paisagem perdida	286-289
Manifesto do Tejo	290-293
Estratégia	295
Proposta individual:	297-362
Enquadramento Azambuja	298-299
Praia da Casa Branca	300-303
Piscinas do Cais da Santinha	
Evolução	305-311
Infraestruturas	312-315
Paisagem – Flora e espécies arbóreas e herbáceas	316-319
Processo Criativo	320-321
Referências	322-329
Memória Descritiva	324-333
Desenhos técnicos	335-361



PROPOSTA DE GRUPO | Uma paisagem perdida



Figura 1- Margem do Rio Tejo | Fotografia da autora

Lugar

“Pelo Tejo Vai-se para o Mundo

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha

E o Tejo entra no mar em Portugal.

Toda a gente sabe isso.

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia

E para onde ele vai

E donde ele vem.

E por isso porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram.

Ninguém nunca pensou no que há para além

Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.

Quem está ao pé dele está só ao pé dele.”

Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos - Poema XX"

Heterónimo de Fernando Pessoa



Figura 2 - Margem do Rio Tejo | Fotografia radiohertz

Uma paisagem perdida

A vertente prática de Projeto Final de Arquitetura do ano letivo 2017/2018 elegeu o Concelho de Alenquer como território de estudo. Caracterizado por um contraste entre uma rede de infraestruturas de mobilidade e um sistema de produção agrícola e industrial, o concelho tem um dos seus limites territoriais o rio Tejo.

A localização estratégica desta área, inserida na Área Metropolitana de Lisboa (AML) proporciona um ponto de partida para o estudo do rio Tejo, incidindo sobre a frente ribeirinha esquecida e muitas vezes obsoleta. A reflexão sobre a condição do Tejo é um tema de pertinência, como parte integrante de um eixo longitudinal analisado desde Vila Franca de Xira até Valada (Santarém).

O rio Tejo age, neste território, como um elemento estruturante a diferentes níveis, uma vez que desempenhou e continua a desempenhar um papel crucial em diferentes valências. Repensando os lugares à escala do baixo Tejo, este constitui o troço do rio onde se verifica uma maior ocupação urbana, pela existência de diversos núcleos ribeirinhos. Estas áreas urbanas, com maior expressão as aldeias avieiras, possuem, na sua maioria, uma forte relação com as margens e o leito do rio, assim promovem mais facilmente o uso lúdico e recreativo do rio, desempenhando um papel fundamental, através dos recursos hídricos, piscícolas e agrícolas.

A forte presença de um curso de água, como o Tejo, proporciona ao território, um tipo de paisagem específica, que pela sua existência e abastecimento de água aos terrenos adjacentes, gera uma paisagem classificada como a lezíria do Tejo.

Com a nascente em território espanhol, o rio Tejo tem uma extensão de 1070Km, dos quais, somente 270km, são realizados em Portugal. Na contemporaneidade, o Tejo voltou a constituir-se como uma temática muito pertinente. A negligência do rio origina a contaminação e uma exploração como recurso e não como elemento natural autossuficiente.



Figura 3 - Margem decadente do Rio Tejo | Fotografia da autora

Manifesto do Tejo

A negligência do Tejo, originou um período decadente de um ecossistema fundamental para a subsistência. Assim, as consequências inerentes desta negligência, constituíram num alerta das populações para a importância das ocupações territoriais das suas margens que condicionam a vivência deste grande eixo navegável. Este território é marcado pela extração de inertes, esta exploração constituiu uma pressão acrescida sobre o sistema fluvial, contudo, atualmente esta exploração não se verifica com a mesma intensidade que no período passado, uma vez que estava associado a um grande volume de trabalhos de construção civil e de obras públicas.

A constante atividade industrial no Tejo marca a ignorância em relação a este recurso natural. A presença de unidades fabris de enorme proporção, como a fábrica da Mitsubishi, no Tramagal, a fábrica de celulose da Caima, em Constância, a fábrica de papel da Renova, em Torres Novas, as importantes centrais termoelétricas do Pego e do Carregado localizadas estrategicamente à beira-rio e a extração de inertes representa uma pressão enorme sobre o sistema fluvial. Representaram graves períodos de contaminação, onde o rio Tejo é explorado como recurso e não como elemento natural autossuficiente.

Prevê-se a melhoria da condição deste elemento que se encontra muito frágil, partindo da valorização do património construído, de uma cultura em dissolução; consolidação e valorização das galerias ripícolas, que protegem a fauna aquática e impedem erosão hídrica excessiva; reposição da navegabilidade do Tejo; recuperação das Valas do Tejo, que facilitam a drenagem dos terrenos (Vala Real, Vala do Alpiarça, Vala Nova de Benavente); requalificação dos diques e taludes de proteção das cheias; reposição do caudal do rio, libertando volume das barragens, para que ocorra uma limpeza natural dos sedimentos; garantir um controlo sobre o cumprimento das normas de descarga fabris para o rio; constituição de um percurso facilitado que prevê a união de Valada a Lisboa segundo os novos padrões de mobilidade

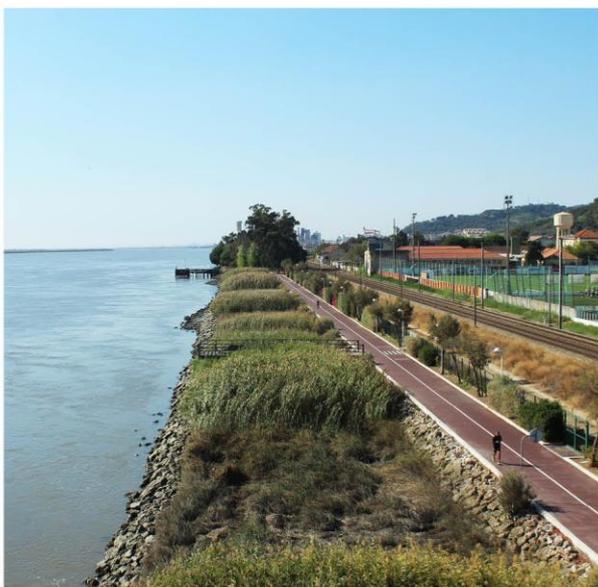


Figura 4 - Caminho Pedonal Ribeirinho de Alhandra |
Fotografia da autora



Figura 5 - Parque Linear de Ribeirinho do Estuário do Tejo
| Fotografia da autora

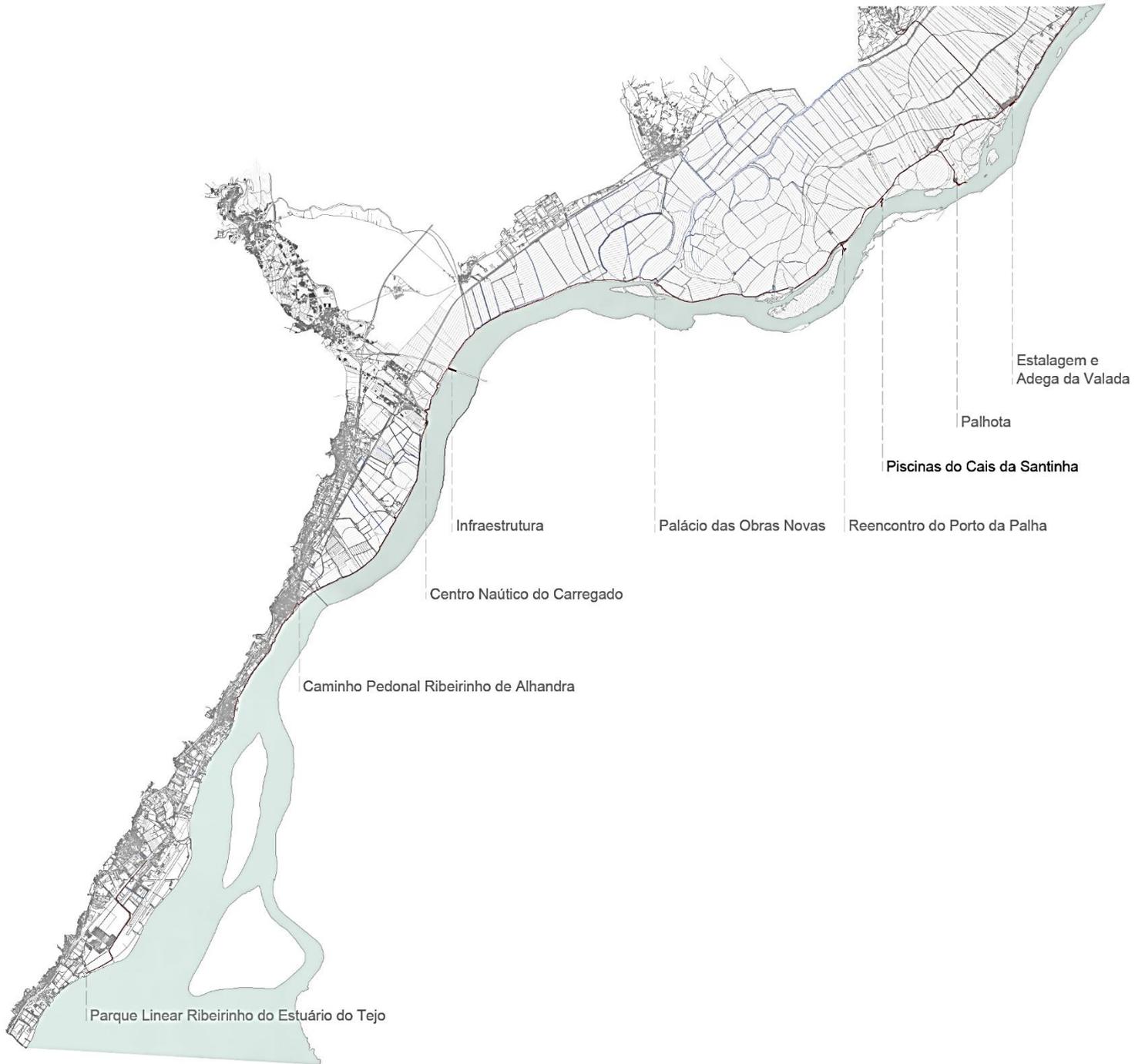
Como principal premissa, a estratégia de grupo procura inverter a sua leitura enquanto traseiras do “construído” para passar a valorizá-lo como uma frente, enaltecendo o elemento que marca a entrada num território, manifestando-se assim como uma bandeira para uma sociedade civil.

Atualmente, esta estratégia de sinalização e recuperação da frente ribeirinha do Tejo está a ser colocada em prática com a realização de projetos desde Lisboa, até Vila Franca de Xira.

O Caminho Pedonal Ribeirinho de Alhandra, um percurso pedestre com ciclovia nas margens do rio Tejo, proposto pela Câmara Municipal, tem como objetivo conectar a população com o rio. Foi realizado faseadamente, e o primeiro troço inaugurado em 2005, conecta área de lazer e desporto. Um percurso que conquista território ao rio, por via de aterros, percorre 3km com zonas de estar generosas, e conecta ao município seguinte, Vila Franca de Xira.

O Parque Linear Ribeirinho do Estuário do Tejo entre a Póvoa de Santa Iria e Alverca do Ribatejo, projeto realizado pelo atelier Topiaris em 2013 integra um percurso pedonal de 6km e um espaço multifuncional de lazer, a praia dos pescadores. O projeto de valorização da frente ribeirinha, desenvolve uma estratégia de um modelo com preocupações de sustentabilidade e de reversibilidade, desenvolvendo um conceito de construção sustentável.

Com a atual mudança de paradigma, e uma consciência de novos padrões de mobilidade sustentável, a estratégia de grupo recupera a primeira “infraestrutura” de transporte, o rio. Com o intuito de uma linha condutora em concordância dos projetos mencionados, é proposta uma ciclovia, que se desenvolve paralelamente ao rio, com conexões perpendiculares sempre que necessário. Esta via condutora é desenvolvida sobre o dique com uma extensão de Lisboa, até Santarém (Valada), último ponto navegável do Tejo, integrando os projetos já realizados desde Lisboa até Vila Franca de Xira.



PROPOSTA INDIVIDUAL | Piscinas do Cais da Santinha



Enquadramento | Azambuja

Azambuja, cidade situada na margem direita do rio Tejo, no distrito de Lisboa, é caracterizada por um contraste urbano e rural. A cidade urbana cresceu de costas voltadas para o Tejo, afastada do rio. Com a construção da linha férrea inaugurada em 1891, acentuou um limite entre o urbano e o campo, evidenciando ainda mais esta desconexão.²³⁶

Existe um claro contraste entre o bairro, a densidade humana, e o campo, de terrenos aluviais inundados pelas cheias no inverno, onde se inserem as aldeias avieras que se localizam nas margens do rio Tejo, com uma forte ligação às atividades piscatórias.

A paisagem na região de Azambuja está ligada ao rio, à fauna e flora, à serra e às propriedades agrícolas, às lezírias e à arquitetura integrada num meio natural e monumentos. A poucos quilómetros do centro de Lisboa, o programa de estratégia de intervenção da Câmara Municipal prevê a descentralização do turismo da capital para a periferia, incluindo a região de Azambuja.

Desde a cidade movimentada, estendem-se vias antigas e sinuosas, que atravessam a paisagem pelos limites dos campos agrícolas das lezírias, com destino ao rio Tejo. As lezírias, terrenos planos e férteis, constituem uma fonte económica de atividade agrícola do país.

Ao longo de toda a frente ribeirinha, os territórios constituem uma paisagem natural única com uma linha de árvores e vegetação autóctones que protege e consolida os solos junto ao rio. Com uma proximidade com o centro urbano, são vistos como espaços a ser devolvidos à população com estruturas de lazer e conexão com o rio.

²³⁶ NONO, Carlos – Efemérides ferroviárias in **Gazeta dos Caminhos de Ferro**, nº 1493 (1950), p. 858. [Consult. 18 de Agosto 2018] Disponível em WWW:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1950/N1493/N1493_master/GazetaCFN1493.pdf>



Figura 7 - Praia da Casa Branca | Fotografia da autora



Figura 8 - Praia da Casa Branca | Fotografia da autora

Praia da Casa Branca

A Praia da Casa Branca, situada no concelho de Azambuja, correspondia ao único espaço público de lazer em contato com o rio, neste concelho. Uma paisagem única, com vista para o Tejo e para o Mouchão da Casa Branca, singular devido aos cavalos selvagens que pastam livremente nos campos. De terreno privado e com investimento realizado pelo município, encontra-se atualmente obsoleto sem margem para recuperações.

Este local de encontro, ficou marcado no coração dos azambujenses que por ali aprenderam a nadar e passavam o verão junto ao Tejo. Apesar do seu fecho se consomar em 2008, até 2014 as pessoas ignoravam os avisos e habitavam o espaço. Contudo, o clima de insalubridade e os crescentes mouchões junto à praia, originaram assoreamentos e fraca corrente ribeirinha, com períodos de tempo sem água (maré-baixa).

A praia contemplava um equipamento de bar com instalações sanitárias, um parque infantil, e um pontão. Acredita-se que a criação do pontão originou uma série de assoreamentos e lodos que constituem outra razão para o abandono da praia pois o investimento de limpeza tinha de ser constante.

Espaço sempre aberto à comunidade, sem controlo e vigilância em períodos inativos, foi sendo ocupada de forma ilegal e ilícita, originando a vandalização de equipamentos. Por outro lado, o território continua a ser lembrado pela população como um, espaço admirado e carregado de nostalgia.

Em consequência da especulação do novo aeroporto de Lisboa e a inerente valorização do território, a Câmara Municipal considerou uma reabilitação da praia, com projeto a cargo do atelier “2arq”. Estes idealizavam uma nova Praia do Tejo, com a valorização de equipamentos, o restaurante, um bar, junto ao areal como arrumos, instalações sanitárias e ponto de socorro. Na questão dos acessos, era melhorado o acesso automóvel e integrado um percurso em ciclovía no dique que ligava a outro equipamentos em Reguengos e Valada. Contudo, a intervenção nunca chegou a ser realizada devido à falta de verbas da autarquia.



Figura 9 – Mouchão da Casa Branca | Fotografia da autora

Os mouchões são pequenas ilhas originadas pela acumulação de aluviões. No rio Tejo, é possível encontrar diversos mouchões, com uma cobertura vegetal, repletas de fauna e flora da região, sendo os exemplos mais significativos as garças e águias.²³⁷

O Mouchão da Casa Branca, dispõe de uma beleza natural, inserido junto à praia da Casa Branca. A visão proporcionada a partir da frente ribeirinha, contempla a elegância dos cavalos lusitanos a pastar livremente, até aos três anos de idade.

Estas pequenas ilhas encontram-se em constante movimentação e mutação devido às cheias e correntes ribeirinhas. Assim, considera-se que a requalificação da Praia da Casa Branca seja irracional, uma vez que, após uma análise sobre o processo evolutivo do mouchão é possível idealizar uma previsão do movimento e considera-se que este passe a integrar parte do território das lezírias, ou seja, coligar-se com a frente ribeirinha na área da Praia da Casa Branca.

Por outro lado, era possível atrasar este processo, interferindo no ecossistema e realizar dragagens constantes, contudo, era um trabalho dispendioso e constante, algo que não se considera viável.

²³⁷ A evolução é natural. **Guia da Azambuja** [Em linha] p.40 [Consult. 17Setembro2018] Disponível em WWW < <http://www.cm-azambuja.pt/files/Publicacoes/Guiajaneiro2010.pdf> >



Figura 10 - Cais da Santinha | Fotografia da autora

Liberdade
Aqui nesta praia onde
Não há nenhum vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente,
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.

Sophia de Mello Breyner Andresen *In No mar novo, 1958*



Figura 11 - Cais da Santinha | Fotografia da autora



Figura 12 - Cais da Santinha | Fotografia da autora



O Cais da Santinha ou Cais das Areias, situado no concelho de Azambuja, correspondeu durante o período compreendido entre 2002 e 2011, a uma estrutura portuária fabril. Este espaço era utilizado para a extração de inertes, que posteriormente era levado por embarcações para o Porto de Lisboa, onde se efetuava a transferência para o Norte de África. A falência da empresa em 2011, devido à crise sentida em Portugal, originou o abandono do território, na situação em que este se encontrava.

Anteriormente, em 2003, sucedeu-se uma tentativa de transformação deste ponto numa zona turística e de lazer. Contudo, a ideia foi recusada porque funcionava “o único cais comercial do concelho”. Atualmente, o território encontra-se obsoleto, constituindo uma oportunidade ideal para a transformação deste local, cheio de potencial e enquadrado com o rio Tejo.

A conjugação do programa com as condicionantes deste lugar, evidenciou a potencialidade para o desenvolvimento de umas piscinas fluviais, um ponto de lazer e ligação com o rio, de forma a gerar novas economias atrativas ao nível turístico e ao nível local. O projeto evidencia os sentidos, o caminhante e o local numa linguagem e identidade do local.

Numa análise territorial, é possível distinguir as infraestruturas móveis e as infraestruturas fixas que integram o território.

Evolução | Lugar

1957



2004



2009



2018





Infraestruturas móveis

As infraestruturas móveis, são considerados todos os elementos de apoio à indústria, que permanecem no local, tanto no território como nas margens do rio. Foram contabilizados sete batelões, um barco de carga, uma draga, maquinarias ligeiras e pesadas, materiais de construção e estruturas leves de apoio. A estratégia passou pela limpeza destas infraestruturas com exceção do batelão que protege as margens de assoreamentos e proporciona uma praia fluvial protegida e controlada.





Infraestruturas fixas

As infraestruturas fixas, são apresentadas pelo dique, e pela doca seca. O dique, estrutura com um afastamento considerável ao rio que separa as lezírias do rio e protege os campos agrícolas das cheias do Tejo. A doca seca, executada como meio de apoio à indústria, altera o território e constitui um enorme vazio. Ambas as infraestruturas informam o novo programa.





Salix alba - Salgueiro
Branco



Populus alba - Choupo
Branco



Pinheiro



Espécies arbustivas
como silvas



Phragmites australis
Cav

Paisagem – Flora e espécies arbóreas e herbáceas

A paisagem ao longo do rio Tejo é marcada por uma presença constante de vegetação ribeirinha, que protege as margens. A vegetação é bastante assinalada no território, através do impacto de espécies herbáceas, que crescem de forma espontânea nas orlas dos campos de cultivo.

O Cais da Santinha, estabelece uma ligação de paisagem natural com a intervenção humana. Contudo, no momento em que o cais se tornou obsoleto, a vegetação cresce sem planeamento nem estrutura, com diversas espécies invasoras. As silvas são um elemento fundamental no ecossistema do território, protegem os campos de cultivo e proporciona uma separação de terrenos, uma vez que, é essencialmente abundante nos limites das parcelas, camuflando as redes divisórias.

Os Salgueiros são as árvores características ao longo da frente ribeirinha, e no Cais da Santinha constituem a primeira linha de proteção das cheias da margem com o rio. O *Phragmites australis* Cav presente junto aos salgueiros, constitui uma planta de grande importância para a avifauna.

O lado do dique que está voltada para o rio é protegido por Choupos-Branços, que proporcionam um espaço intimista ou uma atmosfera cénica. Confina o contacto visual com o rio, incentivando a curiosidade para a sua transposição.

A vegetação autóctone é a única que interessa manter, contudo, os arbustos e as silvas junto ao limite do terreno são tidos em consideração, uma vez que para além de delimitarem, constituem um meio de proteger o local de forma natural.

Considera-se que a vegetação está sempre em constante mudança e crescimento, deste modo, para o presente projeto é assinalado o seu crescimento constante.

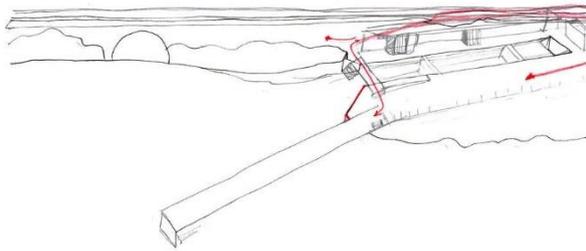


Figura 13 - Cais da Santinha | Fotografia da autora

“Na transparência do rio via os recortes da areia e a vegetação rala. Precisou, lá no fundo, a marca de um pé bem espalmado. Foi pôr-lhe o seu em cima, ficando a perna e abanando o corpo, para que ficasse mais nítida a marca dela; depois deixou-se cair e o impulso da água salpicou os ramos das moitas.”

REDOL, Alves – Avieiros, Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1942 p.75



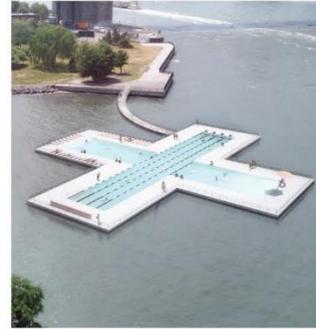




Sørenga Sjøbad / LPO arkitekter | Noruega



Thames Bath Lido | Studio Octopi | Londres



Plus Pool | Dong-Ping Wong,
Archie Lee Coates IV, Jeffrey
Franklin | Nova lorque

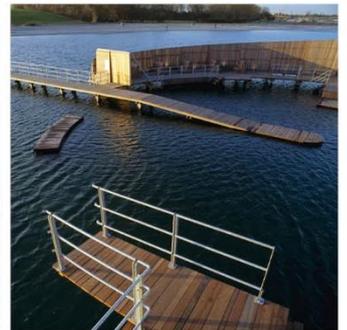
Referências



Copenhagen Harbour Bath | BIG + JDS |
Dinamarca



Vestre Fjord Park | Adept | Dinamarca



Kastrup Sea Bath / White Arkitek-
ter | Dinamarca



Figura 14- Cais da Santinha | Fotografia da autora

Memória Descritiva

A construção de um espaço de lazer para banhistas constitui uma aspiração dos Azambujenses, desde o declínio da Praia da Casa Branca.

A decadência de um território, com elementos fabris móveis em terra e nas margens do rio, parados no tempo, e uma vegetação que cresce sem ordem aparente, proporcionam uma imagem impressionante de um espaço perdido em Azambuja. Os batelões e o barco de carga permanecem intactos ao longo de seis anos, num rio em constante movimento. A doca é uma infraestrutura com influência humana, com grande presença no território, que entra em confronto com uma paisagem existente, rodeada por uma imponente vegetação ribeirinha e a serenidade natural do rio. É assim encarado como um espaço passível de acontecimentos excepcionais.

Uma piscina de água doce, na estrutura portuária fabril obsoleta, separada das lezírias por um dique, reabilita uma área com potencial que carece de utilização. O dique que acompanha paralelamente o rio Tejo, através de um afastamento considerável ao rio, cria espaços entre as margens e o dique. O projeto permite a muitos, nos dias quentes de verão, refrescarem-se no rio Tejo, de uma forma segura e confortável.

A premissa inicial consistiu na preservação da essência do local e do cenário natural envolvente, enaltecendo a paisagem sem uma intervenção invasiva e imposta.

Os percursos de ligação, denunciam caminhos para a serenidade, quer por meio pedestre e ciclável no decorrer do dique, quer a ligação com o centro urbano de Azambuja, pelo interior das lezírias.



Figura 15 – Entrada no Cais da Santinha | Fotografia da autora

Ao transpor o dique, é observado um espaço acolhedor, sem automóveis. É elaborado um percurso por um caminho marcado por choupos e vegetação autóctone densa, que direcionam o olhar para o rio, sem desvendar o projeto numa fase imediata.

As condições naturais do terreno permitem a utilização do território de diversas formas por parte dos banhistas. O cais, já existente, e atualmente utilizado por pescadores, encontra-se bastante degradado. Desta maneira, é substituído, mantendo-se na mesma localização e efeito. A desobstrução de vegetação existente junto à linha de água, proporciona um anfiteatro natural de areia, direcionado para a beleza da paisagem do Tejo, passível de uma praia fluvial protegida pelo batelão que se optou por manter. O projeto de complexo das piscinas, constituem uma maneira mais segura dos banhistas irem a banhos.

Os limites do território correspondem a uma propriedade, cercada por vegetação que realiza a sua separação através de arbustos e silvas que escondem os limites artificiais de redes, existindo um portão de entrada para o terreno, e um a meio do espaço interior. Com um uso balnear em tempo de verão, é necessário repensar os limites do território de modo a proteger o projeto tanto nos meses de inverno como durante a noite. Assim, a deslocação do portão 3 metros, proporciona a circulação e a abertura permanente da praia e do cais, e o fecho das piscinas e o acesso ao batelão, sempre que necessário. A direção dos ventos varia, contudo, a direção mais comum ao longo de todo o ano é o vento de norte. O limite a norte, realizado por vegetação de grande porte, apresenta-se como barreira, proporcionando um espaço agradável nos meses de verão.

Sem comprometer a identidade do local, o projeto insere-se no interior da doca seca. A sua localização, pretende ocupar o interior do imenso vazio, com ligações exteriores. Um percurso desde o ponto de distribuição, faz percorrer exteriormente o projeto, que apresenta uma perceção total da intervenção. A doca prevê um desenvolvimento longitudinal que é intersetado por uma superfície transversal. Este espaço proporciona a ligação entre os dois patamares, constituído por dois percursos principais, exteriores à doca, em rampa e em escada, que definem, não só o espaço superior, como o



Figura 16 – Doca seca | Fotografia da autora

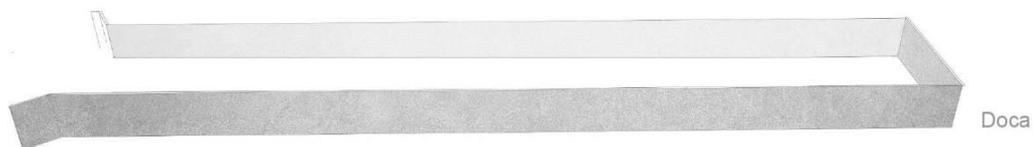
espaço inferior. As entradas em rampas escavadas que se vão alargando para definir um desafogo espacial permitem dar dimensão às entradas estreitas no espaço da doca. Estes espaços de passagem realizados através da interseção dos blocos de programa com os muros da doca, marcam claramente, a diferença entre o deambular e a permanência, entre o átrio de chegada e abertura visual sobre as piscinas.

O programa considerado necessário para um bom funcionamento de piscinas públicas, são vestuários, sanitários, ponto de socorro e um pequeno bar, que se desenvolvem em dois blocos, que para além de apontarem as entradas, articulam e separam a piscina dos adultos da piscina das crianças. O espaço de arrumos, cabine de tratamento de águas e de eclusas, localizam-se num piso técnico inferior, de acesso pelo bloco oeste. O posicionamento estratégico dos dois blocos foi pensado de modo a facilitar as cargas e descargas e entrada de veículos de emergência.

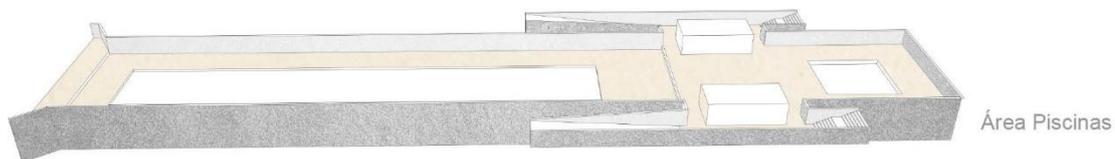
A cobertura de madeira e zinco, marcação da entrada e do programa, repousa sobre os blocos e cobre os espaços interiores da interseção transversal. Num claro sentido de observar os diversos espaços interiores, através da cota superior, a elevação da cobertura da superfície superior, permite a marcação dos espaços. O seu afastamento das paredes dos blocos, promove uma ventilação natural dos espaços.

Reconheceu-se a necessidade de projetar uma piscina para crianças (10X10m), esta de carácter fixa, junto ao limite norte da doca, protegida e possível de controlar, com linha de visão tanto para a zona de chegada e esplanada, de nível coincidente, como para a grande tranque, através de desnível, o que privilegia a segurança das crianças.

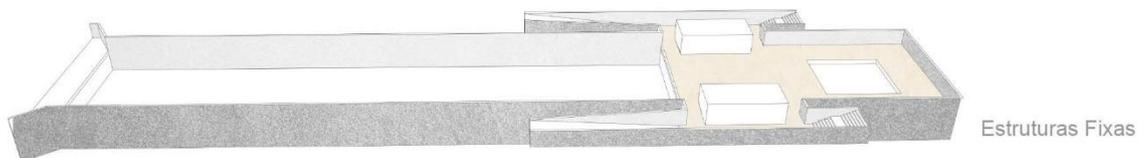
Era inevitável a utilização das marés naturais para o enchimento, esvaziamento e reabastecimento da piscina. Na piscina dos adultos (10X65m), projetou-se uma plataforma de altura variável, de acordo com a maré. O eixo maior da piscina desenvolve-se paralelamente aos limites laterais da doca.



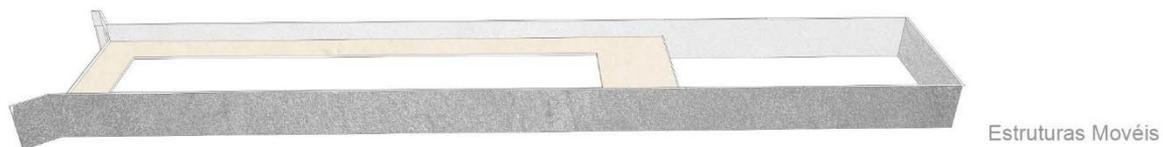
Doca



Área Piscinas



Estruturas Fixas



Estruturas Móveis

Figura 17 – Diagrama de conceção da ideia – Infraestruturas Fixas e Móveis

A piscina funcionará por marés, através de eclusas, que ajudam no bom funcionamento do nível das águas, e limitam e controlam o seu volume no interior da doca.

De modo a assegurar uma altura máxima de 2m no interior da piscina, a plataforma varia de maré de 1m até 1,5m de modo a renovar as águas.

No sentido de criar condições para usufruir do relvado superior, promove-se uma circulação e apropriação do espaço por parte dos banhistas. Este espaço natural, o relvado e os bancos de limite de guarda, proporcionam espaços de estar e de lazer. A plataforma de salto para o rio é direcionada para as margens, e protegida pelo batelão, favorecendo a segurança dos banhistas.

A opção de permanência do batelão no mesmo lugar permite proteger a praia de assoreamentos e manter a essência do local. Este projeto foi desenvolvido por um elemento integrante do grupo de trabalho e utilizado de forma a complementar o percurso e o programa idealizado, através de um restaurante e atracador de barcos. Com a intenção de conectar as pessoas ao rio e renascer o transporte de barco, o cais é fundamental como ponto de ligação ribeirinha.

O cais da Santinha, é um misto de paisagem adulterada e uma paisagem com identidade ancestral. O espaço artificial pode não só enaltecer o lugar como também erguer o espírito daqueles que ali se encontram.

De modo a não descaracterizar nem eliminar a história do local, colocou-se em hipótese a permanência de um conjunto de infraestruturas móveis no local, como espólio do estaleiro, que adicionam a este espaço valor formal, interpretativo, e histórico, constituindo na sua maior parte memórias de outras épocas.

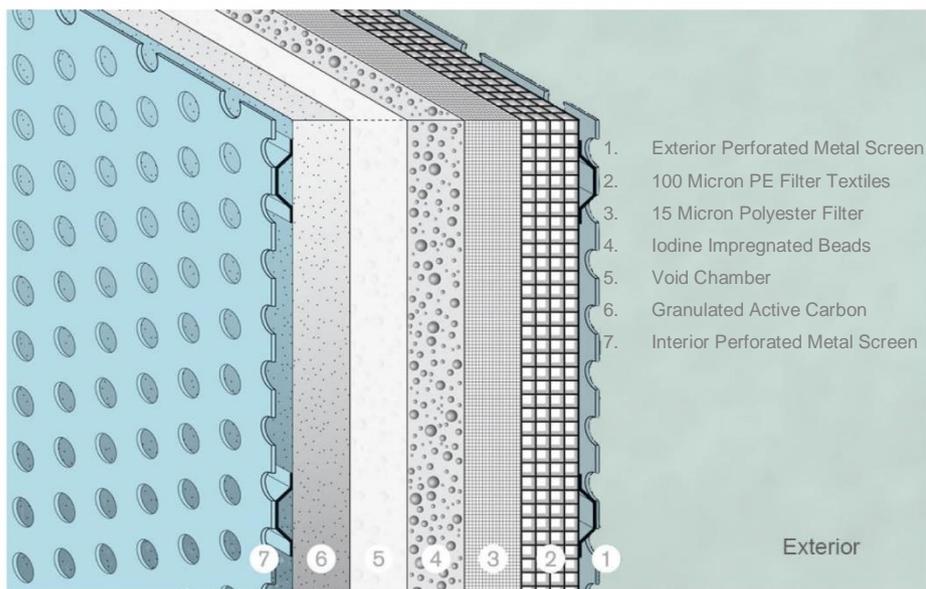


Figura 18 – Diagrama da constituição da parede da piscina

As piscinas correspondem a um sistema construtivo sustentável em madeira, em resposta às condições climáticas ribeirinhas e a um uso balnear em tempo de verão.

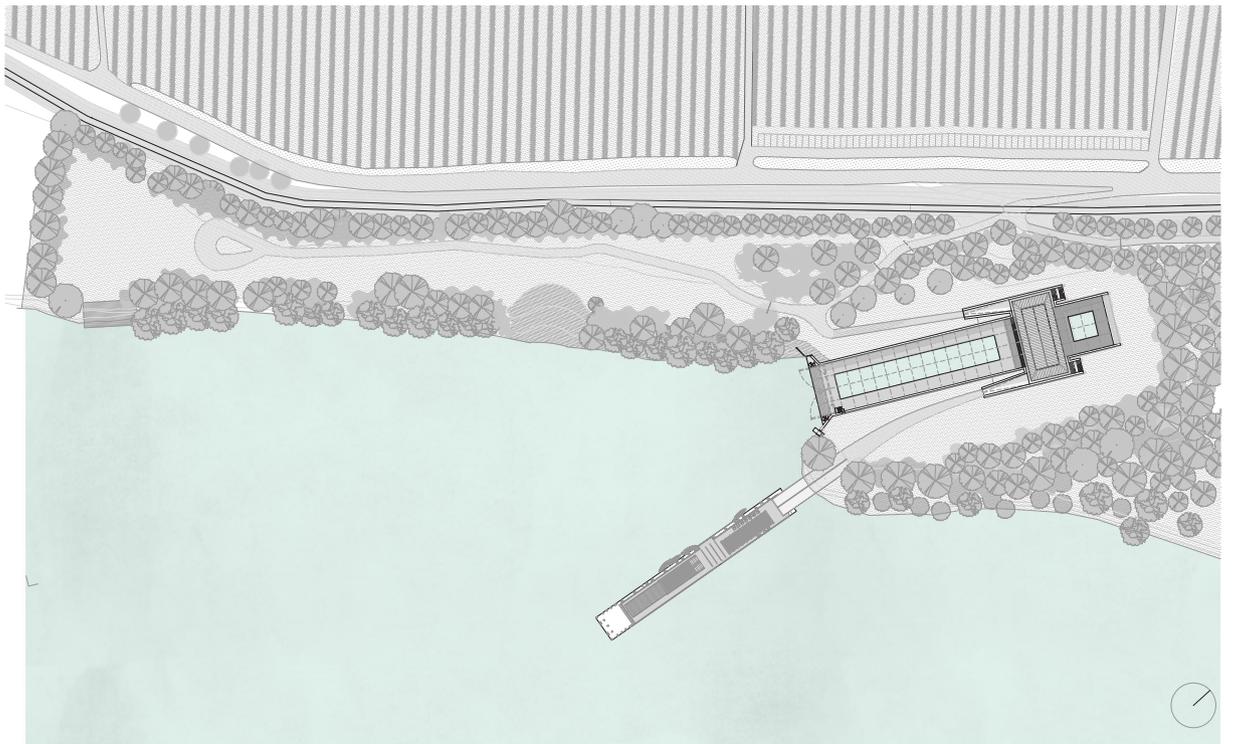
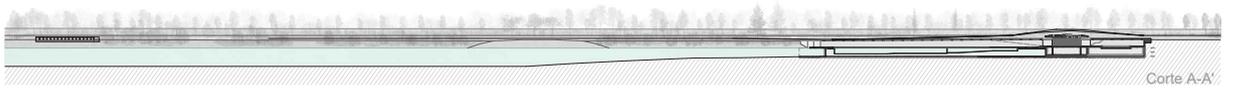
Os pavimentos serão laváveis, com uma escolha criteriosa de materiais, em que as áreas exteriores são revestidas a madeira, passível de ser retirada e lavada esporadicamente. O átrio de chegada e os dois blocos, onde os cuidados de higiene são permanentes, a opção recaiu sobre um pavimento de fácil limpeza, o betão, que concorda com material já existente na doca. As paredes dos interiores dos blocos de águas são revestidas, na parte inferior por viroc, material com maior resistência à água, e na parte superior, madeira, possibilitando a instalação de iluminação artificial.

A cobertura de madeira e zinco, marcação da entrada e do programa, é realizada por uma estrutura mista, de perfis em I e prumos de madeira.

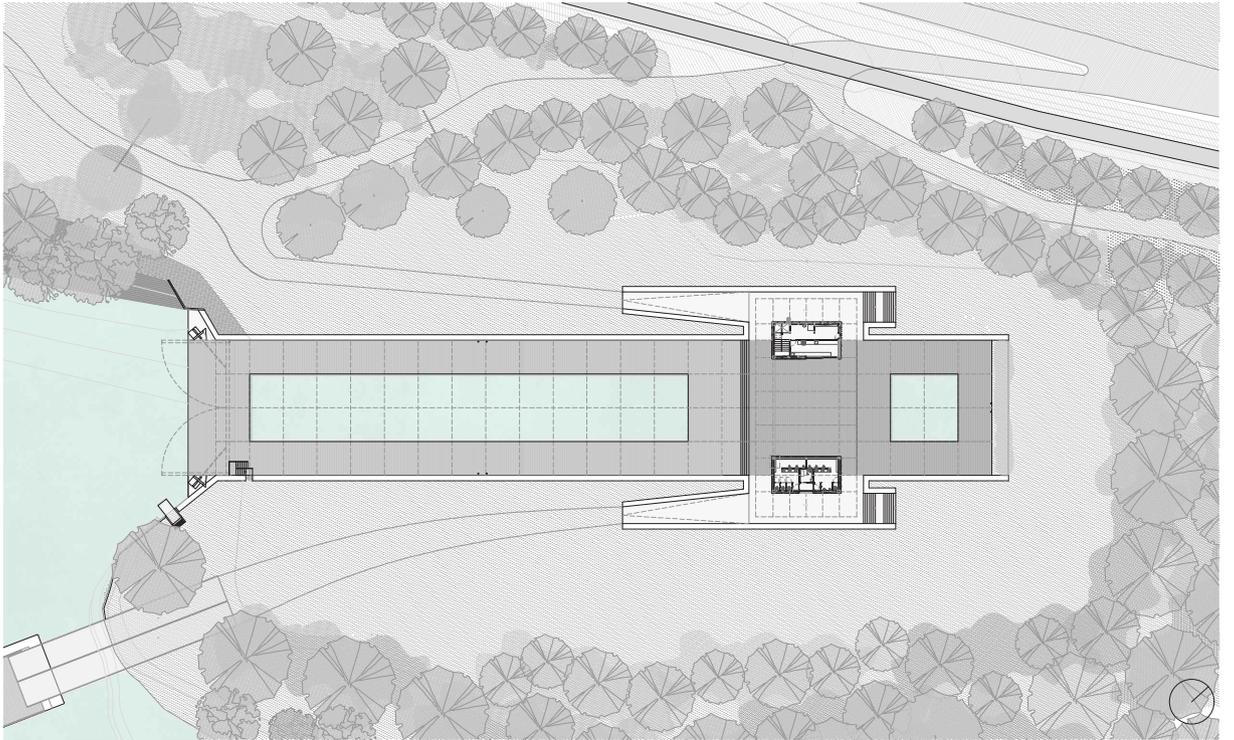
As escadas de ligação da plataforma flutuante variável com a plataforma fixa, acompanham a largura destas, em que o espelho varia de modo a assegurar uma acessibilidade segura e confortável às plataformas.

Devido à recente poluição do rio Tejo, e às consequências inerentes, foi considerada a utilização de paredes de piscinas que filtram a água do rio, e que a torna límpida e sem impurezas. Este sistema foi desenvolvido e testado na piscina “+Pool” em Nova Iorque. Depois de aprovado, foi desenvolvido e aplicado em diversos projetos à escala global, ao longo das margens dos rios. Como tal, optou-se pela utilização deste sistema no tanque de maior dimensão, sendo assim, a parede é composta por três filtros de diferentes dimensões, que previne a contaminação da água por via de sedimentos, bactérias e vírus.

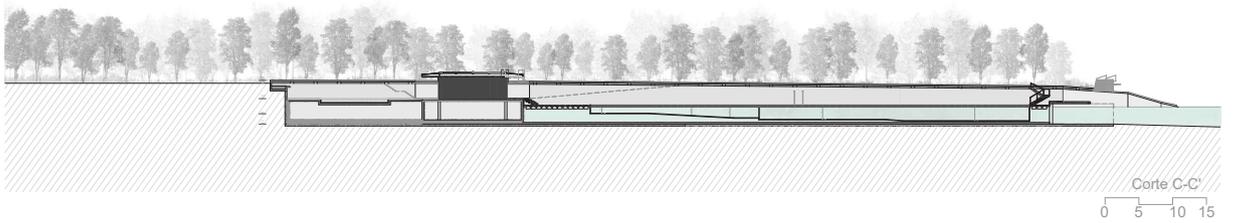
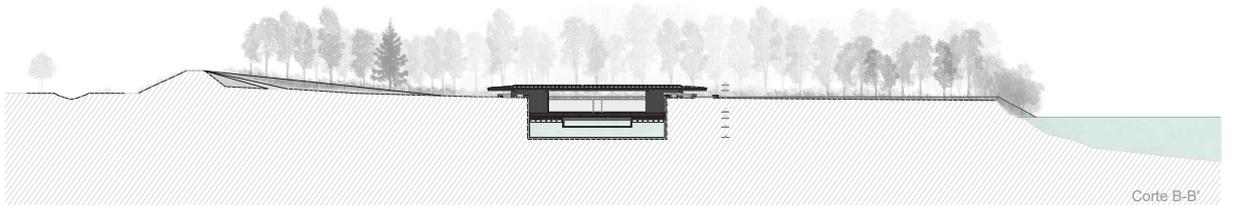
PROPOSTA INDIVIDUAL | Desenhos Técnicos

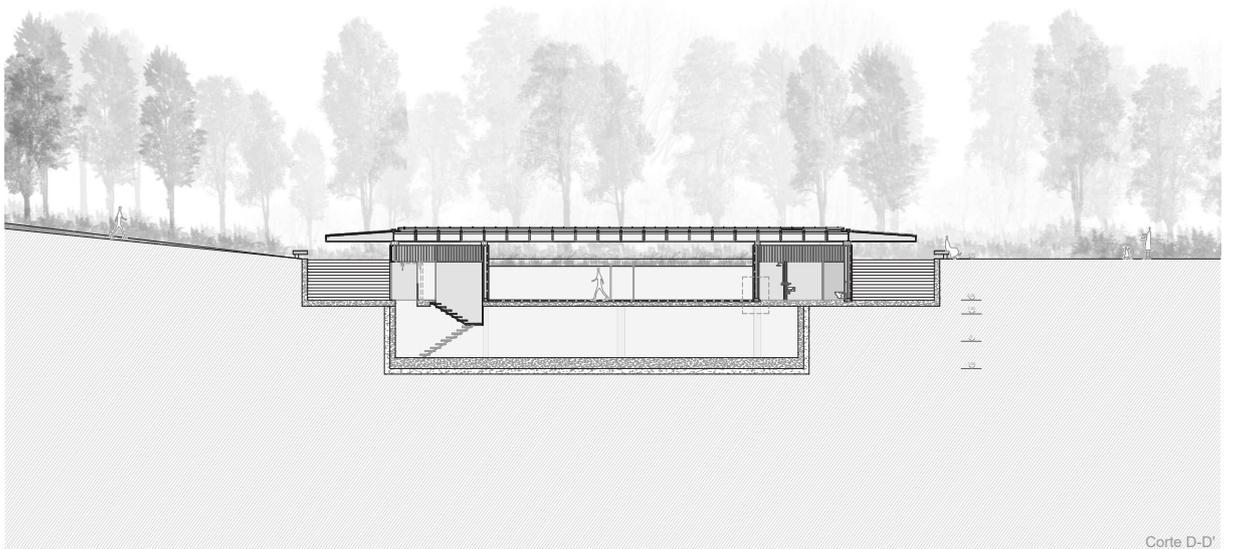


0 10 20 30



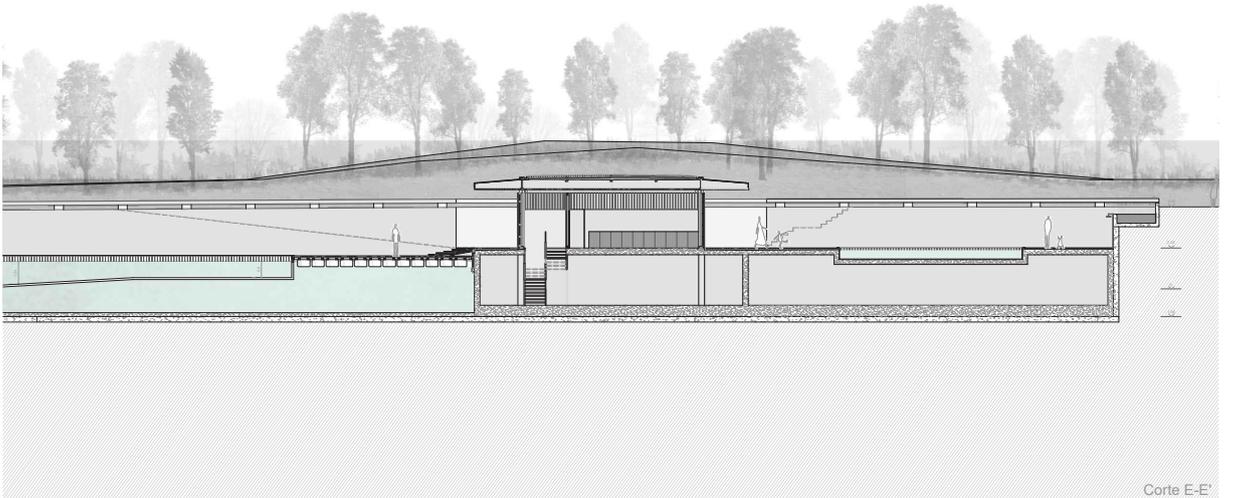
0 5 10 15





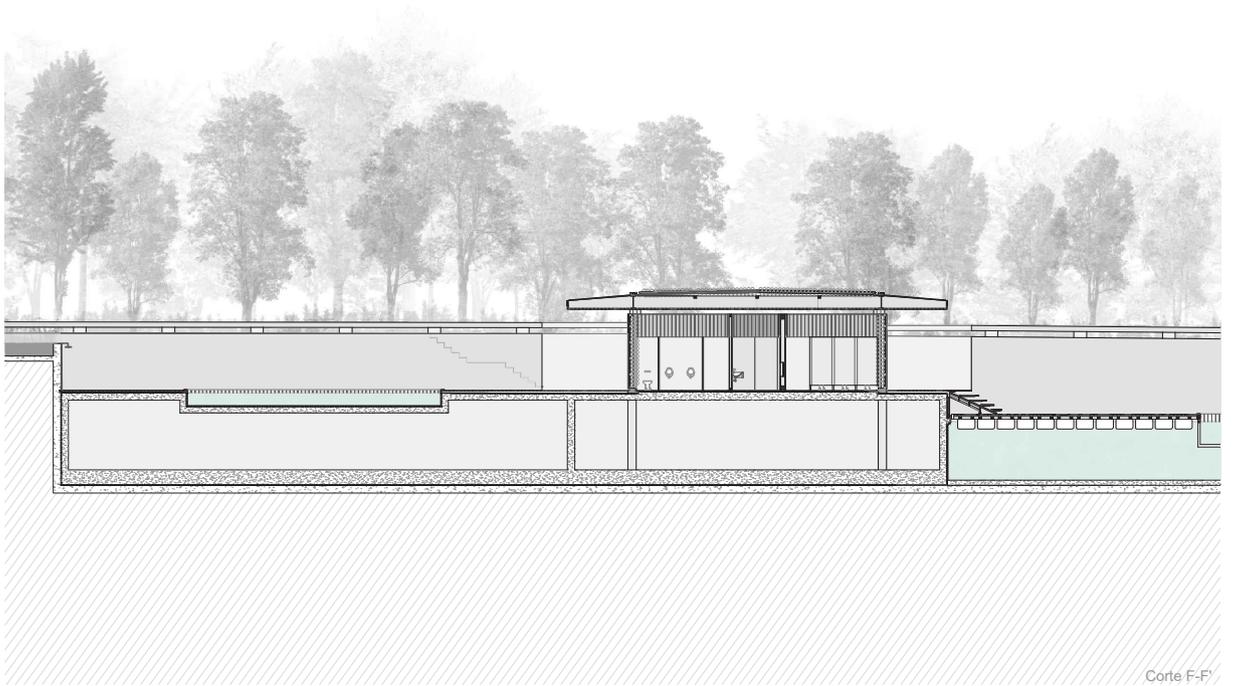
Corte D-D'

0 2.5 5 7.5



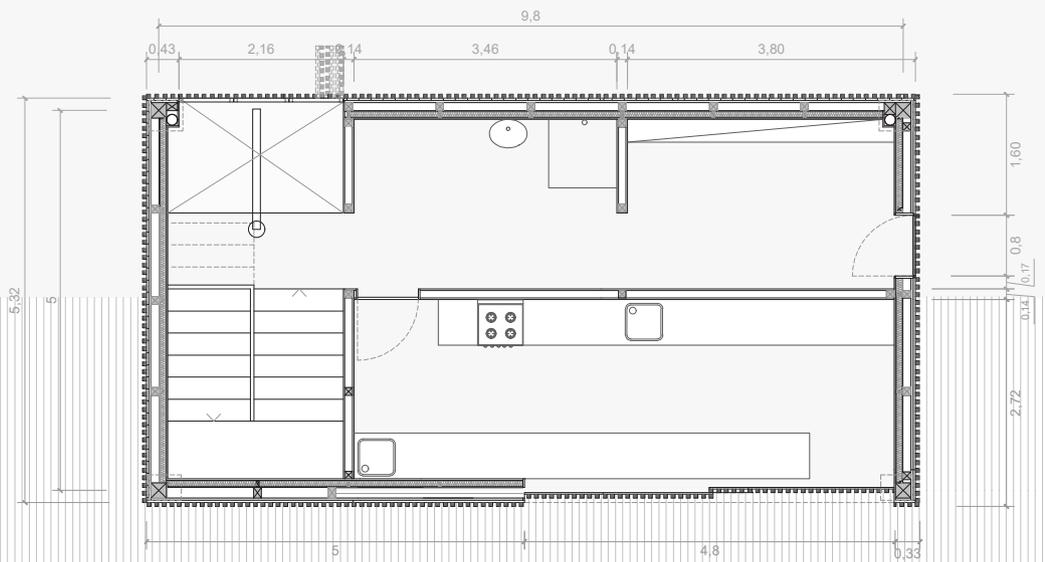
Corte E-E'





Corte F-F'

0 1,25 2,5 3,75



Escala 1/100

